A MÁQUINA DO TEMPO

SUMA

H. G. WELLS

A MÁQUINA DO TEMPO

H. G. WELLS

TRADUÇÃO, PREFÁCIO E NOTAS
BRAULIO TAVARES

SUMA

SUMÁRIO

PREFÁCIO

A MÁQUINA DO TEMPO **É UM DESSES CASOS DE OBRA LITERÁRIA** que origina um subgênero — no caso, o das histórias de viagens no tempo, que hoje já não se restringem à ficção científica, tendo se ramificado por toda parte. Alfred Jarry, Jorge Luis Borges e Kurt Vonnegut Jr. são alguns dos muitos autores que passaram pela porta aberta por Wells, embora Borges, bem ao seu modo, desdenhasse o uso de uma máquina e preferisse “um sonho ou um tapete mágico” para o deslocamento temporal.

Nesse aspecto, Borges era um pré-vitoriano, porque tanto o livro de Wells quanto o próprio autor eram produtos da mentalidade industrial que produziu desde a locomotiva à bicicleta, do automóvel à metralhadora, do balão e o avião à fotografia e ao cinema. Máquinas representavam independência, individualismo e poder de controle. Tal como meios de transporte (que Julio Verne explorou extensamente), eram uma afirmação do homem sobre o Espaço e, por extensão, sobre o tempo (*A volta ao mundo em oitenta dias*).

Inúmeros ensaístas apontaram a coincidência de ser 1895 o ano deste livro e o da invenção do cinema, pelos irmãos Lumière. Duas máquinas do tempo que brotaram de um mesmo caldo cultural de ideias, dois sintomas de um fim de século em que o homem começava a se sentir capaz de acelerar o tempo, retardá-lo, fixá-lo, revertê-lo. Quando, no romance de Wells, o Viajante no Tempo lamenta não ter levado consigo uma Kodak, temos um breve choque de anacronismo, porque pensamos na Kodak como uma contemporânea nossa, não de Wells; mas é justamente o contrário.

A história da ficção científica considera o livro de Wells um marco porque pela primeira vez na literatura a viagem no tempo prescindia dos recursos fantasistas clássicos (sonho, visão, poção mágica, hibernação prolongada, transporte involuntário por meio desconhecido) para instituir, modernistamente, um mecanismo controlado pelo passageiro, que assim pode se deslocar na direção que quiser, parando onde bem entender, e retornar ao ponto de partida quando for conveniente. Em outras palavras, um automóvel para viajar no tempo. Relendo a obra, no entanto, constatamos que seu caráter inovador está menos no hardware (a máquina em si, cujo modo de funcionamento não é explicado em momento algum) e mais no software: a cuidadosa (e, em certa medida, falaciosa) argumentação do Viajante no Tempo sobre as quatro dimensões e a possibilidade de alguém se deslocar na quarta tão facilmente quanto se desloca nas outras três.

Wells é de um laconismo espantoso quanto ao que faz sua máquina se deslocar no tempo. Qual a fonte de energia? De que maneira desprende sua matéria da "seta do tempo"? Sabemos apenas que tem alavancas, para impulsioná-la rumo ao futuro ou ao passado, além de "um mostrador para registrar os dias, outro para os milhares de dias, outro para milhões, e outro para milhares de milhões". Não é de admirar que Julio Verne protestasse, com irritação, contra a literatura de Wells: "Ele inventa!" .Verne se recusaria a sugerir algo cujo funcionamento não pudesse ser explicado de modo satisfatório.

A máquina de Wells, contudo, é de uma natureza literária diferente da natureza do submarino do capitão Nemo ou do balão do dr. Ferguson. Sua descrição lembra menos um veículo e mais um objeto decorativo ou artístico, como uma caixinha de música ou um ovo Fabergé. A adaptação cinematográfica de George Pal (1960) recriou essa máquina (com design de William Ferrari) —, transformando-a em uma espécie de trenó metálico, com um painel de controle, um assento e, atrás do assento, um detalhe ausente do livro: um enorme disco rotatório, que se põe a girar quando a máquina é acionada. Além de ser um dos mais belos artefatos do cinema

steampunk, a máquina desse filme reforça o sentido art nouveau, ornamental e puramente estético daquela imaginada por Wells. Não é um engenho utilitário, é uma obra de arte com peças mecânicas.

Se o hardware é puramente artístico, é a explicação teórica o que constitui a maior contribuição de Wells para o gênero em criação, através da clássica exposição do Viajante no Tempo no capítulo 1 do livro. Entre outras fontes (ele cita, como um detalhe factual, jornalístico, as conferências matemáticas de Simon Newcomb), Wells deve seus argumentos a dois clássicos da chamada protoficção científica. O primeiro é *Flatland, a Romance of Many Dimensions*, de Edwin A. Abbott (1884), com sua discussão sobre seres vivendo simultaneamente em duas, três ou mais dimensões; os outros são os *Scientific Romances* de Charles H. Hinton, publicados entre 1884 e1886 e posteriormente reunidos em um livro sobre o qual Jorge Luis Borges, em um prefácio, afirma: "Wells não o menciona, mas o primeiro capítulo de seu admirável pesadelo, *A máquina do tempo*, invencivelmente sugere que não apenas o conhecia mas que também o estudou, para seu deleite e o nosso".

Depois que Wells nos acostumou a ver o tempo como uma quarta dimensão, a ficção científica passou décadas utilizando esse mote. O tempo foi espacializado de todas as maneiras, com as viagens dos "crononautas" sendo descritas como deslocamentos de um ponto a outro em uma linha reta. O uso mais extremo dessa tendência é o romance de Isaac Asimov *O fim da eternidade* (1955), em que a viagem ao longo dos séculos é efetuada em uma espécie de elevador, dando ao tempo a aparência de um gigantesco arranha-céu em que os viajantes, como ascensoristas, se deslocam em um túnel vertical:

> Girou a alavanca de impulso na outra direção. O mostrador de energia subiu de novo, e desta vez o temporômetro moveu-se rapidamente para o tempo-abaixo ao longo da linha dos Séculos.
>
> *Tempo-abaixo, tempo-abaixo… 99.983… 99.972… 99.959…*
>
> *Harlan mais uma vez mudou a alavanca de posição. Tempo-acima de novo. Lentamente. Bem lentamente.*
>
> *Então, 99.985… 99.993… 99.997… 99.998… 99.999… 100.000…*

Asimov formata seu tempo de uma forma linear que descende diretamente da visão de Wells em *A máquina do tempo*. Essa mesma linearidade viria a produzir metáforas geométricas, como as bifurcações temporais, os laços (ou loops) gerados pelo retorno de um personagem ao próprio passado, o conceito de tempos (ou universos) paralelos e incomunicáveis entre si. O tempo passou décadas sendo descrito por elementos básicos da geometria.

O livro de Asimov também ilustra um paradoxo talvez inevitável nas histórias de viagem no tempo: quanto mais a narrativa vai e vem no tempo, mais ela tem que se prender a um espaço restrito. O Viajante de Wells circula por apenas alguns quilômetros em torno de sua casa, no subúrbio londrino de Richmond, mas seus juízos a respeito do mundo do futuro são abrangentes. Ele faz generalizações sobre a humanidade como se os acontecimentos à beira do Tâmisa estivessem ocorrendo igualmente na Ásia, na América, em toda parte. Há uma boa dose de anglocentrismo ou eurocentrismo nisso, semelhante ao que ocorre em *A guerra dos mundos* (1898), também de Wells, em que a invasão marciana se concentra nos arredores de onde o próprio autor morava na época.

Esse centralismo geográfico, no entanto, deve-se não apenas a comodismo cultural, mas também a questões literárias. Quando, na década de 1990, William Gibson negociava os direitos de *Neuromancer* (1984) para a criação de um game, os roteiristas perguntavam sobre o entorno do Sprawl, o conglomerado urbano onde transcorre a ação no romance, e Gibson respondia: “Não tenho a menor ideia do que estaria ocorrendo em Cleveland ou em qualquer outro lugar, pensei apenas na história que estava contando”. Escritores como Julio Verne ou J. R. R. Tolkien se sentem na obrigação de cobrir todas as áreas da realidade que imaginaram, o que configura uma mentalidade sistematizante e catalográfica. Já escritores de temperamento intuitivo e visionário, como Wells e Gibson, preocupam-se menos com essas filigranas de verossimilhança e se jogam por inteiro na história a ser contada, como se somente ela importasse.

O livro de Wells tem também um aspecto metalinguístico que nem sempre é observado. No capítulo 5, o Viajante no Tempo comenta: “Esta, devo adverti-los, foi a teoria que formulei naquele momento. Eu não dispunha de um providencial cicerone, como ocorre em geral nos romances de Utopia”.

A literatura utópica do século XIX geralmente projetava um indivíduo em uma sociedade futura ou distante e elegia um habitante local para servir de guia ao leitor. Esse recurso conferia à obra um caráter didático, explicativo. A narrativa era uma aventura peripatética, uma aula de história durante um passeio ilustrativo. Wells despreza esse recurso, jogando seu Viajante em um futuro desconhecido e cheio de ameaças, em que ele pode recorrer apenas aos próprios recursos e conta apenas consigo mesmo para interpretar o que vê. Com *A máquina do tempo*, a literatura utópica futurista começava a se transferir do âmbito dos diálogos filosóficos para o dos romances de aventura.

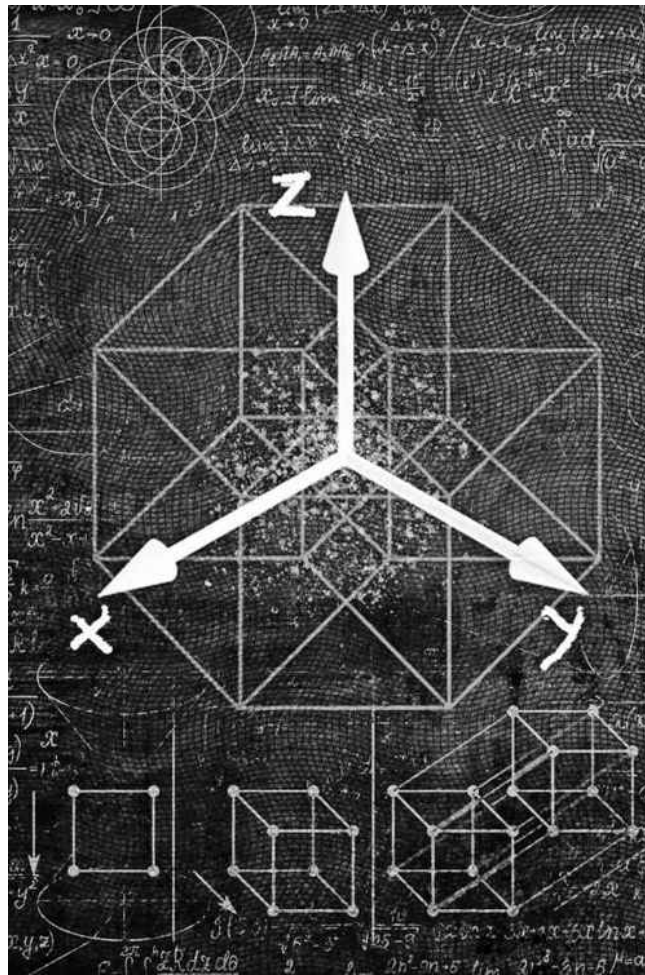
Wells tinha um lado utopista que desenvolveu em numerosas obras de não ficção. Assumiu o papel de reformador do mundo e envolveu-se com a política, reconhecendo as limitações da palavra escrita, mas sabendo tirar partido de suas vantagens. Poucos escritores de ficção científica (ou melhor, poucos escritores) foram tão populares em vida e tão respeitados por governantes e chefes de Estado. Como pensador, ele oscilou a vida inteira entre um impulso reformador didático e um impulso sombrio que o levava a ver o futuro da humanidade com certa frieza e pessimismo. Tal dualidade se manifesta, de diferentes maneiras, em suas principais obras: *A máquina do tempo*, *A ilha do dr. Moreau*, *O homem invisível* e *A guerra dos mundos*.

Ao caminhar pelos relvados do mundo dos Eloi, o Viajante no Tempo se pergunta: “E se nossa raça tivesse perdido a aparência humana e se tornado algo inumano, hostil e de poder esmagador?”. O filósofo Pascal se dizia amedrontado pelo silêncio eterno dos espaços infinitos; Wells, mais pé no chão, teme algo mais concreto que o silêncio: teme uma Presença. Em *A guerra dos mundos*, nosso planeta é observado e estudado a distância por

“intelectos vastos, frios e hostis”. Seus livros são mais pessimistas que os de Verne, mas existe neles uma alegria imaginativa, um entusiasmo fabulatório que Verne só exibe ocasionalmente. Apesar de suas numerosas qualidades, muitas vezes Verne soa como um mestre-escola, enquanto Wells é, acima de tudo, um contador de histórias.

Aos vinte e nove anos, H. G. Wells deu ao *Scientific Romance* — termo então usado na Grã-Bretanha para designar o que hoje chamamos de ficção científica — um conceito básico (o tempo como uma dimensão linear do Espaço), um artefato (a máquina de viajar no tempo), a noção de paradoxo (a flor trazida do futuro; segundo Borges, “a contraditória flor cujos átomos agora ocupam outros lugares e ainda não se combinaram”). Como outros livros minúsculos porém duradouros — *O médico e o monstro*, de Stevenson; *O coração das trevas*, de Conrad; *A volta do parafuso*, de James etc. —, vale pelas imagens essenciais que produziu e que não se esgotaram até hoje.

BRAULIO TAVARES

1

O Viajante no Tempo (pois convém que ele seja designado desta forma) estava nos explicando um assunto dos mais recônditos. Seus olhos cinzentos cintilavam e seu rosto, em geral pálido, exibia cor e animação. O fogo ardia, e a luz suave das lâmpadas incandescentes projetada pelos lírios de prata do lustre fazia luzir as bolhas que despontavam e dançavam em nossas taças de cristal. As cadeiras, de um modelo patenteado por ele próprio, pareciam nos abraçar, nos envolver, mais do que receber o peso de nosso corpo. Em toda a nossa volta havia aquela atmosfera repousante de pós-jantar, quando os pensamentos vagueiam à vontade, livres das barreiras da socialmente exigida precisão. E foi em tal cenário que ele nos expôs sua ideia, reforçando cada ponto com o dedo em riste, enquanto nós, sentados preguiçosamente, admirávamos o fervor e a imaginação com que ele expunha seu novo paradoxo.

— Acompanhem-me com atenção, porque precisarei ir de encontro a uma ou duas ideias de aceitação universal. A geometria que vocês aprenderam na escola, por exemplo, fundamenta-se num equívoco.

— Não acha essa premissa muito audaciosa? — inquiriu Filby, um indivíduo de cabelo ruivo que gostava de polemizar.

— Não lhes peço que aceitem nada se acharem que não há base para tanto. No entanto, em breve todos concordarão com minhas premissas. Todos sabem, imagino, que uma linha geométrica, uma linha de espessura zero, não tem existência real. Estudaram isso, não? Assim como um plano geométrico não existe. Tais elementos são meras abstrações.

— Sem dúvida — disse o Psicólogo.

— Do mesmo modo, um cubo que possua apenas altura, largura e profundidade não pode ter uma existência real.

— Nesse ponto eu discordo — interrompeu Filby. — É claro que existe um corpo sólido como esse. Todas as coisas reais…

— Sim, é o que todos acham. Mas considere: será que existe um cubo *instantâneo*?

— Não entendi — respondeu Filby.

— Será que um cubo que não dure por algum tempo pode ter uma existência real?

Filby ficou pensativo e não disse nada.

— Parece-me claro — prosseguiu o Viajante no Tempo — que qualquer objeto, para ser real, deve se estender em *quatro* direções: deve ter Altura, Largura, Espessura e… Duração. Porém, devido a uma limitação natural dos nossos sentidos, que já explicarei, desprezamos este último aspecto. Existem, na verdade, quatro dimensões, três das quais constituem os três planos do Espaço e uma dimensão adicional, o Tempo. Temos, no entanto, a tendência a estabelecer uma distinção enganosa entre as três primeiras e a última, porque nossa consciência se move de maneira intermitente em uma direção só ao longo do Tempo, desde o começo até o fim da nossa vida.

— Isso é… — começou um rapaz muito jovem, fazendo esforços espasmódicos para reacender seu charuto na chama da lamparina — isso é… bem claro, sem dúvida.

— Pois bem, é impressionante que isso sempre passe despercebido — continuou o Viajante no Tempo, num leve assomo de entusiasmo. — É a isso que nos referimos quando falamos de uma Quarta Dimensão, embora muitos dos que falam sobre a Quarta Dimensão não tenham ideia do que seja. É apenas outra maneira de ver o Tempo. *Não existe diferença entre o Tempo e qualquer das outras três dimensões do Espaço exceto o fato de que nossa consciência se desloca ao longo dele.* Porém, alguns tolos enxergam esta ideia às avessas. Já ouviram o que se diz por aí a respeito da Quarta Dimensão?

— *Eu* não ouvi — disse o Prefeito de Província.

— É muito simples. O Espaço, tal como é concebido por nossos matemáticos, teria três dimensões, chamadas de Altura, Largura e Espessura, e pode ser sempre definido com referência a três planos, cada um em ângulo reto em relação aos demais. Mas alguns filósofos têm se perguntado por que *três* dimensões especificamente; por que não haveria mais uma direção, também em ângulo reto com as demais? Chegaram a tentar construir uma geometria de Quatro Dimensões. O professor Simon Newcomb fez uma conferência a esse respeito há cerca de um mês, na Sociedade Americana de Matemática.[1] Como sabem, numa superfície plana, que consiste em apenas duas dimensões, podemos representar um sólido tridimensional, e, por analogia, ele imagina ser possível representar em modelos de três dimensões um objeto que na realidade possua quatro. Bastaria encontrar a perspectiva correta para reproduzi-lo. Entendem?

— Creio que sim — respondeu o Prefeito de Província, e, franzindo as sobrancelhas, mergulhou num estado de profunda introspecção, movendo os lábios em silêncio como se recitasse palavras mágicas. — Sim, creio que entendo agora — acrescentou depois de algum tempo, seu rosto assumindo uma fugaz expressão de triunfo.

— Bem, não há problema em revelar a vocês que há algum tempo venho trabalhando nesse conceito de Geometria de Quatro Dimensões. E cheguei a alguns resultados interessantes. Por exemplo, aqui está o retrato de um homem aos oito anos, outro aos quinze, outro aos dezessete, outro aos vinte e três e assim por diante. Cada um deles representa uma diferente secção, por assim dizer, de um ser quadridimensional, que é algo fixo e inalterável.

O Viajante no Tempo fez uma pausa para a assimilação da ideia central e então prosseguiu:

— Os cientistas sabem muito bem que o Tempo é apenas uma espécie de Espaço. Aqui está um diagrama científico bastante popular: um registro meteorológico. Esta linha que estou traçando com o dedo representa o movimento do barômetro. Ontem ele estava nesta altura, ontem à noite caiu até aqui, esta manhã voltou a subir, e continuou em uma subida suave até aqui. Concordam comigo que o mercúrio não descreveu essa linha em

nenhuma das dimensões do Espaço que conhecemos? Mas também não há dúvida de que essa linha foi traçada, e somos forçados a concluir que isso se deu ao longo da Quarta Dimensão.

— Se o Tempo é de fato apenas uma quarta dimensão do Espaço — começou o Médico, com o olhar fixo nos carvões que ardiam na lareira —, por que motivo ele é, e sempre tem sido, visto de maneira diferente? E por que não podemos nos mover no Tempo com a mesma liberdade com que nos movemos nas outras dimensões do Espaço?

O Viajante no Tempo sorriu.

— Tem certeza de que nos movemos livremente no Espaço? De fato, podemos ir para a direita e a esquerda, para a frente e para trás, com razoável liberdade de movimentos, e o homem sempre procedeu assim; temos liberdade de nos mover em duas dimensões. Mas e para cima e para baixo? A gravitação nos impõe um limite.

— Não exatamente. Existem os balões — argumentou o Médico.

— Mas antes dos balões, salvo por alguns pulos espasmódicos e as irregularidades da superfície da Terra, o homem não tinha a liberdade do deslocamento vertical.

— Ainda assim, sempre pudemos nos mover um pouco para cima e um pouco para baixo.

— Mais para baixo, muito mais.

— E não podemos nos mover no Tempo. Não podemos nos afastar do momento presente.

— Meu caro senhor, é justamente aí que se engana. É justamente aí que o mundo inteiro se engana. O tempo todo nos afastamos do momento presente. Nossa existência mental, que é imaterial e não tem dimensões, percorre a dimensão do Tempo a uma velocidade uniforme desde o berço até o túmulo. Do mesmo modo como estaríamos em movimento constante de descida se começássemos nossa existência cem quilômetros acima do solo.

— Mas é essa a grande dificuldade — interrompeu o Psicólogo. — Podemos nos mover pelo Espaço em todas as direções, mas não podemos

fazer o mesmo no Tempo.

— Esse é o gérmen da minha grande descoberta. É um erro afirmar que não podemos nos mover no Tempo. Por exemplo, quando recordo de maneira muito vívida determinado incidente, retorno ao instante em que ele sucedeu. Minha mente vagueia, como costumamos dizer, e retorna ao passado. Claro que não temos como permanecer lá por muito tempo, tal como um selvagem ou um animal não consegue permanecer muito tempo dois metros acima do solo, mas um homem civilizado se sai bem melhor nesse aspecto, pois pode vencer a força da gravidade com um balão. Assim, por que motivo não pode ele imaginar que um dia será capaz de acelerar ou interromper seu deslocamento ao longo da dimensão do Tempo, ou mesmo retornar e viajar no sentido contrário?

— Ora, isso tudo é uma… — começou Filby.

— Por que não pode? — insistiu o Viajante no Tempo.

— É contra a razão — respondeu Filby.

— Que razão?

— É possível provar com palavras que o preto e o branco são iguais, mas jamais me convencerei — disse Filby.

— Talvez não, mas agora vocês começam a entender o objetivo das minhas investigações sobre a Geometria das Quatro Dimensões — disse o Viajante no Tempo. — Tempos atrás, tive uma vaga ideia para a construção de uma máquina…

— Para viajar no Tempo! — exclamou o Rapaz Muito Jovem.

— Para viajar em qualquer direção do Espaço e do Tempo, à vontade do piloto.

Filby limitou-se a dar uma gargalhada.

— Mas tenho uma confirmação experimental — prosseguiu o Viajante no Tempo.

— Seria muitíssimo conveniente para um historiador — opinou o Psicólogo. — Ele poderia voltar ao passado e checar a veracidade dos relatos sobre a Batalha de Hastings, por exemplo.

— Não acha que atrairia atenção demais? — considerou o Médico. — Nossos ancestrais não eram muito tolerantes com anacronismos.

— Seria possível aprender grego dos lábios dos próprios Homero e Platão — refletiu o Rapaz Muito Jovem.

— Nesse caso, de nada serviria para ajudá-lo a entrar na universidade. Os eruditos alemães melhoraram muito a língua grega.

— Mas há também o futuro — insistiu o Rapaz Muito Jovem. — Imaginem: um homem poderia investir todo o seu dinheiro e ir buscar adiante os juros acumulados!

— E encontrar uma sociedade estritamente comunista — falei.

— Ora, se não é a teoria mais extravagante que já ouvi! — reagiu o Psicólogo.

— Sim, também me pareceu, e é por isso que nunca comentei nada a respeito com ninguém até…

— Confirmação experimental! — exclamei. — Você vai tentar experimentar isso?

— A experiência! — exclamou Filby, que começava a demonstrar cansaço do assunto.

— Bem, vejamos sua experiência, em todo caso — disse o Psicólogo —, embora tudo isso não passe de uma balela, como sabem.

O Viajante no Tempo sorriu, olhando-nos um a um. Em seguida, ainda com um débil sorriso, e com as mãos nos bolsos da calça, saiu da sala calmamente. Ouvimos seus chinelos afastando-se no longo corredor que dava para seu laboratório.

O Psicólogo virou-se para nós.

— Fico imaginando o que ele tem para nos mostrar…

— Algum de seus truques de prestidigitação — disse o Médico.

Filby começou a nos contar uma história sobre o espetáculo de um mágico que vira em Burslem, porém mal concluíra a parte introdutória quando o Viajante no Tempo voltou, encerrando sua narrativa.

O Viajante no Tempo trazia nas mãos uma estrutura reluzente de metal pouco maior que um relógio de tamanho médio e de feitura muito delicada.

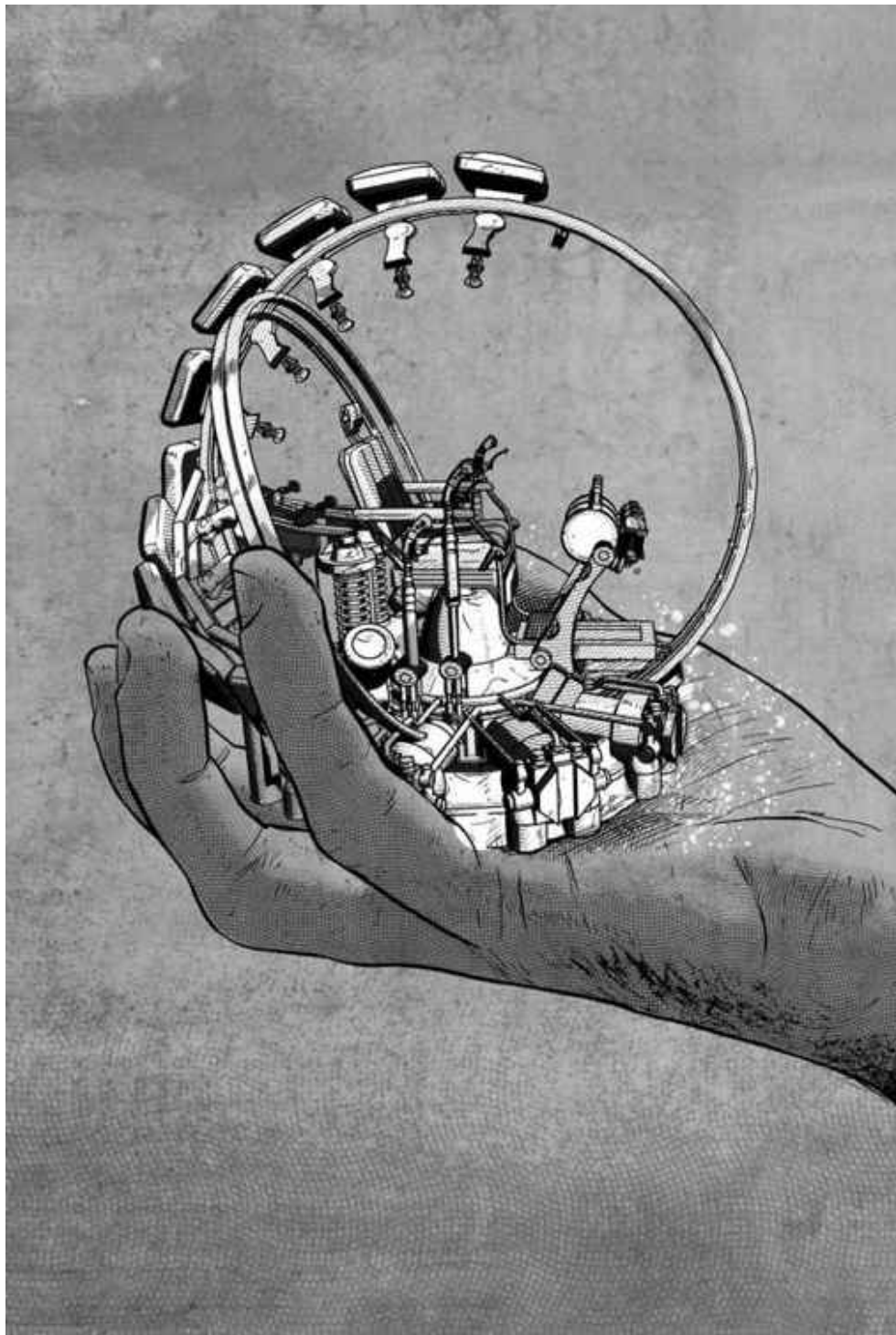
Tinha algumas partes de marfim, outras de uma substância cristalina e transparente. E agora tenho que ser muito explícito, porque o que se seguiu — a menos que aceitemos a explicação dada por ele próprio — foi algo absolutamente inexplicável. Ele puxou uma das mesinhas octogonais da sala para perto da lareira, deixando duas das pernas sobre o tapete, e pousou ali o mecanismo. Em seguida, puxou uma cadeira e se sentou. O único outro objeto sobre a mesinha era uma lamparina pequena, cuja luz incidia em cheio sobre o modelo. Havia em torno talvez uma dúzia de velas, duas delas em castiçais simples de bronze, no console da lareira, e outras tantas em arandelas, nas paredes, proporcionando ampla iluminação na sala. Puxei para a frente a poltrona baixa em que estava sentado, bem próximo à lareira, de modo que fiquei quase entre o Viajante no Tempo e o fogo. Filby estava sentado atrás dele, olhando por cima de seu ombro. O Médico e o Prefeito de Província o observavam de perfil, à sua direita, e o Psicólogo à sua esquerda. O Rapaz Muito Jovem se colocou de pé atrás do Psicólogo. Todos estávamos atentos. Creio ser impossível, em tais circunstâncias, que tenhamos sido iludidos por algum truque, por mais bem concebido e bem executado que fosse.

O Viajante no Tempo olhou para nós e, depois, para o mecanismo.

— E então? — instou o Psicólogo.

— Este pequeno aparato é apenas um modelo — começou o Viajante no Tempo, pousando os cotovelos na mesinha e pegando o objeto com ambas as mãos. — O protótipo de minha máquina de viajar através do Tempo. Podem perceber que tem uma aparência curiosa, meio retorcida, e que esta barra — ele apontou com o dedo — cintila de maneira estranha, como se fosse irreal. Aqui há uma alavanca e aqui há outra.

O Médico se levantou para observar mais de perto.

— É muito bem-feito — constatou.

— Levei dois anos para fabricá-lo — contou o Viajante no Tempo. Depois que todos fizemos o mesmo que o Médico, ele continuou: — Quero que entendam com clareza que esta alavanca, quando acionada, faz a máquina se deslocar para o futuro, e a outra faz o contrário. Este selim é o assento do viajante no tempo. Agora, vou empurrar a alavanca, e a máquina vai partir. Vai desaparecer: vai mergulhar no futuro e desaparecer. Olhem bem para ela. Olhem para a mesa também, certifiquem-se de que não existe nenhum truque. Não quero desperdiçar meu protótipo para depois ouvir alguém dizer que sou um charlatão.

Fez-se talvez um minuto de silêncio. O Psicólogo pareceu-me a ponto de dirigir-me a palavra, mas mudou de ideia. Então o Viajante no Tempo aproximou seu dedo da pequena alavanca.

— Não — disse ele de repente. — Dê-me aqui sua mão.

Virando-se, ele pegou a mão do Psicólogo e pediu-lhe que estendesse o indicador. E foi assim que o próprio Psicólogo enviou o protótipo da Máquina do Tempo em sua eterna viagem. Todos nós vimos a alavanca ser acionada. Tenho certeza absoluta de que não houve truque. Senti um sopro de vento e vi a chama da lamparina agitar-se. Uma das velas no console da lareira apagou-se. Então a pequena máquina começou a girar muito rápido, até se tornar indistinta; por um segundo assumiu uma aparência fantasmagórica, um torvelinho vertiginoso de bronze e marfim, e sumiu — desapareceu! Exceto pela lamparina, a mesa ficou vazia.

Ficamos em silêncio por um minuto. Então Filby pediu que diabos o levassem.

Quando enfim se recuperou da estupefação, o Psicólogo rapidamente se agachou para olhar embaixo da mesinha. O Viajante no Tempo riu alegremente.

— E então? — perguntou ele, imitando o Psicólogo.

E, ficando de pé, foi até a lareira, apanhou do console um vidro de tabaco e começou a encher o cachimbo, de costas para nós.

Entreolhamo-nos.

— Escute, você está falando sério? — perguntou o Médico. — Acredita mesmo que essa maquininha está viajando pelo Tempo?

— Certamente — respondeu o Viajante no Tempo, abaixando-se para acender nas chamas da lareira uma pequena mecha, que usou para acender o cachimbo. Então se virou para o Psicólogo. (O qual, para mostrar que estava com pleno controle dos nervos, puxou do bolso um charuto e tentou acendê-lo sem cortar a ponta.) — Mesmo porque tenho a máquina em tamanho real quase pronta, lá dentro — ele indicou a direção do laboratório —, e, quando estiver finalizada, pretendo fazer essa viagem eu mesmo.

— Você está dizendo que aquela máquina viajou para o futuro? — perguntou Filby.

— Para o futuro ou para o passado, não posso saber qual dos dois.

Depois de uma pausa, o Psicólogo chegou a uma hipótese:

— Deve ter ido para o passado, se é que foi para algum lugar.

— Por quê? — perguntou o Viajante no Tempo.

— Porque presumo que não se moveu no espaço, e, se tivesse ido para o futuro, ainda a veríamos aqui esse tempo todo, uma vez que se deslocou ao longo deste momento que estamos vivendo agora.

— Mas se tivesse ido para o passado — opinei —, nós a teríamos visto quando entramos nesta sala, e também na quinta-feira passada, quando nos reunimos aqui, e na quinta-feira anterior, e assim por diante.

— Objeções graves — comentou o Prefeito de Província, com um ar de imparcialidade, virando-se para o Viajante no Tempo.

— Nem um pouco. Vamos, pense. O senhor mesmo pode explicar. É uma presença abaixo do limiar, sabe? Uma presença diluída.

— Claro que sim — disse o Psicólogo, num tom destinado a nos tranquilizar. — É uma questão muito simples dentro da Psicologia. Devia ter me ocorrido. É algo bem claro e que resolve de maneira cabal esse aparente paradoxo. Não vemos a máquina pelo mesmo motivo que não vemos os raios de uma roda que gira, ou de uma bala que atravessa o ar. Se ela está viajando através do Tempo, cinquenta ou cem vezes mais rápido que nós, se ela atravessa um minuto enquanto nós atravessamos um segundo, a

impressão produzida pelo objeto será sem dúvida de apenas 1/50 ou um centésimo da que produziria em condições normais. Isso me parece claro. — Ele passou a mão no espaço em que a máquina estivera. — Veem?

Ficamos olhando a mesa vazia por um minuto ou mais. O Viajante no Tempo pediu nossa opinião.

— No momento, isso soa bastante plausível — respondeu o Médico. — Mas espere até amanhã. Até que nosso bom senso retorne.

— Gostariam de ver a máquina propriamente dita? — propôs o Viajante no Tempo.

Em seguida, tomando na mão a lamparina, ele nos conduziu pelo longo corredor, em que sopravam correntes de ar, até seu laboratório. Guardo uma lembrança vívida da luz bruxuleante, de sua cabeça estranha e larga vista em silhueta, da dança das sombras e de nós todos o seguindo perplexos mas ainda incrédulos, e de no laboratório contemplarmos uma versão em tamanho maior do modelo que tínhamos visto desaparecer diante dos nossos olhos. Algumas partes eram de níquel, outras de marfim, e outras partes eram blocos de cristal de rocha limados ou serrados. Parecia completo, exceto pelas duas barras retorcidas e de aspecto cristalino ainda sobre a mesa de trabalho, ao lado de papéis cobertos de desenhos de projetos. Aproximei-me para observá-las. Pareciam ser de quartzo.

— Está mesmo falando sério? — insistiu o Médico. — Ou isso é um truque, como o fantasma que nos mostrou no último Natal?

— Com esta máquina — disse o Viajante no Tempo, erguendo a lamparina — pretendo explorar o Tempo. Fui claro? Nunca falei tão sério em toda a minha vida.

Nenhum de nós soube o que responder.

Por cima do ombro do Médico, meu olhar cruzou com o de Filby, que me piscou o olho solenemente.

2

ACHO QUE, NAQUELA OCASIÃO, NENHUM DE NÓS ACREDITOU seriamente na Máquina do Tempo. A verdade é que o Viajante no Tempo era um desses indivíduos tão inteligentes que não podem contar com a credulidade alheia: sempre tínhamos a impressão de não compreender suas intenções por inteiro; sempre suspeitávamos de haver alguma reticência sutil, alguma engenhosidade por trás de sua lúcida franqueza. Se tivesse sido Filby a nos mostrar o protótipo e explicar a teoria, e nas mesmas palavras usadas pelo Viajante no Tempo, teríamos demonstrado muito menos ceticismo. Teríamos, em suma, entendido suas motivações para o projeto — um açougueiro seria capaz de entender Filby. Já no temperamento do Viajante no Tempo havia mais que um mero traço de extravagância, por isso desconfiávamos dele. Coisas que teriam feito a fama de homens menos hábeis pareciam, em suas mãos, meros truques. É um erro fazermos as coisas de um modo que pareça muito fácil. Pessoas sérias que o levavam a sério nunca estavam totalmente seguras a respeito de sua conduta; tinham a vaga suspeita de que depositar nele sua reputação de bom avaliador de pessoas seria como rodear crianças pequenas de porcelanas caras. Assim, nenhum de nós comentou nada sobre viagens no tempo no período que se passou entre aquela quinta-feira e a seguinte, embora os estranhos desdobramentos sugeridos circulassem em nossa mente: a plausibilidade da ideia, ou seja, o caráter incrível da demonstração prática que presenciáramos, e as curiosas possibilidades de anacronismo e de total confusão. De minha parte, eu me preocupava com o truque do protótipo. Lembro que discuti o assunto com o Médico, que encontrei na sexta-feira

no Linnaean.[2] Ele afirmou ter visto algo semelhante em Tübingen e chamou minha atenção para a vela que se apagara durante a demonstração, mas não soube explicar como o truque tinha sido realizado.

Na quinta-feira seguinte, fui novamente até Richmond — acho que eu era um dos convivas mais assíduos à casa do Viajante no Tempo. Cheguei mais tarde que os outros quatro ou cinco homens, que já se encontravam reunidos na sala. O Médico estava de pé diante da lareira com um papel numa das mãos e o relógio na outra. Olhei em volta, procurando o Viajante no Tempo.

— São sete e meia agora — disse o Médico. — Que tal se fizéssemos servir o jantar?

— Onde está…? — perguntei, dando o nome de nosso anfitrião.

— Ah, você chegou agora? Bem, é estranho: ele teve que ir a um compromisso imprevisto e me pediu, neste bilhete, que mandasse servirem o jantar às sete, caso não retornasse. Prometeu explicar tudo quando chegasse.

— Seria uma pena desperdiçarmos essa refeição — disse o Editor de um conhecido jornal, e, diante disso, o Médico tocou a sineta.

O Psicólogo era o único conviva, além de mim e do Médico, que tinha comparecido ao jantar da semana anterior. Os demais eram Blank, o Editor a quem me referi, certo Jornalista e um terceiro homem que eu não conhecia: um indivíduo de barba, reservado e tranquilo. Pelo menos ao que pude observar, não disse uma só palavra a noite inteira. À mesa do jantar, surgiram algumas especulações sobre a ausência do Viajante no Tempo, e sugeri, meio de brincadeira, que talvez estivesse viajando pelo Tempo. Quando o Editor me pediu que explicasse, o Psicólogo se dispôs a fazer um relato morno do "engenhoso paradoxo" e do "truque" que tínhamos testemunhado. Estava no meio de sua explanação quando a porta que dava para o corredor se entreabriu, devagar e sem ruído. Por estar de frente para ela, fui o primeiro a notar que era ele.

— Olá! — exclamei. — Até que enfim!

A porta então se abriu por completo, e o Viajante no Tempo surgiu à nossa frente. Soltei uma exclamação de surpresa.

— Meu Deus! O que aconteceu?! — gritou o Médico.

E todos na mesa se viraram para a porta.

Ele tinha uma aparência espantosa: o paletó imundo e com as mangas sujas de grama; o cabelo em desalinho e, pareceu-me, mais grisalho que antes, não soube dizer se apenas por estar coberto de terra ou por ter de fato perdido a cor. Estava mortalmente pálido, no queixo um corte escuro ainda em processo de cicatrização e estava com uma expressão de muito abatido e cansado, como se tivesse passado por grande sofrimento. Por um instante ele hesitou no umbral, como que ofuscado pelo brilho das luzes, e então entrou na sala, mancando de um modo que eu só vira em pessoas com a sola dos pés ferida. Ficamos olhando-o em silêncio, esperando que dissesse alguma coisa.

Ele não pronunciou uma palavra, apenas caminhou pesadamente até a mesa e apontou para o vinho. O Editor encheu uma taça e a estendeu. Ele a tomou de uma só vez, o que pareceu lhe fazer bem, porque olhou de relance ao redor da mesa e uma sombra de seu velho sorriso perpassou seu rosto.

— O que foi que aconteceu?! — perguntou, enfim, o Médico.

Mas o Viajante no Tempo pareceu não escutá-lo.

— Não quero perturbá-los — disse ele, articulando com dificuldade as palavras. — Estou bem. — Ele se deteve, estendeu a taça para lhe servirem mais vinho e, novamente, o bebeu todo de um só trago. — Muito bom.

Seus olhos ganharam vida, e um pouco de colorido fez-se visível em seu rosto. Seu olhar passeou pelos nossos rostos com uma expressão embotada de assentimento e depois vagueou pela acolhedora sala aquecida. Então ele continuou, como se tivesse certa dificuldade em escolher as palavras:

— Vou tomar um banho e trocar de roupa. Depois disso, voltarei aqui para explicar algumas coisas… Deixem um pouco do pernil para mim. Estou ávido por carne. — Ele se virou para o Editor, que era um visitante raro em sua residência, e lhe perguntou se ia tudo bem. O Editor começou a formular uma pergunta, mas ele o interrompeu: — Falarei sobre isso daqui a pouco. Estou… estou meio estranho! Voltarei em um minuto.

Ele pousou a taça e se dirigiu à porta que levava à escada. Notando mais uma vez como mancava e como seus passos soavam abafados, eu me ergui para olhar seus pés enquanto se afastava: vi que calçava apenas meias rasgadas e manchadas de sangue. Ele fechou a porta ao passar. Tive um impulso de segui-lo, mas logo lembrei que ele detestava qualquer interferência em seus atos. Por um minuto talvez, meus pensamentos vaguearam sem direção. Minha atenção foi trazida de volta à mesa pela voz alta do Editor:

— Renomado cientista exibe comportamento estranho — disse ele, como se fosse uma manchete de jornal (era um costume seu).

— Do que se trata isso, afinal? — perguntou o Jornalista. — Ele andou se fantasiando de mendigo amador? Não estou entendendo nada.

Olhei para o Psicólogo e vi, estampadas em seu rosto, as mesmas impressões minhas. Pensei no Viajante no Tempo mancando, subindo com dificuldade a escada. Acho que ninguém mais havia reparado nisso.

O primeiro a se recobrar inteiramente de sua surpresa foi o Médico, que tocou a sineta (pois o Viajante no Tempo não gostava que os criados permanecessem na sala de jantar durante a refeição) e pediu que lhe servissem um prato quente. Diante disso, o Editor voltou a empunhar seus talheres, com um grunhido, e o Homem Calado o imitou. Continuamos nosso jantar interrompido e a conversa voltou a fluir, pontilhada por exclamações e pausas de perplexidade. Em determinado momento, a curiosidade do Editor pareceu elevar-se alguns graus.

— Será que nosso amigo decidiu complementar seus rendimentos varrendo as ruas? — inquiriu ele. — Ou será que está tendo fases delirantes, como Nabucodonosor?

— Tenho certeza de que tem relação com a tal Máquina do Tempo — comentei, e retomei o relato que o Psicólogo havia começado a fazer sobre os acontecimentos da semana anterior.

Os novos convivas mostraram-se claramente incrédulos, e o Editor fez algumas objeções.

— Ora, mas, afinal, que espécie de viagem no tempo é essa? Não se emporcalha as roupas rolando em um paradoxo, concordam? — E, à medida que se acostumava à ideia, passou a recorrer à caricatura: não se vendiam escovas para roupas no Futuro?!

O Jornalista mostrou-se igualmente incrédulo e uniu-se ao Editor na fácil tarefa de cobrir o assunto de ridículo. Os dois pertenciam àquele novo tipo de jornalistas: indivíduos jovens, alegres, cheios de irreverência.

— Nosso correspondente especial no dia depois de Amanhã relata que… — dizia, ou melhor, bradava o Jornalista, quando o Viajante no Tempo retornou.

Usava um traje normal, e nada em seu aspecto, salvo a aparência emaciada, denotava a mudança que nos provocara espanto.

— Serei franco — começou o Editor, com uma risada. — Esse pessoal estava me contando que você andou viajando pela semana que vem! Diga-nos algo sobre o destino do pobre Rosebery,[3] por favor! Vai nos cobrar quanto pelo furo de reportagem?

O Viajante no Tempo sentou-se, em silêncio, no lugar que lhe fora reservado. Tinha um sorriso tranquilo, como era de costume.

— Onde está o carneiro? — perguntou. — Mal vejo a hora de enterrar meu garfo novamente num pedaço de carne.

— Queremos a história! — bradou o Editor.

— Que se dane a história! — retrucou o Viajante no Tempo. — Primeiro quero comer alguma coisa. Não direi uma palavra enquanto não tiver proteínas circulando em minhas artérias. Ah, obrigado. E o sal, também.

— Uma palavra apenas — propus. — Você estava viajando pelo tempo?

— Sim — confirmou ele, de boca cheia, assentindo com a cabeça.

— Dou-lhe um xelim por página em troca de um relato em primeira mão — ofereceu o Editor.

O Viajante no Tempo empurrou sua taça na direção do Homem Calado, fazendo-a retinir com uma pancadinha da unha. O Homem Calado, que não tirava os olhos do rosto dele, teve um pequeno sobressalto e em seguida encheu a taça com o vinho. O restante do jantar transcorreu num clima

desconfortável. Quanto a mim, perguntas me vinham aos lábios de vez em quando, e ouso dizer que o mesmo acontecia com os outros. O Jornalista tentou aliviar a tensão contando anedotas de Hettie Potter.[4] O Viajante no Tempo permaneceu concentrado na comida, demonstrando um apetite digno de um pedinte. O Médico fumou um cigarro enquanto o observava com os olhos semicerrados. O Homem Calado parecia ainda mais desajeitado do que lhe era habitual e ingeria o vinho com uma regularidade e determinação que traíam seu nervosismo. Por fim, o Viajante no Tempo afastou o prato e voltou a nos dirigir a atenção.

— Acho que devo pedir desculpas — disse ele. — É que eu estava simplesmente faminto. Tive uma experiência espantosa. — Ele pegou um charuto e cortou a ponta. — Vamos para o salão de fumar. É uma história longa demais para ser contada em volta de pratos sujos.

E, tocando a sineta, nos conduziu para o aposento ao lado.

— Vocês contaram a Blank, Dash e Chose sobre a máquina? — perguntou-me ele, enquanto se acomodava numa poltrona; eram os três novos convivas.

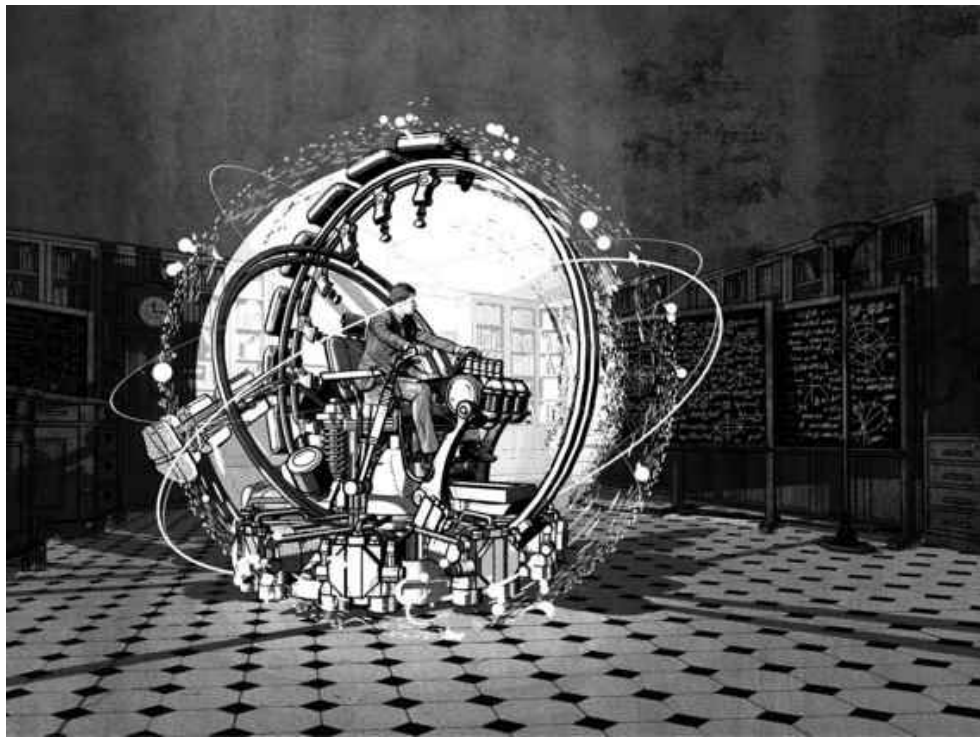
— Essa coisa toda não passa de um paradoxo — disse o Editor.

— Não posso argumentar hoje à noite. Não me incomodo de contar-lhes minha história, mas não vou discuti-la. Contarei tudo que me aconteceu, se estiverem interessados em ouvir, mas não aceitarei interrupções. Preciso contar tudo. Preciso muito. Grande parte lhes parecerá mentira, mas… que seja! É tudo verdade, cada palavra, e nada mudará isso. Eu estava em meu laboratório às quatro da tarde e desde então… desde então vivi oito dias, dias que ser humano nenhum viveu! Estou esgotado, mas não conseguirei dormir enquanto não narrar a vocês tudo que se passou. Só então poderei dormir. Mas nada de interrupções! Combinado?

— Combinado — respondeu o Editor.

Os outros convivas e eu ecoamos:

— Combinado.

Com isso, o Viajante no Tempo principiou sua história, do modo que se segue. Começou sentado em sua cadeira e falando como um homem esgotado pela fadiga, mas pouco a pouco foi se animando. Neste momento, ao transcrever seu relato, sinto a absoluta insuficiência da pena e do papel e, acima de tudo, minha incapacidade para transmitir a substância do que foi dito. Vocês lerão estas páginas, imagino, com toda a atenção, mas não verão, no círculo de luz produzido pela pequena lamparina, a sinceridade no rosto branco daquele homem ao contar a história, não ouvirão as inflexões em sua voz. Não poderão saber como sua expressão acompanhava cada peripécia da narrativa! Durante quase todo o tempo, nós, que o escutávamos, estávamos mergulhados na sombra, porque as velas do salão de fumar não tinham sido acesas, de modo que somente a face do Jornalista e as canelas do Homem Calado estavam iluminadas. No início nos entreolhávamos vez ou outra, mas depois de algum tempo apenas encarávamos o Viajante no Tempo.

3

— Na quinta-feira passada, expliquei a alguns de vocês o princípio da minha Máquina do Tempo e mostrei a máquina propriamente dita, então ainda incompleta, em meu laboratório. Ela está lá de volta, agora, ainda que um pouco desgastada pela viagem. Uma das alavancas de marfim se rachou e um dos apoios de bronze ficou deformado, mas todo o restante se manteve em boas condições. Eu esperava concluí-la na sexta-feira, mas naquele dia, ao finalizar a montagem, descobri que uma das barras de níquel estava dois centímetros mais curta. Tive que fazer outra, por isso só finalizei o trabalho hoje cedo. Foi às dez horas da manhã de hoje que a primeira Máquina do Tempo começou sua carreira. Fiz uma revisão geral, apertei todos os parafusos, pus mais uma gota de óleo na alavanca de quartzo e me instalei no assento. Creio que um suicida, ao encostar na testa um revólver, sente a mesma curiosidade que me invadiu naquele instante: o que aconteceria em seguida? Tomei numa das mãos a alavanca de acelerar e, na outra, a de parar. Empurrei a primeira e, logo depois, a segunda. Tive a impressão de que oscilava, seguida pela sensação de estar caindo, tão comum em pesadelos; olhando em volta, o laboratório permanecia o mesmo. Ainda assim, teria acontecido algo? Por um momento suspeitei que minha mente tivesse me pregado uma peça, mas então meus olhos pousaram no relógio. No instante anterior, parecia-me que marcava poucos minutos após as dez; naquele momento, eram quase três e meia!

“Respirei fundo, cerrei os dentes, segurei com ambas as mãos a alavanca de acelerar e a empurrei novamente. O ambiente à minha volta se tornou indistinto e escuro. A sra. Watchett entrou e, aparentemente sem me ver,

atravessou o aposento até a porta que dá para o jardim. Deve ter levado cerca de um minuto nesse movimento, mas aos meus olhos pareceu disparar como um foguete. Empurrei a alavanca até o fim. A noite surgiu como o desligar de uma lâmpada, e um instante depois o sol nasceu. O laboratório estava cada vez mais indistinto, cada vez mais nebuloso. A noite seguinte surgiu, negra, e depois outro dia, e outra noite, e dias, e noites, cada vez mais depressa. Um murmúrio vertiginoso pressionava meus ouvidos, e minha mente foi sendo tomada por uma confusão atordoante.

"Infelizmente, não me é possível transmitir com precisão as peculiares sensações que produz a viagem no Tempo. São muito desagradáveis. É semelhante a andar numa montanha-russa: ser levado para a frente por um impulso irrefreável! E também, o tempo inteiro, o mesmo pressentimento de uma colisão iminente. Quando fui ganhando velocidade, a sucessão dos dias e das noites se assemelhava ao bater de uma imensa asa negra. O ambiente à minha volta pareceu se desvanecer aos meus olhos, e o sol cruzava velozmente o céu, saltando de um ponto a outro de minuto em minuto, sendo cada minuto correspondente a um dia inteiro. Tive a impressão de que meu laboratório tinha sido destruído e que eu me encontrava agora ao ar livre. Tive também a impressão de me ver cercado por andaimes, mas a essa altura já me deslocava tão rápido que me fugia a consciência de tudo que se movimentava ao meu redor. O mais vagaroso dos caracóis arrastava-se rápido demais para que eu pudesse vê-lo. A sucessão coruscante de luz e treva provocava uma dor terrível nos olhos. Na escuridão intermitente, vi a lua girando ao passar de nova a cheia e tive um vislumbre do carrossel das estrelas. Por fim, à medida que avancei e minha velocidade aumentou ainda mais, a pulsação dos dias e noites se tornou uma luz acinzentada constante; um azul profundo se fixou no céu, uma cor esplendorosa como a do princípio da noite; o sol virou uma faixa fulgurante, um arco de fogo cortando o espaço; a lua, uma faixa quase translúcida que, flutuando, ia de um lado ao outro; e eu não via mais as estrelas, a não ser um círculo que de vez em quando reluzia no azul.

“A paisagem era vaga e enevoada. Eu estava ainda no flanco desta colina em que fica minha casa e a encosta, cinzenta e difusa, se erguia diante de mim. Arvores brotavam e desapareciam como jatos de vapor: num instante eram marrons, depois verdes; e cresciam, estendendo seus ramos, até estremecerem e definharem. Enormes edifícios se erguiam, vagos e esplêndidos, para logo sumirem, como num sonho. Toda a superfície da Terra parecia ter mudado, dissolvendo-se e escorrendo diante dos meus olhos. Os minúsculos ponteiros dos mostradores que registravam minha velocidade giravam mais e mais depressa. Por fim, notei que o cinto dourado do sol saltava de um lado ao outro, de solstício em solstício, em questão de apenas um minuto ou ainda menos, do que concluí que avançava à razão de um ano por minuto; e de minuto em minuto vi a neve espalhar sua brancura sobre o mundo e evaporar-se, sendo substituída pelo verde intenso e passageiro da primavera.

“Àquela altura, as sensações desagradáveis do início eram menos intensas. Fundiram-se umas nas outras, deixando em seu lugar apenas uma euforia histérica. Percebi então uma oscilação lateral da máquina, que não soube explicar, mas a confusão em minha mente impediu que eu me detivesse nessa questão, e, com uma espécie de loucura se apossando do meu espírito, precipitei-me cada vez mais depressa rumo ao futuro. No início eu não tinha intenção de parar, não pensava em nada senão naquelas sensações para mim inéditas, mas logo uma nova série de impressões brotou em minha mente, certa curiosidade acompanhada por temor, que acabaram por tomar conta de mim. Pensei: que estranhos progressos da humanidade, que maravilhosos avanços sobre nossa civilização rudimentar não se revelariam aos meus olhos quando eu me dispusesse a observar esse mundo difuso que flutua e desaparece diante dos meus olhos! Vi arquiteturas majestosas, esplêndidas, erguerem-se, construções mais maciças que qualquer edifício do nosso tempo mas que ainda assim pareciam feitas de luz e névoa. Vi um verde mais deslumbrante cobrir os flancos da colina e permanecer ali sem qualquer interferência do inverno. Mesmo sob o véu de confusão que me envolvia, a terra era muito bela. E então surgiu em mim o desejo de parar.

“O perigo que eu corria era o de encontrar algum objeto no lugar que eu e a máquina ocupávamos. Enquanto eu continuasse a viajar a toda velocidade através do tempo, isso tinha pouca importância, pois eu estava, por assim dizer, desintegrado, atravessando como um vapor os interstícios da matéria. Deter-me, no entanto, significaria unir-me, molécula a molécula, a qualquer coisa que pudesse se encontrar ali, resultando num contato tão íntimo dos meus átomos com os do tal obstáculo que o resultado seria uma intensa reação química — talvez uma devastadora explosão —, e eu seria arremessado, junto com a máquina, de todas as dimensões possíveis… para o Desconhecido. Essa possibilidade me ocorrera várias vezes durante o período em que estava construindo a máquina, mas eu a aceitara de bom grado, como um risco inevitável — um desses resultados que nada se pode fazer exceto enfrentá-lo. Agora que de fato não podia evitá-lo, não via mais a questão com tamanha leveza. A verdade é que, imperceptivelmente, a absoluta estranheza de toda aquela situação, o nauseante oscilar e sacolejar da máquina, acima de tudo, e a sensação de queda prolongada, tudo isso tinha me deixado com os nervos tensos. Disse a mim mesmo que nunca poderia parar e, numa reação petulante, decidi parar naquele mesmo momento. Como um idiota impaciente, puxei a alavanca. A máquina foi lançada ao alto e me vi projetado numa cambalhota em pleno ar.

“Um trovão ensurdecedor ribombou em meus ouvidos. Devo ter ficado atordoado por alguns segundos. Um granizo inclemente caía, e me vi em solo fofo, ao lado da máquina capotada. Tudo ainda tinha aquela mesma tonalidade cinza, mas aos poucos o barulho em meus ouvidos ia desaparecendo. Olhei em redor. O local parecia um pequeno relvado num jardim, cercado por arbustos de rododendros, e reparei que o granizo derrubava os botões em tonalidades malva e púrpura. Ao atingirem a máquina, as pedrinhas de gelo ricocheteavam, formando como que uma nuvem em volta, e se espalhavam pelo relvado como fumaça. Percebi que estava encharcado até os ossos. ‘Quanta hospitalidade para um homem que viajou anos incontáveis para encontrar vocês’, falei.

“Eu estava sendo idiota em me deixar molhar daquele modo, então me pus de pé, olhando em todas as direções. Através da névoa criada pelo granizo, vi, além dos rododendros, uma indistinta figura colossal esculpida em alguma pedra esbranquiçada, mas, afora isso, todo o resto daquele mundo permanecia oculto.

“É difícil descrever minhas sensações naquele momento. Quando as colunas de granizo foram se tornando mais esparsas, identifiquei melhor a figura branca. Era imensa, porque uma bétula de caule prateado chegava apenas até o ombro. Feita em mármore, a forma lembrava algo como uma esfinge alada,[5] mas as asas, em vez de se erguerem verticalmente em ambos os lados, arqueavam-se para os lados, dando a impressão de a criatura estar planando no ar. O pedestal provavelmente era de bronze e estava coberto de azinhavre. O rosto, por acaso, estava voltado na minha direção, os olhos cegos parecendo me observar, e havia uma tênue sombra de sorriso em seus lábios. Estava muito desgastada pelo tempo, o que provocava uma desagradável impressão de doença. Fiquei olhando-a por um tempo, talvez meio minuto, talvez meia hora. Ela parecia mais próxima ou mais distante conforme a chuva de granizo se tornava mais espessa ou mais rarefeita. Finalmente conseguindo afastar o olhar daquela imagem, constatei que a cortina de granizo esgarçava-se e que o céu começava a clarear, com a promessa de sol.

“Voltei a olhar para a figura branca agachada, e foi quando toda a temeridade da minha viagem se fez presente em meu espírito. O que poderia aparecer ali quando aquela cortina de névoa desaparecesse? O que teria acontecido aos homens daquele tempo? E se a crueldade tivesse se transformado num culto entre eles? E se nossa raça tivesse perdido a aparência humana e se tornado algo inumano, hostil e de poder esmagador? Talvez eu viesse a lhes parecer um animal selvagem de um mundo remoto, ainda mais horrendo e repulsivo devido à nossa semelhança — uma criatura bestial que deveria ser morta de imediato.

“A essa altura eu já começara a avistar outras enormes estruturas: grandes edificações com intrincados parapeitos e colunas altíssimas, e uma encosta coberta de árvores, tudo cada vez mais nítido à medida que a tempestade amainava. Fui tomado pelo pânico. Corri de volta para a Máquina do Tempo e lutei para recolocá-la de pé. Os raios do sol começaram a se filtrar por entre a tormenta. A chuva acinzentada não demorou a diminuir e foi varrida para longe como se fosse o manto esgarçado de um fantasma a se afastar. No alto, no azul intenso de um céu de verão, farrapos de nuvens de cor acastanhada se desfaziam. Os grandes edifícios agora eram claros e distintos, brilhando ainda úmidos da tormenta e ornamentados de branco pelo granizo ainda não derretido que se acumulava nas passarelas. Eu me sentia como que nu naquele mundo estranho. Sentia-me como talvez um pássaro se sinta em pleno ar sabendo que o falcão paira sobre ele e que em breve dará seu mergulho. Meu medo cresceu até o desespero. Parei para recobrar o fôlego, cerrei os dentes e mais uma vez agarrei a máquina com toda a minha energia, forçando os punhos e os joelhos. Ela acabou cedendo ao meu esforço e voltou à posição certa. O movimento brusco me atingiu no queixo. Fiquei parado com uma das mãos no assento e a outra em uma das alavancas, arquejando, pronto para assumir novamente minha posição.

“No entanto, assim que recuperei a possibilidade de uma fuga às pressas, recobrei também a coragem. Passei a observar com mais curiosidade e menos receio aquele mundo do futuro remoto. Numa abertura circular bem alta na parede da edificação mais próxima vi um grupo de figuras em vestes ricas e finas. Já tinham me avistado, e olhavam na minha direção.

“Então ouvi vozes se aproximando. Através dos arbustos que cercavam a Esfinge Branca, vi a cabeça e os ombros de homens que corriam. Um deles emergiu numa alameda que conduzia diretamente para o pequeno relvado em que eu me encontrava. Era um indivíduo bem baixo, com cerca de um metro e trinta de altura, numa túnica roxa presa na cintura por um cinto de couro. Sandálias ou borzeguins — não distingui com clareza — calçavam seus pés; as pernas estavam nuas até os joelhos e a cabeça estava descoberta.

Ao reparar nesse detalhe, percebi pela primeira vez que o clima era bem quente.

"A primeira impressão que tive dele foi a de um indivíduo muito bonito e de aspecto gracioso, mas indescritivelmente frágil. Seu rosto afogueado lembrou-me da beleza dos tísicos, da qual tanto se ouve falar. Ao vê-lo, readquiri toda a confiança e afastei as mãos da máquina."

4

— Um momento depois, estávamos face a face, aquela criatura frágil do mundo do futuro e eu. Ele foi direto até mim e riu, olhando-me nos olhos. A primeira coisa que me chamou a atenção foi a ausência de qualquer sinal de medo. Então ele se virou para os outros dois que se aproximavam e lhes dirigiu a palavra num idioma estranho, muito delicado e fluido.

"Outras pessoas foram chegando, e dali a pouco eu estava cercado por um grupo de oito ou dez daquelas criaturas. Um deles falou comigo. Veio-me à cabeça, curiosamente, a impressão de que minha voz seria muito áspera e grave para os ouvidos deles. Balancei a cabeça em negativa, apontei para meus ouvidos e balancei a cabeça de novo. Ele deu um passo à frente, hesitou e então tocou na minha mão. Senti como que pequenos tentáculos, muito suaves, correndo por minhas costas e por meus ombros. Todos queriam conferir se eu era real. Nada daquilo me assustou; na verdade, havia algo naquelas pessoas belas e minúsculas que inspirava confiança — uma gentileza cheia de graça, uma descontração infantil. Sua aparência era tão frágil que eu poderia me imaginar jogando-os em todas as direções com facilidade, como se fossem pinos de boliche. Tive que fazer um movimento rápido para adverti-los quando vi suas pequenas mãos róseas apalpando a Máquina do Tempo. Só então me ocorreu, aliviado por não ter acontecido, um perigo. Estendendo o braço sobre o painel, desenrosquei as pequenas alavancas que punham a máquina em funcionamento e as guardei no bolso. Então me voltei novamente para eles, pensando em como estabelecer algum tipo de comunicação.

“Observando mais de perto suas feições, comecei a perceber neles algumas peculiaridades daquela beleza que lembrava as porcelanas de Dresden. O cabelo, de cachos uniformes, era cortado rente, na altura do pescoço e das faces; no rosto não havia a mais leve sugestão de pelos, e as orelhas eram curiosamente pequenas. A boca também era minúscula, com lábios muito vermelhos e finos, e o queixo era pontudo. Os olhos eram grandes e suaves, e — isto pode parecer presunção da minha parte — não percebi neles o tipo de interesse que deveriam ter por minha pessoa.

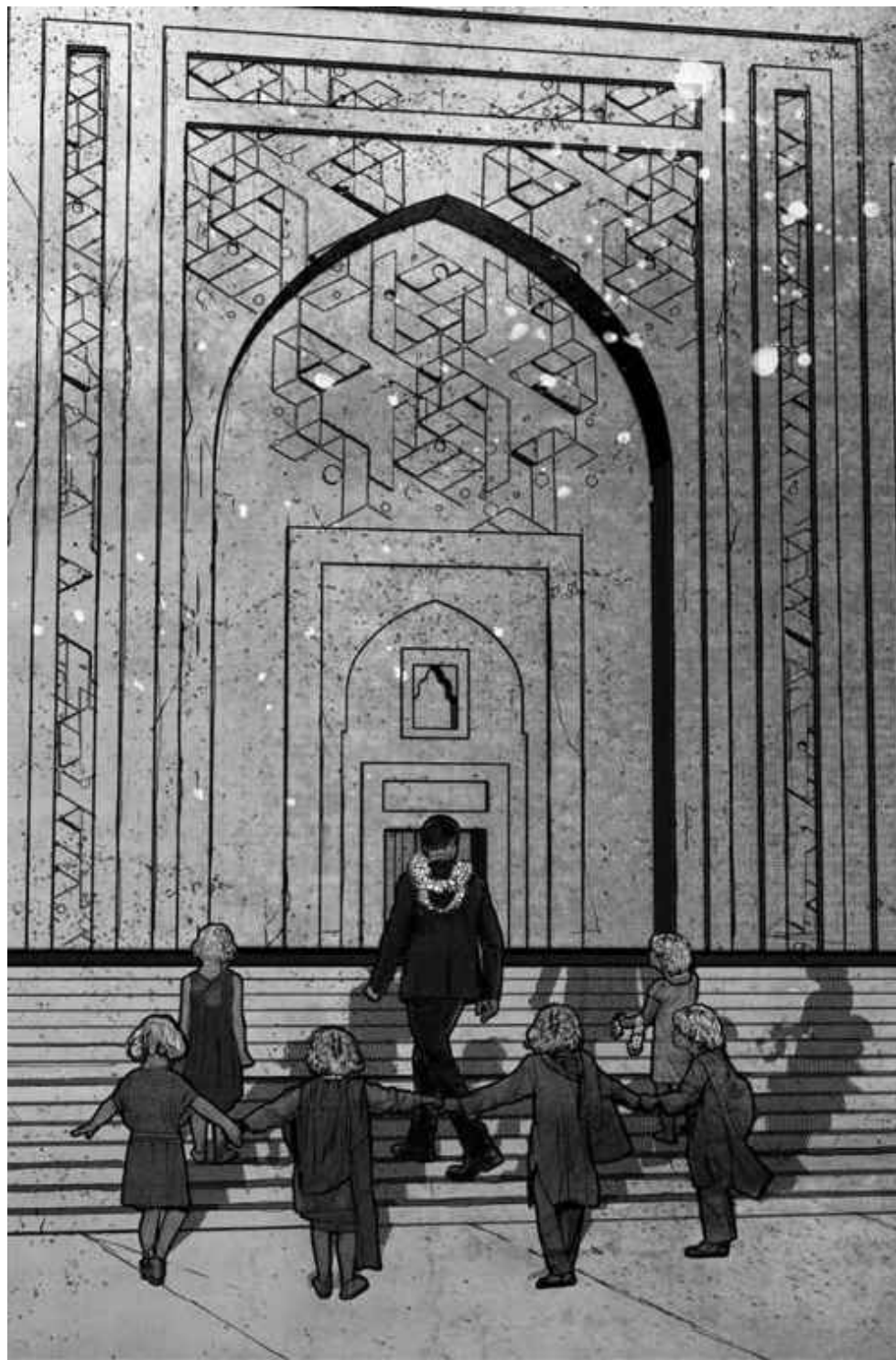
“Como não faziam muito esforço para se comunicar comigo, limitando-se a me cercar, sorrir e conversar em sua língua macia e cheia de arrulhos, decidi iniciar o diálogo. Apontei para a Máquina do Tempo e para mim mesmo. Então, depois de hesitar por um momento, pensando em como me referir ao Tempo, apontei para o sol. Logo um rapazinho de estranha beleza, com um traje de quadrados roxos e brancos, imitou meu gesto, e me surpreendeu ao imitar o som de um trovão.

“Por um momento, aquilo me deixou abalado, embora o sentido do gesto fosse bastante claro. A questão que veio de súbito à minha mente foi: seriam aquelas criaturas um bando de loucos? Vocês não podem imaginar o quanto isso me desconcertou. Vejam, eu sempre supus que os habitantes do ano 802 mil e tantos seriam incrivelmente avançados em relação a nós, em conhecimento, em arte, em tudo. E de repente um deles me fez uma pergunta do nível intelectual de uma criança de cinco anos: queria saber se eu tinha vindo do sol num trovão! Fui forçado a aceitar o juízo que formara, mas deixei em suspenso, ao ver suas roupas, seus membros pequenos e frágeis, suas feições sem força. Uma onda de desapontamento cruzou minha mente. Por um instante, achei que tinha construído a Máquina do Tempo em vão.

“Assenti, apontei para o sol e fiz uma imitação tão vívida de uma trovoada que eles se assustaram. Recuaram alguns passos e fizeram reverências. Então um veio rindo na minha direção, segurando um colar de belas flores que me eram totalmente desconhecidas, e o colocou em meu pescoço. O gesto foi recebido com aplausos e gritos melodiosos; e logo estavam todos correndo

para lá e para cá, colhendo flores e rindo enquanto as jogavam sobre mim, até que me vi quase sufocado. Quem nunca as viu não pode imaginar as flores delicadas e maravilhosas que anos incontáveis de cultivo tinham produzido. Então um deles pareceu sugerir que seu novo brinquedo fosse colocado em exibição no edifício mais próximo, e assim fui conduzido para além da Esfinge de mármore branco, que durante todo aquele tempo parecera rir de minha perplexidade, e levado até um vasto prédio cinzento, de pedra desgastada. Ao caminhar entre eles, voltou a minha mente a lembrança das minhas confiantes previsões sobre uma posteridade composta por pessoas profundamente sérias e intelectuais.

"O prédio tinha uma entrada enorme. Na verdade, era todo de dimensões colossais. Minha atenção se voltava, naturalmente, para o grupo crescente de jovens e para os enormes portões abertos que se escancaravam diante de mim, sombrios e misteriosos. Minha impressão geral sobre o mundo que eu avistava por sobre suas cabeças era de um terreno coberto por uma rede irregular de belos arbustos floridos, algo como um imenso jardim, descuidado, mas sem ervas daninhas. Vi um grande número de estranhas flores brancas na extremidade de hastes compridas, flores cujo diâmetro devia ter cerca de trinta centímetros. Cresciam desordenadamente, como se fossem flores não cultivadas, por entre os arbustos de diferentes formatos, mas, como já disse, não as examinei muito de perto na ocasião. A Máquina do Tempo ficou no relvado, entre os rododendros.

"O portão do prédio tinha um arco ricamente talhado. É claro que não pude observar esse detalhe muito de perto, mas, ao cruzá-lo, me veio à mente certa sugestão de antigos ornamentos fenícios e tive a impressão de algo muito danificado e desgastado pelo mau tempo. Ainda no portão, vieram a nosso encontro vários outros jovens, em roupas de cores vistosas. Entramos, eu em meus surrados trajes do século XIX, com uma aparência bem grotesca, coberto por grinaldas de flores e cercado por uma multidão irrequieta, todos muito brancos, em trajes coloridos e membros nus, num torvelinho melodioso de risadas e de fala cantante.

“Entramos em um salão de dimensões colossais como tudo o mais ali, forrado de painéis cor de madeira. O teto estava indistinto entre as sombras, e as janelas, parcialmente cobertas de vitrais de lâminas coloridas e reluzentes, deixavam passar uma luz atenuada. O piso era feito de grandes blocos de algum metal muito duro e muito branco; não eram ladrilhos nem placas, e sim blocos, tão desgastados (pelo ir e vir de gerações e gerações, imaginei) que os trajetos mais habituais eram visíveis pelos sulcos produzidos. Transversalmente em relação ao aposento havia mesas, em grande quantidade, feitas de placas de pedra polida e de menos de meio metro de altura. Sobre as mesas viam-se pilhas e pilhas de frutos. Em alguns deles reconheci uma espécie de framboesa e de laranja hipertrofiadas, mas todo o resto me era estranho.

“Entre as mesas estavam espalhadas almofadas em grande número, em que meus acompanhantes se sentaram, convidando-me, por gestos, a fazer o mesmo. Com uma graciosa falta de cerimônia, começaram a comer os frutos com as mãos, jogando as cascas, os talos e tudo o mais em aberturas redondas que havia na lateral de cada mesa. Não hesitei em seguir o exemplo deles, porque tinha muita sede e fome. Enquanto o fazia, pude observar com calma o salão.

“O que mais chamou minha atenção foi o aspecto arruinado do local. Os vitrais nas janelas, que exibiam motivos geométricos, estavam quebrados em vários pontos, e uma grossa camada de poeira cobria as cortinas que pendiam na parte inferior das paredes. Meu olhar também foi capturado por uma rachadura no canto da mesa de mármore mais próxima. O efeito geral do aposento, não obstante, era de um ambiente rico e pitoresco. Naquele momento, cerca de duzentas pessoas comiam no recinto, a maioria delas — sentadas o mais perto possível de mim — me observando com interesse, seus olhinhos minúsculos brilhando enquanto devoravam as frutas. Todas usavam aquele mesmo tecido sedoso, que dava a impressão de ser macio e muito resistente.

"Frutas, aliás, era tudo o que havia a comer. As criaturas do futuro eram rigidamente vegetarianas, e tive que me adaptar à dieta deles durante o tempo que passei ali, a despeito de alguns acessos de apetite carnívoro. De fato, vim a saber depois que cavalos, gado, carneiros, cães, todos esses animais estavam tão extintos quanto o Ictiossauro. Ao menos as frutas eram deliciosas. Uma delas era especialmente deliciosa, uma fruta granulosa dentro de uma casca de três lados e cuja safra parecia coincidir com o tempo que ali passei; tornou-se minha preferida. A princípio fiquei perplexo diante de frutas tão estranhas, e também das flores que vi, mas depois comecei a perceber sua função ali.

"Mas voltemos à minha primeira refeição no futuro distante. Assim que consegui satisfazer um pouco de meu apetite, decidi aprender o máximo que pudesse da língua falada por aquela nova humanidade recém-descoberta. Sem dúvida, esse tinha de ser o passo seguinte. As frutas me pareceram um bom ponto de partida, e, segurando uma delas, comecei a fazer uma série de sons e de gestos interrogativos. Tive grande dificuldade em me fazer entender. A princípio, meus esforços provocaram olhares de surpresa e riso incontrolável, mas depois de algum tempo uma jovem de cabelo claro pareceu compreender minha intenção e me disse um nome. Tiveram que conversar longamente entre si para explicar o que havia, e minhas primeiras tentativas de reproduzir as sonoridades esquisitas de sua língua foram um enorme divertimento entre eles. Eu me sentia, no entanto, um professor cercado de crianças, então insisti; depois de algum tempo, tinha em meu poder certo número de substantivos. Passei em seguida para os pronomes demonstrativos e até o verbo "comer", mas era um processo lento, e eles logo se cansaram e começaram a se furtar às minhas indagações. Não me restando escolha, decidi aceitar que me dessem suas lições em pequenas doses, quando estivessem dispostos, mas foram pouquíssimas doses, como logo constatei, porque nunca conheci pessoas mais indolentes ou que se fatigassem com mais facilidade.

"Houve um aspecto curioso que não tardei a descobrir sobre meus anfitriões: o desinteresse. Ao me verem, corriam na minha direção com

gritos de espanto, como as crianças, mas, também como as crianças, logo paravam de me examinar e saíam vagando em busca de outra distração. Assim que encerramos a refeição e as primeiras tentativas de conversa, percebi, pela primeira vez, que quase todos os primeiros que tinham me cercado já tinham ido embora. É estranho, também, como eu próprio perdi o interesse por aquelas criaturas. Assim que minha fome foi saciada, cruzei o portão de volta ao exterior ensolarado. Todo o tempo eu encontrava mais daquelas pessoas do futuro, que me seguiam a certa distância, riam e teciam comentários sobre mim, mas, depois de uma saudação amistosa, deixavam-me novamente entregue a mim mesmo.

"Um entardecer calmo se estendia pelo mundo quando emergi do grande salão, toda a paisagem iluminada pelo brilho cálido que emanava do sol poente. No início, tudo me deixava confuso. Tudo era radicalmente diferente do mundo que eu conhecia — até mesmo as flores. O grande edifício de onde eu acabara de sair situava-se ao lado de um extenso vale em que corria um rio, mas o Tâmisa tinha se afastado, ao que me parecia, pouco mais de um quilômetro de sua posição atual. Decidi subir até o cume de uma elevação a dois quilômetros de distância dali, para ter uma visão mais ampla de nosso planeta no ano 802 701 da Era Cristã. Era essa a data que os pequenos mostradores da Máquina do Tempo indicavam à minha chegada.

"Enquanto caminhava, permaneci atento a qualquer elemento que pudesse ajudar a explicar a condição de esplendor arruinado em que eu encontrara aquele mundo, porque não havia dúvida de que ele estava em ruínas. Na subida da colina, por exemplo, havia enormes blocos de granito ligados por vigas de alumínio, um vasto labirinto de paredes vertiginosas e ruínas desmoronadas, entre as quais se viam montes de plantas com formato de pagode; urtigas, talvez, mas com folhas de um admirável marrom, e que não queimavam a pele. Aquilo era, sem dúvida, o que restava de alguma vasta estrutura, construída para fins que me escapavam. Naquele lugar, eu viria a ter uma experiência das mais estranhas — os primeiros sinais de uma descoberta mais estranha ainda —, mas falarei disso quando for apropriado.

"Tomado por uma ideia súbita, olhei em volta, de um terraço onde parei para descansar, e percebi que não havia casas à vista. Aparentemente, as residências individuais, talvez o próprio conceito de lar, tinham desaparecido. Aqui e ali por entre os gramados viam-se edifícios com proporções de palácios, mas a casa e a casinha de campo, elementos tão marcantes em nossa paisagem inglesa, tinham sumido.

"'Comunismo', murmurei.

"Logo em seguida, veio-me outra ideia. Olhei para a meia dúzia de pequenos tipos que me acompanhava. Percebi então que todos tinham o mesmo modelo de vestimenta, as mesmas feições sem pelos e os mesmos membros rechonchudos e um pouco efeminados. Pode parecer estranho, talvez, que eu não tenha notado isso desde o começo, mas tudo era muito estranho. Agora, vejo com muita clareza. Tanto as vestes quanto todos os aspectos de textura e de comportamento que hoje distinguem os sexos um do outro eram idênticos. E as crianças pareciam miniaturas dos pais. Avaliei, naquela oportunidade, que as crianças do futuro eram extremamente precoces, pelo menos do ponto de vista físico, e mais tarde descobri abundantes comprovações disso.

"Vendo-os levar a vida de maneira descontraída e tranquila, concluí que a semelhança entre os sexos era, afinal de contas, algo previsível. A força do homem e a suavidade da mulher, a instituição da família e a diferenciação de ofícios eram meras necessidades práticas de uma época em que predominava o esforço físico. Quando a população é equilibrada e abundante, ter muitos filhos torna-se um mal e não uma bênção para o Estado; quando a violência é rara e as crianças estão seguras, há menos necessidade — na verdade, não há necessidade alguma — de uma família eficiente, e a especialização dos sexos para prover as necessidades dos filhos desaparece. Já vemos sinais disso em nosso próprio tempo, e naquela idade futura o fenômeno tinha se instaurado de vez. Isso, preciso lembrar-lhes, foi uma especulação que me ocorreu naquele momento. Depois, constatei que a realidade era bem diversa.

“Enquanto meditava sobre o assunto, minha atenção foi atraída para uma bela construção de tamanho relativamente pequeno, como se fosse um poço coberto por uma cúpula. Pensei, sem muita atenção, que era esquisito que ainda se usassem poços e logo retomei o fio de minhas outras especulações. Não havia nenhum edifício grande no trajeto até o cume da colina, e, como minha disposição para caminhar era extraordinária, acabei sendo deixado só pela primeira vez. Com uma estranha sensação de liberdade e de aventura, fiz um derradeiro esforço rumo ao topo.

“Lá, encontrei um assento de metal amarelado que não reconheci, corroído em alguns pontos por uma ferrugem de tom róseo e com partes cobertas por um fino musgo; os apoios de braço eram moldados em forma de cabeça de grifo. Sentei-me ali e tive uma visão panorâmica de nosso velho mundo à luz do pôr do sol. Era uma paisagem tão agradável e bela quanto qualquer outra que eu já tivesse visto. O sol já descera atrás do horizonte e o oeste estava todo banhado em ouro chamejante, cortado por faixas horizontais de roxo e vermelho. Lá embaixo se via o vale do Tâmisa, onde o rio se sobressaía como uma fita de aço polido. Já falei sobre os grandes palácios que vi espalhados entre aqueles relvados, alguns deles em ruínas, outros ainda habitados. Aqui e ali se erguia uma imagem branca ou prateada, por entre os jardins abandonados; aqui e ali se divisava a abrupta linha vertical de alguma cúpula ou obelisco. Não havia sebes, nenhum sinal de limites de propriedades, nenhuma evidência de atividade agrícola; a terra inteira tinha se tornado um jardim.

“Ainda observando dali as coisas à minha volta, fui interpretando ao meu modo o que avistava, e era assim que tudo se apresentava ao meu espírito naquele entardecer. (Depois, vim a compreender que tinha descoberto apenas uma meia-verdade — ou apenas um vislumbre de uma faceta da verdade.)

“Tive a impressão de estar encontrando a humanidade em sua fase de lento declínio. Aquele pôr do sol me levou a pensar no crepúsculo da própria espécie humana. Pela primeira vez comecei a perceber uma consequência bizarra dos esforços sociais nos quais estamos mergulhados em

nossa época. E, não obstante, é uma consequência bastante lógica. A força é um resultado da necessidade; a segurança conduz ao enfraquecimento. O esforço para melhorar as condições de vida — o verdadeiro processo civilizatório que torna a vida cada vez mais segura — tinha avançado até atingir o clímax. Cada triunfo conjunto da humanidade sobre a Natureza tinha sido logo seguido por outro. Coisas que hoje não passam de sonhos tinham se transformado em projetos que alguém levara a cabo. E o resultado era aquele!

"Afinal de contas, a saúde e a agricultura de hoje estão ainda num estágio rudimentar. A ciência do nosso tempo conseguiu enfrentar apenas um pequeno número das enfermidades humanas, mas mesmo assim expande suas conquistas de maneira firme e contínua. Nossa agricultura e nossa horticultura destroem algumas plantas aqui e ali, e cultivam um número elevado de plantas saudáveis, deixando que a maioria das demais encontre o melhor equilíbrio possível. Introduzimos melhoramentos em nossas plantas e animais favoritos — e são muito poucos — gradualmente, por reprodução seletiva; aqui e acolá, um pêssego mais saboroso, ou uma uva sem caroço, ou uma flor maior e mais perfumada, ou uma raça de gado que mais nos convém. Pouco a pouco os melhoramos, porque nossos ideais são vagos e ainda experimentais, e nosso conhecimento, limitado; e porque a Natureza, também ela, é tímida e reage devagar a nossas mãos desajeitadas. Algum dia tudo isso será mais bem organizado e dará resultados melhores. Esse é o rumo para onde flui a corrente, apesar de refluxos ocasionais. O mundo inteiro será inteligente, educado e cooperativo; as coisas caminharão cada vez mais rápidas em nosso esforço para subjugar a Natureza. No fim, reajustaremos o equilíbrio das vidas animal e vegetal, com sabedoria e cuidado, de maneira que satisfaça nossas necessidades.

“Esse ajustamento deve ter sido concretizado, e muito bem concretizado; realizado para todo o sempre, no espaço de tempo que minha máquina percorreu. O ar estava livre de mosquitos, a terra sem ervas daninhas e sem fungos; por toda parte havia frutas e belas flores perfumadas; borboletas cintilantes adejavam por toda parte. O ideal da medicina preventiva tinha sido realizado. As doenças foram extintas. Não vi sinal de qualquer doença contagiosa durante minha permanência ali. E lhes contarei, mais adiante, como mesmo os processos de putrefação e decomposição tinham sido profundamente afetados por essas mudanças.

“Também houvera triunfos na área da organização social. Eu via a humanidade abrigada em construções esplêndidas e vestida com exuberância, e até então não os vira envolvidos em nenhum trabalho que requeresse esforço. Não havia sinais de lutas sociais ou econômicas. As lojas, a propaganda, o tráfego, todo o comércio que constitui a parte mais visível do nosso mundo, tudo isso desaparecera. Era natural que, naquele crepúsculo dourado, eu tivesse a impressão de um paraíso social. As dificuldades produzidas pelo crescimento populacional tinham sido resolvidas, concluí, e o crescimento da população fora sustado.

“Mas com essa mudança de condições vem, inevitavelmente, a necessidade de adaptação às novas condições. Qual é, a menos que nossa ciência biológica seja uma montanha de erros, o motor da inteligência e do vigor da raça humana? Uma vida livre enfrentando condições adversas, condições nas quais os indivíduos ativos, fortes e sagazes sobrevivem, e os fracos são condenados; condições que premiam a capacidade dos homens para o esforço conjunto e solidário, além do autocontrole, da paciência, da capacidade de decidir. A instituição da família, tanto quanto as emoções que ali são geradas — o ciúme, a ternura pelos filhos, a devoção dos pais —, tudo isso é justificado e explicado pela presença de perigos que ameaçam os mais jovens. E agora, onde estão esses perigos? Há um sentimento crescente, e que crescerá ainda mais, contra o ciúme conjugal, contra a dedicação exclusiva à maternidade, contra as paixões de qualquer espécie; coisas desnecessárias agora e que nos deixam desconfortáveis. São resíduos da vida primitiva e se tornam dissonâncias na vida refinada e agradável de hoje.

“Pensei na delicadeza física daquelas pessoas, em sua falta de inteligência e nas ruínas que via por toda parte; isso aumentou minha crença numa conquista total da Natureza. Porque após a batalha vem a quietude. A humanidade tinha sido forte, enérgica e inteligente, e havia usado essa vitalidade exuberante para alterar as condições do mundo em que vivia. E agora vinha a reação do mundo que fora alterado.

“Sob tais condições ideais de conforto e segurança, aquela energia inquieta que entre nós se converte em força acabava se transformando em fraqueza. Mesmo em nossa própria época, certas tendências e desejos que em algum momento foram necessários a nossa sobrevivência tornam-se uma fonte constante de fracassos. A coragem física e o amor pela guerra, por exemplo, não servem de muita coisa — podem até trazer graves prejuízos — ao homem civilizado. E, num estado de perfeito equilíbrio das condições físicas e da segurança, o poder intelectual, assim como a força física, não teria função. Calculei que havia anos sem conta tinha deixado de existir ali qualquer risco de guerra ou de violência pessoal, qualquer perigo de ataque

de animais selvagens, nenhuma doença grave a requerer uma constituição forte, nenhuma necessidade de trabalho braçal. Para uma vida assim, os fracos eram tão capacitados quanto os fortes, e nem podiam mais ser chamados de fracos. Eram até mais bem capacitados, pois os fortes seriam perturbados por uma energia para a qual não havia uso. Sem dúvida a beleza peculiar dos edifícios que eu via era resultado dos derradeiros impulsos dessa energia na humanidade, energia agora desnecessária por repousar numa harmonia perfeita com as condições ambientes: o último florescer do triunfo que resultara na paz definitiva. Tem sido sempre esse o destino da energia humana em condições de perfeita segurança: derivar para a arte e o erotismo, e, depois, para a languidez e a decadência.

"Mesmo o impulso da arte não duraria para sempre e estava quase extinto naquele Tempo de que fui testemunha. Adornar-se com flores, dançar, cantar à luz do sol: era tudo o que tinha sobrado do espírito artístico. E mesmo isso estava condenado a desaparecer, no fim, dando lugar a uma complacente inatividade. Mantemo-nos sempre afiados quando somos submetidos ao esmeril da dor e da necessidade, e agora me parecia que esse mecanismo fatídico tinha finalmente sido despedaçado!

"Ali, na escuridão crescente, pensei que com essa simples teoria eu havia decifrado o enigma daquele mundo, decifrado todo o segredo daquele povo tão simpático. Talvez as medidas que eles tinham desenvolvido para conter a explosão populacional tivessem funcionado além do previsto, tendo como resultado a diminuição da população, em vez de mantê-la estacionária. Isso explicaria as ruínas. Minha teoria era bastante simples, bastante plausível — como, aliás, é a maior parte das teorias equivocadas!"

5

— Enquanto permaneci ali, meditando sobre esse triunfo perfeito do engenho humano, a lua cheia, amarelada e rotunda, surgiu no leste, por entre irradiações de luz prateada. As minúsculas silhuetas tinham parado de cruzar o vale lá embaixo; uma coruja passou perto, em voo silencioso, e o frio da noite me produziu um estremecimento. Decidi descer e procurar um local para dormir.

“Olhei para o edifício que tinha visitado. Então meus olhos vaguearam até a figura da Esfinge Branca em seu pedestal de bronze, tornando-se mais visível à medida que o luar brilhava mais forte. Eu via a bétula prateada em contraste com a Esfinge. Havia um arbusto de rododendros, escurecido pelo pálido luar, e ali estava o pequeno relvado. Voltei a olhar naquela direção. Uma dúvida incômoda gelou meu bem-estar. ‘Não’, falei firmemente para mim mesmo, ‘não era esse relvado.’

“Mas *era*. Porque era para aquela direção que estava virado o rosto esbranquiçado e quase leproso da Esfinge. Podem imaginar o que senti quando tive certeza? Não, não podem… A Máquina do Tempo tinha desaparecido!

“Numa fração de segundo, como uma chicotada me atingindo no rosto, senti a possibilidade de me extraviar da minha época, de ser deixado indefeso naquele mundo estranho. A ideia me aturdiu com a força de um impacto físico. Eu o sentia apertando minha garganta e me sufocando. No instante seguinte, arrebatado pelo terror, eu já descia a colina a toda e em grandes saltos. A certa altura, caí para a frente e arranhei o rosto; não perdi tempo estancando o sangue, logo me pus de pé novamente e voltei a correr e

correr, sentindo o líquido quente escorrendo pelo rosto e pelo queixo. Durante todo o tempo que corria, eu dizia a mim mesmo: ‘Eles só a afastaram um pouco, colocaram-na embaixo dos arbustos’. Ainda assim, continuei a correr com todas as minhas forças. Mas eu sabia, com aquela certeza que às vezes surge do medo excessivo, sabia que era tolice tentar me tranquilizar daquela forma; sabia, instintivamente, que a máquina tinha sido levada e que estava fora do meu alcance. Minha respiração se tornava dolorosa. Acho que cobri a distância entre o alto da colina até o pequeno relvado, que seria de uns três quilômetros, em dez minutos. E não sou mais nenhum jovem. Amaldiçoei a mim mesmo em altos brados, enquanto corria, por ter sido tão idiota e tão ingênuo a ponto de me descuidar da máquina, e com isso desperdicei boa parte do meu fôlego. Gritei, mas ninguém me respondeu. Nem uma só criatura parecia se mover naquele mundo banhado pelo luar.

“Quando cheguei ao relvado, meus piores temores se concretizaram. Não havia o menor sinal da máquina. Senti-me quase desfalecer quando avistei o espaço vazio junto aos arbustos. Corri em volta, desesperado, como se ela pudesse estar escondida em algum recanto, até que me detive, agarrando os cabelos com ambas as mãos. Diante de mim erguia-se a Esfinge, sobre seu pedestal de bronze; branca, reluzente e leprosa à luz da lua nova. Parecia sorrir, zombando de minha desgraça.

“Eu podia ter procurado me consolar pensando que aquelas criaturinhas tinham levado a máquina para algum lugar seguro, para me ajudar, se não tivesse certeza de não terem capacidades física e intelectual para tanto. Isto era o que mais me inquietava: a sensação de algum poder até então insuspeito, através de cuja intervenção meu veículo desaparecera. No entanto, de uma coisa eu tinha certeza: a menos que alguém em outra época pudesse ter produzido uma duplicata perfeita, ela não podia ter se movido no Tempo. O mecanismo das alavancas — depois lhes mostrarei como funciona — impedia que a fizessem funcionar sem as alavancas em si. A máquina tinha sido levada e estava oculta em algum lugar — no espaço. Mas… onde?

“Devo ter entrado em pânico. Lembro-me de ter corrido de um arbusto para outro ao redor da Esfinge, assustando um animal de pelo branco que, ao luar, imaginei ser um veado de pequeno porte. Lembro-me também de mais tarde, nessa mesma noite, ter dado murros nos arbustos, até meus dedos estarem cobertos de sangue. Então, soluçando de fúria e desespero, caminhei para o grande edifício de pedra, que ficava próximo. O grande salão estava deserto e silencioso. Escorreguei no piso irregular e caí numa das mesas de mármore, quase fraturando o queixo. Risquei um fósforo e atravessei as cortinas que já mencionei.

“Ali, encontrei outro salão coberto de almofadas, sobre as quais dormiam cerca de vinte pessoas. Não duvido que tenham achado essa minha segunda aparição bastante estranha, surgido da escuridão, fazendo estardalhaço e assustando-os com um fósforo aceso — porque eles tinham perdido a memória do que eram fósforos. ‘Onde está minha Máquina do Tempo?’, esbravejei como uma criança contrariada, agarrando e sacudindo um a um. Deve ter lhes parecido algo fora do comum. Alguns riram, outros tinham uma expressão amedrontada. Quando me vi cercado, ocorreu-me que eu estava fazendo a coisa mais tola que era possível nas circunstâncias, ao tentar reviver neles a sensação do medo. Porque, a julgar por seu comportamento durante o dia, o medo lhes devia ser algo completamente esquecido.

“Joguei fora o fósforo num gesto brusco e, empurrando um deles que estava no meu caminho, cruzei aos trambolhões a sala de refeições e voltei para o lado de fora, sob o luar. Ouvi pequenos gritos de medo e o ruído de seus pezinhos minúsculos correndo e tropeçando numa e noutra direção. Não lembro o que fiz durante o tempo em que a lua percorreu o céu. Suspeito que o que me enlouquecia fosse a natureza inesperada de minha perda. Eu me sentia inapelavelmente separado de minha própria espécie — um animal estranho solto num mundo desconhecido. Devo ter vagueado para lá e para cá, chorando e gritando contra Deus e o Destino. Tenho a recordação de um terrível cansaço se instalar em mim à medida que aquela longa noite de desespero se esvaía; de ter procurado mais de uma vez em mais de um lugar impossível; de percorrer ruínas banhadas pelo luar,

tocando estranhas criaturas naquelas sombras espessas; e, por fim, de deixar-me cair no gramado diante da Esfinge e chorar em absoluto desalento. Só me restava a lamentação. Adormeci, e quando acordei já era dia claro; um casal de pardais saltitava na grama ao alcance da minha mão.

"Sentei-me, sentindo o clima agradável da manhã e tentando lembrar como tinha ido parar ali e por que motivo estava possuído por tamanha sensação de abandono e de desespero. Então as coisas se revelaram em minha mente. À luz do dia, eu me senti mais razoável e pude encarar de frente a situação. Percebi a tolice do meu pânico na noite anterior e consegui raciocinar com clareza. *Vamos admitir o pior*, pensei. Digamos que a máquina esteja perdida, ou destruída. Preciso ter calma e paciência, acostumar-me a essas pessoas, ter uma ideia precisa de como se efetuou minha perda e tentar conseguir os materiais e as ferramentas necessários, de modo que me seja possível construir outra. Essa era minha única esperança, talvez, mas era melhor que o desespero. E, afinal de contas, aquele era um mundo belo e curioso.

"No entanto, era provável que a máquina tivesse sido apenas levada embora. Eu precisaria manter a calma e a paciência, descobrir onde fora colocada e recuperá-la, fosse pela força ou pela esperteza. Com essa resolução, pus-me de pé e olhei em volta, imaginando onde poderia me lavar. Sentia-me cansado, entrevado e sujo. O clima agradável da manhã despertou em mim a necessidade de limpeza. Eu tinha exaurido minhas emoções. Na verdade, enquanto me desincumbia de minha missão, não pude deixar de pensar sobre as violentas emoções da noite anterior. Fiz um exame cuidadoso da grama daquele pequeno relvado. Perdi algum tempo fazendo perguntas fúteis, da melhor maneira que podia, às pessoas que se aproximaram. Todos receberam meus gestos com estranheza; alguns apenas não o souberam interpretar, outros riram de mim, julgando serem gracejos. Tive que fazer um esforço enorme para manter as mãos afastadas daqueles rostos risonhos. Era um impulso tolo, mas o demônio produzido pelo medo e pela raiva cega era difícil de controlar e esforçava-se para tirar partido de minha perplexidade. A grama, porém, foi uma boa conselheira. Encontrei

nela um profundo sulco, mais ou menos a meio caminho entre o pedestal da Esfinge e as marcas de meus pés no ponto onde, após minha chegada, eu tinha conseguido, com grande esforço, desvirar a máquina capotada. Havia outros sinais de sua remoção, como algumas estranhas pegadas, semelhantes às que eu imaginava serem produzidas por uma preguiça. Isso conduziu minha atenção para o pedestal. Era, como já falei, de bronze. Não era um simples bloco, mas cheio de ornamentos, com painéis emoldurados de ambos os lados. Bati com os nós dos dedos nesses; o pedestal era oco. Examinando com mais cuidado, percebi que os painéis não eram uma só peça com a moldura. Não se viam maçanetas nem buracos de fechadura, mas, se de fato eram portas, os painéis provavelmente eram abertos por dentro. De uma coisa não havia dúvida, e não era preciso muito esforço para deduzir: minha Máquina do Tempo estava agora no interior daquele pedestal. Como tinha ido parar lá era outra questão.

"Nisso, vi a cabeça de duas pessoas em roupas alaranjadas indo na minha direção, caminhando entre os arbustos e as macieiras floridas. Sorri para eles e acenei. Os dois se aproximaram; um casal. Apontando para o pedestal de bronze, tentei transmitir-lhes meu pedido de que o abrissem para mim, mas mal esbocei o primeiro gesto e eles reagiram de maneira estranha. Não sei como lhes descrever a reação deles. Suponhamos que um de vocês empregasse um gesto grosseiro e impróprio diante de uma mulher refinada — ela se comportaria daquele modo. O casal se afastou como se eu tivesse lhes dirigido o pior insulto possível. Depois, tentei o mesmo com um rapaz de aparência suave, obtendo exatamente o mesmo resultado. De certo modo, a reação dele me deixou envergonhado, mas, como podem entender, meu desejo de recuperar a Máquina do Tempo estava acima de qualquer outra coisa, por isso tentei mais uma vez convencê-lo. Quando ele me deu as costas e se afastou, como os outros, perdi a paciência. Com três passos largos o alcancei, agarrei-o pelo tecido em volta do pescoço e comecei a arrastá-lo na direção da Esfinge. Então, vendo o horror e a repugnância que se estamparam em seu rosto, larguei-o.

"Mas eu não me dei por derrotado. Esmurrei os painéis de bronze e tive a impressão de ouvir algo se mover lá dentro — uma risada abafada, na verdade —, mas podia ser um engano. Então fui buscar uma pedra grande na margem do rio e a bati até achatar um friso na decoração e o azinhavre se descascar em flocos ressequidos. As criaturinhas devem ter ouvido as pancadas no raio de um quilômetro, mas ninguém se aproximou. Um grupo numa colina olhava furtivamente para mim. Por fim, suado e fatigado, sentei-me para observar o local, mas eu estava inquieto demais para ficar somente olhando durante muito tempo; sou demasiado ocidental para longas contemplações. Posso trabalhar num problema durante anos, mas ficar inativo durante vinte e quatro horas é algo completamente diferente.

"Levantei-me depois de algum tempo e comecei a andar sem rumo através dos arbustos, indo mais uma vez na direção da colina. 'Paciência', falei comigo mesmo. 'Se quiser a máquina de volta, deixe a Esfinge em paz. Se eles quiserem tomá-la de você, de nada vai adiantar amassar esses painéis de bronze; se não, vai tê-la de volta assim que conseguir pedi-la. Ficar aqui parado no meio de tantas coisas desconhecidas e diante de um enigma como este é tempo perdido. O único resultado que terá será a loucura. Encare este mundo. Aprenda como funciona, observe-o, procure não tirar conclusões precipitadas. Em seu devido tempo, as pistas aparecerão.' Então, o cômico da situação me ocorreu: pensei nos anos que tinha estudado e trabalhado duro para viajar ao futuro, e agora ansiava por ir embora dali. Tinha criado para mim mesmo a mais complicada e a mais inapelável armadilha já construída por um homem. Ainda que às minhas próprias custas, não pude deixar de gargalhar da ironia.

"Ao percorrer novamente o grande palácio, tive a impressão de que as criaturinhas me evitavam. Talvez fosse imaginação minha, ou talvez se devesse a minha tentativa de arrombar as portas de bronze. Qualquer que fosse o motivo, tive quase certeza de que procuravam se manter afastadas. Tomei cuidado, portanto, para não demonstrar preocupação e evitar persegui-las, e dentro de um ou dois dias as coisas voltaram à normalidade.

Fiz alguns progressos, na medida do possível, no aprendizado de sua língua e explorei o ambiente em torno. A menos que alguma sutileza maior tivesse me escapado, percebi que era uma língua bem simples e composta quase exclusivamente de substantivos e verbos. Devia haver poucos termos abstratos (se é que havia algum) e raro uso de linguagem figurada. As frases eram em geral curtas, de meras duas palavras, e eu não conseguia expressar nem apreender nada senão as proposições mais elementares. Tomei a decisão de relegar a segundo plano, por ora, o problema da Máquina do Tempo e o mistério das portas de bronze, até que meu conhecimento da língua me permitisse abordar o assunto de maneira mais natural, mas um sentimento compreensível me manteve preso num círculo de poucos quilômetros em torno de meu local de chegada.

"Até onde eu podia observar, o mundo reproduzia toda a exuberante riqueza natural do vale do Tâmisa. De toda colina que eu subia, avistava-se a mesma abundância de edifícios esplêndidos, em incontáveis variações de materiais e de estilo; os mesmos agrupamentos espessos de coníferas, as mesmas árvores cobertas de flores e de samambaias. Aqui e acolá avistava-se o brilho prateado da água, e, mais além, o solo se elevava em ondulantes morros azulados, que a certa altura se fundiam à cor serena do próprio céu. Um detalhe singular que acabou por atrair minha atenção foi a presença de alguns poços circulares, alguns muitíssimo profundos, ao que me pareceu. Um deles ficava no caminho de acesso à primeira colina que eu subira; todos tinham as bordas reforçadas com um bronze curiosamente trabalhado e eram protegidos da chuva por uma pequena cúpula. Sentei-me à borda de vários desses poços e, espreitando aquele túnel de escuridão, não avistei nenhum reflexo de água lá no fundo, nem qualquer outra coisa que refletisse a chama de um fósforo. Em todos eles, contudo, ouvia o mesmo barulho, um *tum-tum-tum* surdo e ritmado como o de um mecanismo grande, e descobri também, observando a chama do fósforo, que uma corrente de ar constante fluía para dentro dos poços. Joguei num deles um pedaço de papel, que, em vez de descer flutuando lentamente, foi sugado de uma vez só e desapareceu nas profundezas.

“Depois de algum tempo, comecei a identificar uma relação entre aqueles poços e as altas torres que se erguiam aqui e ali nas encostas, porque na extremidade delas eu notava aquela mesma tremulação de ar quente que vemos às vezes na praia num dia de sol escaldante. Certamente havia um extenso sistema de ventilação subterrâneo, mas, quanto a sua utilidade, era-me difícil imaginar. A princípio, tendi a associá-lo a algum tipo de instalação sanitária. Uma conclusão óbvia, mas que estava completamente equivocada.

“Agora, devo admitir que fiquei sabendo muito pouco a respeito de esgoto, meios de comunicação, meios de transporte e outros serviços públicos durante minha permanência naquele tempo. Tenho lido visões de Utopias e relatos sobre os tempos futuros, e em todos eles proliferam-se detalhes sobre construções, costumes sociais e assim por diante. Embora sejam muito fáceis de obter quando o mundo inteiro está contido na imaginação do escritor, tais detalhes são totalmente inacessíveis a um viajante de fato, o qual se vê projetado dentro daquele modo de vida, como eu me via ali. Imaginem que história um negro da África Central contaria em sua tribo após passar algum tempo em Londres! O que ficaria ele sabendo a respeito das companhias ferroviárias, dos movimentos sociais, dos cabos de telefone e de telégrafo, das empresas de entrega de encomendas, dos serviços postais e tudo mais? E qualquer um de nós se disporia a explicar todos esses detalhes a ele com a maior boa vontade. Mas mesmo as coisas que viesse a conhecer não lhe seria fácil fazer com que seus amigos compreendessem ou acreditassem. Considerem, agora, como é pequena a distância que separa esse negro e um homem branco do nosso tempo, comparada à distância entre mim e os habitantes da Idade do Ouro! Eu tinha a consciência de que muito do que contribuía para meu conforto permanecia oculto aos meus olhos, mas, salvo por uma impressão geral de organização automatizada, infelizmente não posso fazê-los compreender a diferença.

“Com relação aos sepultamentos, por exemplo, não vi nenhum indício da presença de um crematório nem nada que lembrasse túmulos. Ocorreu-me que talvez ficassem em algum local além do raio de minhas explorações.

Essa foi uma das questões que formulei para mim mesmo, e minha curiosidade ficou a princípio inteiramente insatisfeita quanto a esse ponto. O fato me intrigava, e me levou a observar outro detalhe, que me deixou ainda mais perplexo: não havia praticamente nenhum idoso ou enfermo naquele povo.

"Devo confessar que minhas primeiras teorias, aquelas sobre uma civilização automatizada e uma humanidade decadente, não se sustentaram por muito tempo. No entanto, nenhuma outra me ocorria. Vou explicar minhas dúvidas. Os vários palácios que explorei eram meros locais de habitação, com grandes refeitórios e numerosos aposentos de dormir. Não vi ali nem máquinas nem instrumentos de qualquer espécie, mas aquelas pessoas trajavam roupas de belos tecidos, que de tempos em tempos precisariam ser substituídas, e as sandálias, embora pouco enfeitadas, davam mostras de um artesanato em metal bastante sofisticado. Tais coisas tinham de ser produzidas em algum lugar, mas as pequenas criaturas não exibiam nenhum sinal de talento criativo. Passavam o tempo inteiro brincando, alegres, banhando-se no rio, fazendo amor de maneira brincalhona, comendo frutas e dormindo. Eu não entendia como aquele mundo era mantido em funcionamento.

"E mais uma vez me voltava à mente a questão da Máquina do Tempo: alguma criatura, que eu não imaginava o que fosse, a havia arrastado para o interior da Esfinge Branca. *Por quê?* Juro pela minha vida que não fazia ideia. Havia também aqueles poços sem água, aquelas torres de ar quente… Alguma pista me escapava. Eu sentia… Como posso explicar? Suponham que vocês encontrem uma inscrição na qual algumas frases são num inglês claro e correto, misturadas a outras com palavras e até mesmo letras totalmente desconhecidas. Bem, no terceiro dia de minha permanência, era assim que se apresentava aos meus olhos o mundo do ano 802 701!

"Naquele dia, fiz uma amizade, por assim dizer. Aconteceu que, enquanto eu observava um grupo de criaturinhas banhando-se numa lagoa rasa formada pelo rio, uma moça sofreu uma cãibra e acabou sendo arrastada pelas águas. A correnteza era veloz naquele local, mas não a ponto de

ameaçar alguém com capacidade moderada no nado. Imaginem a deficiência emocional daquelas criaturas, pois nenhuma delas fez a menor tentativa de ir em socorro da jovem que se afogava diante de seus olhos. Quando percebi o que se passava, despi-me apressadamente, entrei na água em um ponto adiante do rio, alcancei-a e a levei à margem. Uma massagem logo a deixou recuperada, e, aliviado em ver que ela estava bem, logo me afastei. Eu estava com uma impressão tão negativa de sua espécie que não esperei gratidão alguma da parte dela; nisso, entretanto, me equivoquei.

"Isso aconteceu pela manhã. À tarde, quando retornava de uma das minhas explorações encontrei a moça — ou pelo menos era assim que eu a via. Ela me recebeu com gritos de prazer, presenteando-me com uma guirlanda de flores, que evidentemente fizera pensando em mim. Aquele gesto arrebatou minha imaginação. Era bem possível que eu estivesse me sentindo deprimido, mas fiz o que pude para demonstrar minha gratidão. Logo estávamos sentados sob uma arcada de pedra, envolvidos numa conversa que consistia basicamente em sorrisos de parte a parte. Os carinhos daquela criatura me tocavam como os de uma criança. Oferecíamos flores um ao outro, ela beijava minhas mãos, eu fazia o mesmo com as suas. Eu tentava conversar com ela, e consegui descobrir que se chamava Weena, nome que, embora eu não soubesse seu significado, me pareceu bastante apropriado. Esse foi o princípio de uma estranha amizade que durou por uma semana e que acabou… como falarei depois.

"Ela era como uma criança. Queria estar ao meu lado o tempo todo, seguia-me por toda parte. Na minha excursão seguinte, doeu-me ver que se cansara muito e por fim tive que deixá-la para trás, enquanto chamava-me num tom lamentoso. Mas os problemas do mundo tinham de ser enfrentados. Eu não tinha viajado até o futuro (lembrei a mim mesmo) para me dedicar a um pequeno flerte. No entanto, seu desespero quando eu a abandonava era enorme e seus protestos na hora da despedida eram frenéticos. No cômputo geral, sua devoção me trazia conforto e problemas em igual medida, mas ela representava para mim uma fonte de bem-estar. Eu julgara a causa de seu apego como simples afeição infantil, e apenas

tarde demais me dei conta do mal que fazia quando a abandonava, assim como apenas muito tarde entendi o que ela significava para mim. Porque, simplesmente por me dedicar afeto e por me mostrar, com seus modos fúteis e frágeis, que se preocupava comigo, aquela criaturazinha fazia com que, ao voltar para as proximidades da Esfinge Branca, eu me sentisse quase como que voltando para casa; e assim que eu chegava ao alto da colina, já começava a procurar com o olhar sua silhueta miudinha, vestida de branco e dourado.

“Foi através dela, também, que aprendi que o medo não tinha sido extinto naquele mundo. Ela era bastante corajosa durante o dia e tinha uma estranha confiança em mim, porque certa vez, num impulso bobo, fiz trejeitos ameaçadores contra ela, que se limitou a rir. Mas ela temia a escuridão, temia as sombras, temia tudo que fosse escuro. As trevas eram a única coisa que a amedrontava. Era uma reação estranhamente intensa, que me deixava meditativo, observando-a. Descobri então, entre outras coisas, que aquelas criaturas sempre se reuniam nos grandes edifícios depois de escurecer e que sempre dormiam em grupos. Aproximar-se deles sem levar alguma luz era provocar um tumulto de apreensão. Nunca os encontrei do lado de fora após o anoitecer, assim como nunca os vi dormindo sozinhos. No entanto, eu era tão obtuso que não dei atenção ao que esses receios sugeriam, e, a despeito da inquietação de Weena, insistia em dormir longe daquela multidão de gente.

“Isso a deixava muito perturbada, mas por fim sua estranha afeição por mim prevaleceu: por cinco noites, incluindo a última, ela dormiu com a cabeça aninhada em meus braços. Mas minha narrativa começa a me escapar ao falar de Weena. Deve ter sido na véspera do dia em que a salvei no rio que, pouco antes do amanhecer, despertei de um sono agitado, no qual sonhava que me afogava e que anêmonas marinhas apalpavam meu rosto com seus moles tentáculos pegajosos. Acordei com um sobressalto e com a estranha impressão de que algum animal acinzentado tinha acabado de fugir do aposento. Tentei dormir de novo, mas me sentia inquieto e desconfortável. Era aquela hora cinzenta e enevoada quando as coisas

começam a emergir das trevas, quando tudo é descolorido e nítido e ainda assim irreal. Levantei-me e me dirigi ao grande salão e, dali, para as lajes da parte fronteira do palácio. Não tendo escolha, resolvi aproveitar o tempo da melhor maneira, assistindo ao nascer do sol.

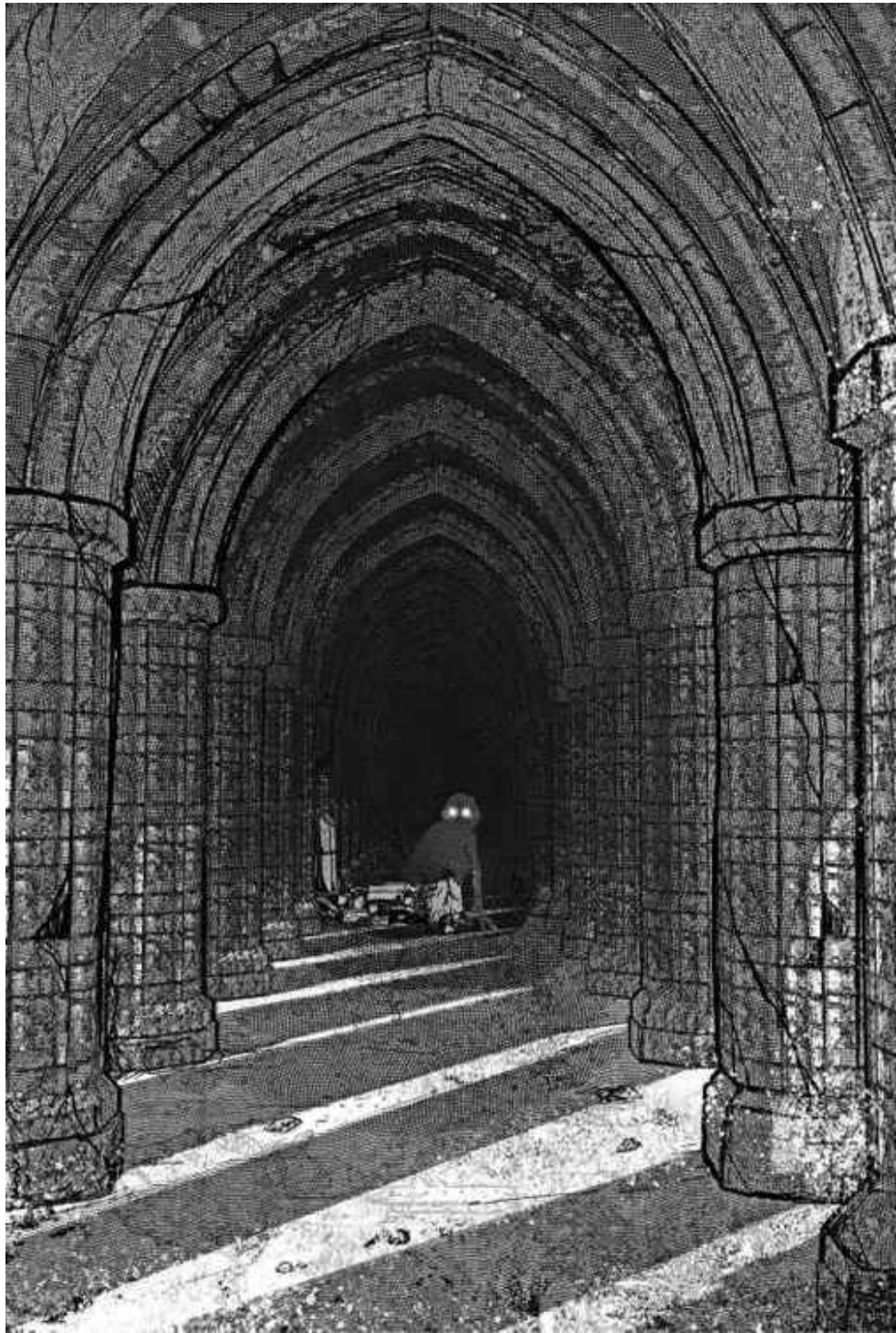
"A lua estava se pondo; os últimos clarões do luar e o primeiro brilho, ainda pálido, da alvorada se misturavam, produzindo uma meia-luz de tom lívido. Os arbustos eram negros, o chão um cinza-escuro, o céu sem cores e lúgubre. Olhando para a colina, julguei ver fantasmas. Ali, várias vezes, enquanto esquadrinhava a encosta, vi figuras esbranquiçadas. Por duas vezes julguei discernir uma criatura solitária, de aparência simiesca, correndo encosta acima a grande velocidade; e depois, perto das ruínas, um grupo de três carregando um corpo escuro. Moviam-se às pressas. Não consegui ver para onde se dirigiam. Pareciam sumir entre os arbustos. A luz do amanhecer era muito imprecisa, como vocês podem compreender. Tomado por aquela sensação de frio e incerteza que se apossa de nós ao amanhecer, duvidei dos meus olhos.

"À medida que o céu foi ficando mais brilhante ao leste e a luz do dia devolvia as cores fortes ao mundo, voltei a examinar a paisagem, mas não vi nenhum sinal dos vultos brancos. Eram criaturas da meia-luz. 'Devem ser fantasmas', murmurei. 'Imagino de que época.' Porque me veio à lembrança, divertindo-me, uma curiosa ideia de Grant Allen:[6] se cada geração que morre deixar fantasmas, o mundo acabará com uma superpopulação deles. A julgar por essa teoria, a quantidade seria inimaginável no ano 802 701, e ver três ou quatro de uma só vez não seria nenhuma façanha. Mas o gracejo não me sossegou por completo, e durante toda a manhã fiquei pensando naqueles vultos, até que o mergulho no rio para salvar Weena os afastou de minha mente. Acabei por associá-los, de modo impreciso, ao animal branco que eu tinha afugentado em minha primeira busca frenética pela Máquina do Tempo, mas Weena era um tema muito mais agradável para ocupar meus pensamentos — embora os vultos misteriosos estivessem destinados a tomá-los de maneira muito mais fatídica.

“Acho que já falei que o clima daquela Idade de Ouro era notavelmente mais quente que o atual. Não sei a que atribuí-lo. Talvez o Sol tivesse se tornado mais forte, ou a Terra tivesse se aproximado mais. Usualmente, presumimos que o Sol esfriará ao longo do futuro remoto, mas aqueles que desconhecem especulações como as do jovem Darwin[7] esquecem que, mais cedo ou mais tarde, os planetas serão atraídos de volta para o astro em volta do qual giram, e, à medida que tais catástrofes ocorram, o Sol deverá arder com energia renovada. Podia ser que algum dos planetas internos já houvesse tido esse destino. Bem, o fato é que o sol dali parecia muito mais quente que o nosso.

“Numa manhã bastante quente — a quarta que eu passava naquele mundo, acho —, procurei me proteger da luz e do calor numas ruínas colossais próximas do grande edifício onde eu comia e dormia, e ali ocorreu um fato estranho. Escalando os montes de alvenaria, encontrei uma galeria estreita, cuja saída, bem como as janelas laterais, estava bloqueada por blocos de concreto desmoronados. Em contraste com a luz intensa do lado de fora, naquele local reinava uma escuridão impenetrável. Entrei às apalpadelas, porque a mudança brusca aos olhos criava pontos de luz colorida que dançavam diante de mim. De súbito, parei, estupefato. Um par de olhos, luminosos devido ao reflexo da luz do dia lá fora, me observava das trevas.

“Senti o ancestral medo instintivo que temos diante dos animais selvagens. Cerrei os punhos e encarei aqueles olhos chamejantes. Tinha medo de dar-lhes as costas. Pensei na aparente sensação de segurança absoluta que aquela humanidade experimentava, mas logo recordei seu estranho pavor da escuridão. Dominando o medo, dei um passo à frente e falei. Reconheço que minha voz saiu esganiçada e pouco segura. Então estendi a mão e toquei algo macio. No mesmo instante, os olhos saltaram para o lado e algo passou correndo junto de mim. Virei-me, com o coração aos pulos, e vi uma pequena figura semelhante a um gorila, com a cabeça abaixada de modo peculiar, cruzando o espaço banhado de sol às minhas costas. O ser esbarrou

num bloco de granito, cambaleou, mas instantes depois tinha desaparecido nas sombras embaixo de uma pilha de destroços.

“Minha lembrança do que vi é imperfeita, sem dúvida, mas notei que a criatura era de um branco cadavérico e tinha olhos grandes, cinza e avermelhados, e cabelos compridos, da cor do linho, tanto na cabeça quanto nas costas, mas, como eu disse, fugiu rápido demais para que eu pudesse vê-la com clareza. Não posso dizer sequer se corria de quatro ou se apenas tinha os membros superiores pendidos. Depois de um instante de hesitação, persegui-o dentro daquele bloco de ruínas. A princípio não encontrei a criatura, mas depois de algum tempo na escuridão avistei a abertura circular de um daqueles poços de que já falei, semiencoberta por uma coluna desmoronada. Um pensamento súbito me ocorreu: será que aquela Coisa tinha descido por ali? Acendi um fósforo e, olhando pela boca do poço, vi uma criatura branca, pequena, que descia me fitando com grandes olhos brilhantes. Senti um calafrio. Parecia tanto uma aranha humana! Descia rápido, e só então notei degraus metálicos fixos à parede interna, que serviam de apoio para mãos e pés, formando uma espécie de escada. Então a chama queimou meus dedos e o fósforo me escapou, apagando-se na queda; quando acendi outro, o monstrinho já tinha desaparecido nas profundezas.

“Não sei por quanto tempo fiquei ali debruçado, observando o fundo daquele poço, até enfim me convencer de que a criatura que eu tinha avistado era humana. Pouco a pouco, a verdade se revelou: o Homem não havia se mantido como uma espécie única, mas se ramificado em dois animais diferentes. As crianças graciosas e infantis do Mundo Superior não eram os únicos descendentes de nossa geração; aquela Criatura desbotada, obscena e noturna que fugira era também herdeira de todas as eras da espécie humana.

“Lembrei-me das torres que emitiam ar aquecido e da minha hipótese de um sistema de ventilação subterrâneo. Comecei a desconfiar da verdadeira função que exerciam. Onde se encaixaria aquele lêmure em meu conceito de uma organização social perfeitamente equilibrada? Como se relacionava ele com a serenidade indolente dos belos habitantes do Mundo Superior? O que haveria oculto ali, nas profundezas dos túneis? Sentei na borda do poço,

dizendo a mim mesmo que não havia o que temer e que deveria descer por aquela abertura para encontrar a solução dos meus problemas. Eu sentia um medo terrível! E, enquanto hesitava, dois belos habitantes do Mundo Superior vieram correndo, envolvidos em seus folguedos amorosos, na direção da sombra em que eu me abrigava. O macho perseguia a fêmea, atirando-lhe flores.

"Os dois pareceram contrariados ao me ver apoiado na pilastra caída, olhando para dentro do poço. Ao que parece, era considerado de mau gosto dar atenção àquelas aberturas, porque, quando apontei lá para baixo e tentei formular uma pergunta na língua deles, os dois ficaram ainda mais inquietos e me deram as costas. Como todos tinham mostrado interesse pelos meus fósforos, comecei a riscar alguns para diverti-los, e depois tentei de novo perguntar-lhes sobre o poço, mas novamente não tive resultado. Afastei-me, com a intenção de ir ao encontro de Weena e ver se conseguia extrair dela alguma informação, mas minha mente já estava em pleno tumulto; minhas hipóteses e impressões iam se reorganizando numa configuração nova. Agora eu tinha uma pista sobre a finalidade dos poços, das torres de ventilação e sobre o mistério dos fantasmas, para não falar de uma possível explicação para os painéis de bronze e o desaparecimento da Máquina do Tempo! E começou a me ocorrer uma solução para o problema econômico que até então me deixara perplexo.

"Eis minha nova hipótese. Era bastante claro que aquela segunda espécie humana tinha vida subterrânea. Três circunstâncias, em especial, me levavam a crer que suas raras aparições na superfície eram o resultado de uma prolongada adaptação à vida no subsolo. Em primeiro lugar, havia o tom descorado tão frequente em animais que vivem quase sempre nas trevas, como os peixes esbranquiçados das cavernas de Kentucky, para dar só um exemplo. Depois, aqueles olhos enormes, capazes de refletir a luz, são características de animais noturnos, como a coruja e o gato. E, por fim, sua visível desorientação à luz do sol, aquela fuga às pressas mas desajeitada rumo à escuridão e a posição peculiar da cabeça quando a criatura era

exposta ao sol — tudo isso reforçava minha teoria de uma extrema sensibilidade das retinas.

“A terra devia, então, ser toda perfurada por túneis, que eram o habitat daquela nova raça. A presença de torres de ventilação e de poços nas encostas das colinas — por toda parte, na verdade, com exceção do vale por onde corria o rio — mostrava como essas ramificações eram extensas. Era natural supor, portanto, que naquele Mundo Inferior artificial eram executados todos os trabalhos necessários à sobrevivência da raça que habitava a superfície. Essa noção era tão plausível que a aceitei de imediato, e passei a considerar o modo *como* se teria dado essa separação da espécie humana em duas. Atrevo-me a pensar que vocês adivinharão a teoria que vim a formular, embora eu tenha verificado sem demora que ela também estava longe de exprimir toda a verdade.

“Primeiro, tomando como base os problemas de nossa própria época, pareceu-me claro como a luz do dia que a chave para tudo era o aumento gradual da distância social, meramente circunstancial, que existe entre o capitalista e o operário. Sem dúvida isso parecerá grotesco a vocês — e muito improvável! —, mas hoje mesmo, em nossa época, vários aspectos apontam para tal tendência. Costumamos utilizar o subsolo para os aspectos menos ornamentais de nossa civilização. Existe o Sistema Metropolitano em Londres, por exemplo, com as novas ferrovias elétricas, os trens subterrâneos,[8] os escritórios e restaurantes alojados no subsolo, e eles não param de se multiplicar. Evidentemente, pensei, essa tendência se acentuou de tal forma que a indústria perdeu o direito de existência ao ar livre. Ou seja: teve que descer mais e mais, produzindo fábricas subterrâneas cada vez maiores, num ambiente em que os trabalhadores eram forçados a passar cada vez mais tempo, até que, no fim… Mesmo hoje, um operário do East End não vive em condições tão artificiais que se vê praticamente sem acesso à superfície da terra?

“Por outro lado, a tendência de os ricos levarem uma vida cada vez mais exclusivista — devida, sem dúvida, ao refinamento crescente de sua educação e ao alargamento do golfo que os separa da violência rude dos

mais pobres — faz com que porções consideráveis da superfície da terra estejam sendo isoladas em seu benefício. Nos arredores de Londres, por exemplo, talvez metade das mais belas zonas campestres rejeite intrusos. Esse mesmo distanciamento — devido à duração e ao custo elevado da educação superior, assim como às crescentes tentações e oportunidades para hábitos dispendiosos por parte dos ricos — fará com que o contato entre as classes e a ascensão social através do casamento, que no presente têm retardado a estratificação social de nossa espécie, sejam cada vez menos frequentes. Assim, no final teremos os Ricos habitando a superfície, levando uma existência em busca de prazeres, conforto e beleza; e, no subsolo, os Pobres, os Trabalhadores, adaptando-se cada vez mais às condições do trabalho. Uma vez enclausurados ali, eles terão de pagar impostos, que não seriam poucos, para manter a ventilação de suas cavernas; caso se recusem, morrerão de fome ou serão sufocados até o pagamento dos débitos. Os que tiverem inclinação para o desespero e a rebeldia acabarão morrendo; e, por fim, será alcançado um equilíbrio permanente, com os sobreviventes tornando-se tão bem adaptados às condições da vida subterrânea, e tão satisfeitos com ela, quanto os indivíduos do Mundo Superior estarão com a sua. A meus olhos, a beleza refinada de uns e a palidez doentia dos outros era uma consequência natural desse processo.

“O grande triunfo da humanidade com que eu havia sonhado tomou assim uma conformação diferente em minhas ideias. Não fora o triunfo da educação moral e da cooperação entre todos que eu imaginara. Em vez disso, o que eu via era uma verdadeira aristocracia, munida de ciências avançadas e aperfeiçoando até sua conclusão lógica o sistema industrial de hoje. Seu triunfo não tinha sido apenas sobre a Natureza, mas sobre a Natureza e sobre seus próprios semelhantes. Esta, devo adverti-los, foi a teoria que formulei naquele momento. Eu não dispunha de um providencial cicerone, como ocorre em geral nos romances de Utopia. Minha explicação pode estar completamente equivocada, embora eu ainda ache que é a mais plausível, mas, mesmo nessas condições, o equilíbrio alcançado pela civilização já deveria havia muito ter deixado para trás seu ápice e rumava

agora para a decadência. A segurança excessiva em que viviam os habitantes do Mundo Superior os conduzira a um lento processo de degeneração, fazendo com que diminuíssem em tamanho, em força e em inteligência. O que teria se passado com os habitantes dos subterrâneos eu ainda não conseguia supor, mas, pelo que eu vira dos Morlocks — era este o nome pelo qual aquelas criaturas eram designadas —, a modificação da forma humana tinha sido ainda mais extrema do que aquela sofrida pela Eloi, a bela raça da superfície.

"Comecei a ter pensamentos inquietantes. Por que os Morlocks tinham levado minha Máquina do Tempo? Sim, pois eu já estava certo de que haviam sido eles. E, já que os Eloi eram o grupo dominante, por que não foram capazes de trazer-me a máquina de volta? E por que motivo tinham tanto medo do escuro? Passei a interrogar Weena a esse respeito, como já falei, porém mais uma vez me vi frustrado. A princípio ela não entendia minhas perguntas, e depois se recusou a respondê-las. Tremia, como se a simples menção daquele assunto lhe fosse insuportável. Quando insisti, talvez com certa rudeza, ela desatou a chorar. Foram aquelas as únicas lágrimas, além das minhas, que vi durante minha permanência na Idade de Ouro. Quando isso aconteceu, parei de imediato meu interrogatório sobre os Morlocks e ocupei-me em remover dos olhos de Weena aqueles sinais de nossa herança humana. Logo ela estava outra vez sorrindo e batendo palmas ao me ver solenemente acender um fósforo."

6

— PODE PARECER-LHES ESTRANHO, MAS PASSARAM-SE DOIS DIAS antes que eu me dispusesse a seguir essa pista recém-descoberta da única maneira adequada. Eu sentia uma repugnância instintiva diante daqueles corpos lívidos. Tinham a mesma cor descorada dos vermes e das coisas que vemos preservadas em álcool nos museus de zoologia, e sua pele era repulsivamente gelada. Talvez meu nojo se devesse, em grande parte, à simpatia que eu sentia pelos Eloi, e passei a compreender o asco que nutriam pelos Morlocks.

"Na noite seguinte, não dormi bem. Provavelmente, minha saúde estava um pouco abalada. Eu me sentia oprimido pela perplexidade e pela dúvida. Uma ou duas vezes fui tomado de pânico sem razão aparente. Lembro-me de ter me arrastado, sem fazer ruído, para o grande salão em que os Eloi dormiam — naquela noite, Weena estava na companhia deles — e me sentido mais seguro ali. Ocorreu-me então que dentro de poucos dias a lua seria nova, tornando as noites mais escuras, o que permitia mais numerosas aparições daquelas desagradáveis criaturas do Mundo Inferior, aqueles lêmures albinos, aquela nova praga que substituíra as antigas. E durante aqueles dois dias experimentei a inquietação perpétua de quem se furta a cumprir um dever inescapável. Eu sabia que só poderia recuperar minha Máquina do Tempo se tivesse a ousadia de enfrentar os mistérios subterrâneos, mas não conseguia encará-los. Se tivesse alguém para me acompanhar, seria diferente, mas eu me sentia terrivelmente só, e a simples ideia de descer na escuridão daquele poço me apavorava. Não sei se

entenderão, mas o fato é que eu não me sentia em segurança um instante sequer.

“Foi essa inquietação, essa insegurança, talvez, que me fez ir cada vez mais longe em minhas explorações ao ar livre. Indo na direção sudoeste, rumo às elevações que são hoje chamadas de Combe Wood, avistei ao longe, na direção da atual Banstead, uma vasta estrutura verde de aspecto diferente de todas que eu vira até então. Era maior que qualquer palácio ou ruína que eu conhecesse, e a fachada tinha um quê de oriental: o acabamento apresentava o brilho e o matiz verde-claro, com reflexos verde-azulados, de certo tipo de porcelana chinesa. A diferença no aspecto sugeria uma diferença na função, o que me instigou a explorá-lo. No entanto, o dia já estava bem adiantado, e meu percurso até ali fora longo e cansativo; portanto, deixei a exploração para o dia seguinte e voltei para o aconchego e as carícias da pequena Weena. Na manhã seguinte, contudo, percebi com clareza que minha curiosidade para com o Palácio de Porcelana Verde era um truque de autossugestão, para me ajudar a adiar mais uma vez a tarefa que eu temia. Resolvi descer ao subsolo sem mais delongas. Ainda pela manhã me encaminhei para o poço nas proximidades das ruínas de granito e alumínio.

“A pequena Weena corria ao meu lado, dançando à minha volta até chegarmos ao poço. Quando me viu debruçar-me na borda e olhar as profundezas, pareceu estranhamente desconcertada. ‘Adeus, minha pequena Weena’, falei, erguendo-a e beijando-a; e, depois de colocá-la de volta no chão, tateei abaixo do parapeito à procura dos ganchos metálicos — um pouco às pressas, confesso, antes que minha coragem se esvaísse! A princípio ela me olhou espantada. Depois, soltando um grito lamentoso, correu para mim e começou a me puxar com suas mãozinhas. Acho que a intervenção de Weena só fez aumentar minha determinação; empurrei-a para longe, até com certa violência, e no momento seguinte estava descendo pela boca do poço. Ainda vi seu rosto desesperado junto ao parapeito, e sorri para tranquilizá-la. Depois, precisei dar toda a atenção aos degraus metálicos aos quais me agarrava.

“Tive que descer um poço de uns duzentos metros de profundidade. Precisava me segurar às barras presas à parede interna do poço, e, como haviam sido instaladas tendo em mente uma criatura menor e mais leve que eu, logo me vi cheio de cãibras e de fadiga. E não apenas fadiga! Uma das barras cedeu de repente ao meu peso e quase me precipitou escuridão abaixo. Fiquei alguns instantes pendurado apenas por uma das mãos, e daí em diante não me arrisquei mais a parar para descansar. Mesmo com os braços e as costas cheios de dores, continuei a descida íngreme o mais rápido que podia. Olhando para o alto, vi a abertura do poço, o minúsculo disco azul, no qual se avistava uma estrela, enquanto a cabeça da pequena Weena se projetava, redonda e escura. Lá embaixo, o som ritmado de um mecanismo fazia-se ouvir cada vez mais alto e mais opressivo. Tudo, exceto aquele pequeno disco azul, era de uma escuridão completa. Quando olhei de novo para cima, Weena tinha desaparecido.

“O desconforto era insuportável. Cheguei a pensar em subir novamente e deixar para trás aquele Mundo Inferior, mas mesmo enquanto considerava essa ideia continuei descendo. Por fim, com imenso alívio, vi surgir, um pouco à minha direita, uma estreita abertura na parede. Girando o corpo, introduzi-me ali e descobri que era a saída de um estreito túnel horizontal, no qual consegui me deitar e descansar um pouco. Não era sem tempo: meus braços doíam, minhas costas estavam entrevadas e meu corpo todo tremia devido ao medo persistente de me precipitar naquele abismo. Além disso, a escuridão absoluta cansara meus olhos, e toda a atmosfera era preenchida pelas pancadas e pelo zumbido das máquinas que sugavam o ar para os túneis.

“Não sei quanto tempo fiquei ali deitado. Fui despertado por uma mão roçando meu rosto suavemente. Com um sobressalto, puxei do bolso os fósforos e acendi um. Vi três criaturas brancas encurvadas, semelhantes à que eu vira nas ruínas da superfície, recuando às pressas. Vivendo, como viviam, no que para mim era uma treva impenetrável, seus olhos eram anormalmente grandes e sensíveis, assim como são as pupilas dos peixes das profundezas abissais, e refletiam a luz do mesmo modo. Não duvido de que

fossem capazes de me ver naquela escuridão densa, e não pareciam ter medo de mim, apenas da luz do fósforo. Diante da chama, fugiram de imediato, desaparecendo em esgotos e túneis tenebrosos, de onde seus olhos me acompanharam do modo mais estranho.

"Tentei chamá-los, mas, aparentemente, a língua deles não era a mesma que a do povo do Mundo Superior, de modo que fiquei entregue aos meus próprios recursos. A ideia de fugir antes mesmo de começar minha exploração voltou à minha mente, mas pensei comigo mesmo: 'Você agora não tem escolha' e avancei tateando pelo túnel. O ruído das máquinas se tornava cada vez mais alto. Por fim, as paredes foram se afastando e cheguei a um espaço aberto. Riscando mais um fósforo, percebi que estava numa vasta caverna abobadada, que se perdia em trevas além do alcance da minha fraca luz.

"Minha recordação daqueles momentos é necessariamente vaga. Vi formas enormes, como de máquinas colossais, elevando-se na penumbra e projetando sombras negras e grotescas, nas quais os vultos espectrais dos Morlocks se protegiam da pouca luminosidade do fósforo. O local era abafado e opressivo, e havia no ar um hálito de sangue fresco. A certa distância avistei uma mesa de metal branco, onde estava disposto algo que me pareceu uma refeição. Então os Morlocks eram carnívoros! Lembro-me de ter me perguntado, naquele instante, que espécie de animal de grande porte poderia ter sobrevivido para fornecer-lhes a peça de carne vermelha que avistei dali. Tudo era indistinto: o cheiro forte, as enormes formas desconhecidas, as repugnantes figuras que se escondiam nas sombras, esperando apenas pelo retorno das trevas para aproximar-se novamente de mim! Então o fósforo se apagou, depois de queimar-me os dedos, e caiu, uma pequena brasa avermelhada na escuridão.

"Desde então tenho pensado no quanto eu estava mal equipado para uma experiência como aquela. Quando parti na Máquina do Tempo, foi com a certeza absurda de que os homens do Futuro estariam muito à nossa frente em todos os aspectos práticos. Parti sem armas, sem remédios, sem nada para fumar — houve momentos em que o tabaco me fez uma falta

angustiante — e até mesmo sem fósforos em quantidade suficiente. Se pelo menos eu tivesse me lembrado de levar uma Kodak![9] Poderia ter registrado aquele vislumbre do Mundo Inferior em um segundo, para depois examiná-lo com calma. Mas, do jeito que tudo ocorreu, vi-me ali provido apenas das armas e dos poderes com que a Natureza me dotou: mãos, pés e dentes; e quatro palitos de fósforo, que, como descobri pouco depois, eram tudo que me restava.

"Tive receio de avançar por entre toda aquela maquinaria em plena escuridão, e apenas com o último bruxulear da chama descobri que me restavam poucos fósforos. Jamais me ocorrera, até aquele momento, que havia necessidade de economizá-los, e eu tinha gasto metade da caixa divertindo os Eloi, para quem o fogo era uma novidade. Naquele momento, parado no escuro, uma mão tocou a minha, dedos macios apalparam meu rosto e tive a consciência de um cheiro peculiar e desagradável. Pareceu-me sentir a respiração de uma multidão daquelas pequenas e horrendas criaturas à minha volta. Senti que tentavam tirar da minha mão a caixa de fósforos, enquanto outros puxavam minhas vestes. A sensação de ter aquelas criaturas examinando-me sem que eu enxergasse era indescritivelmente aflitiva. Só então me dei conta, de súbito, que desconhecia por completo sua maneira de pensar e de agir. Gritei contra eles, o mais alto que pude. Eles recuaram aos tropeções, mas logo se aproximaram de novo. Seguraram-me com mais ousadia, comunicando-se em sussurros com sonoridades esquisitas. Estremeci violentamente e voltei a gritar — mas sem a mesma firmeza. Dessa vez, não se assustaram tanto, e voltaram a me cercar, emitindo ruídos estranhos que lembravam risadas. Confesso que estava apavorado. Resolvi acender mais um fósforo e fugir protegido pela luz. Foi o que fiz, e, aumentando a chama com o auxílio de um pedaço de papel que achei no bolso, bati em retirada rumo ao túnel por onde viera. Porém, mal tinha chegado lá e a chama se apagou, e na escuridão eu podia ouvir um ruído como o do vento agitando as folhas ou da chuva caindo no chão: eram os Morlocks que vinham em meu encalço.

“No instante seguinte fui agarrado por inúmeras mãos e não tive dúvidas de que tentavam me arrastar de volta. Risquei outro fósforo e o agitei diante do rosto espantado das criaturas. Vocês não podem imaginar como eram repulsivos e não humanos, aqueles rostos lívidos e sem queixo, com olhos enormes, sem pálpebras, cinzentos e avermelhados, que me fitavam com um espanto cego, mas não me detive a contemplá-los, isso eu garanto: fui recuando, e quando meu segundo fósforo se extinguiu, acendi o terceiro. A chama estava quase no fim quando alcancei a abertura que dava acesso ao poço. Parei ali para me recuperar, porque as batidas ritmadas da grande bomba de ar nas profundezas me produziam náuseas, então estendi o braço para uma das barras de metal; quando o fiz, senti que meus pés eram agarrados e puxados de volta. Acendi meu derradeiro fósforo… que se apagou no mesmo instante. Mas as barras de metal estavam ao meu alcance, e, esperneando com violência, libertei-me das mãos dos Morlocks. Logo estava escalando velozmente, enquanto eles permaneciam lá embaixo, espiando-me e piscando: todos menos um pobre diabo, que tentou me seguir durante algum tempo. Por pouco não conseguiu arrancar minha botina e levá-la como troféu.

“A escalada me pareceu interminável. Nos últimos dez ou quinze metros, uma náusea insuportável me dominou a ponto de eu mal conseguir me segurar nos degraus. Os últimos metros foram uma luta terrível contra o desmaio iminente. Várias vezes senti a cabeça girar e tive a sensação de estar caindo, mas, por fim, consegui transpor o parapeito do poço e saí das ruínas para o sol ofuscante. Caí de rosto no chão. O cheiro da própria terra me pareceu limpo e saudável. Lembro-me de Weena beijando minhas mãos e minhas orelhas, e das vozes dos Eloi ao meu redor. Depois, perdi a noção do tempo e a consciência.”

7

— MINHA SITUAÇÃO PARECIA AGORA MUITO PIOR. Até então, com exceção da noite de angústia após o desaparecimento da Máquina do Tempo, eu vinha mantendo a firme esperança de que conseguiria ir embora dali, mas essa esperança fora abalada por minhas novas descobertas. Até então, eu tinha visto como único obstáculo a simplicidade infantil dos Eloi, além de algumas forças desconhecidas que me bastaria compreender para superar. Agora, no entanto, surgira um elemento totalmente novo, a natureza repugnante dos Morlocks, algo de inumano e maligno. Meu nojo por eles era instintivo. Antes, eu me sentia como um homem que caiu em um poço: minha única preocupação era o poço, e como sair dele. Agora eu me sentia como um animal preso numa armadilha, temendo o inimigo que virá em breve apanhá-lo.

"E o inimigo que eu mais temia vai deixá-los surpresos: era a escuridão da lua nova. Weena tinha plantado esse medo em minha mente ao fazer algumas referências, que a princípio me foram incompreensíveis, às Noites Negras. Após a descida ao poço, não me foi difícil compreender o que a chegada dessas Noites Negras significaria. A lua estava minguando; a cada noite, maior era o intervalo de escuridão. E eu começava a entender, em certa medida, por que os habitantes do Mundo Superior tinham tanto medo das trevas. Imaginei que atos sinistros seriam praticados pelos Morlocks nas noites de lua nova. A essa altura, eu já estava seguro de que minha segunda teoria estava totalmente equivocada. As pessoas do Mundo Superior podiam ter sido, em alguma época, uma aristocracia privilegiada, e os Morlocks, os servos encarregados das tarefas mecânicas; mas isso mudara

havia muito. As duas espécies resultantes da evolução do ser humano rumavam para um tipo de relação totalmente novo, ou talvez já o tivessem atingido. Os Eloi, como os reis carolíngios, tinham decaído até transformar-se numa casta bela e frívola. Ainda eram os donos da superfície, mas por mera tolerância dos Morlocks, que, vivendo nos subterrâneos por gerações imemoriais, não suportavam a luz do sol. Os Morlocks (deduzi) fabricavam-lhes as roupas e lhes proviam as necessidades básicas, talvez como um hábito residual após séculos de serviços — do mesmo modo que um cavalo parado escarva o chão com a pata, ou como um homem mata animais por mero esporte: por uma marca deixada em seu organismo por necessidades antigas e havia muito extintas. Mas era bastante claro que a antiga ordem das coisas tinha se revertido, pelo menos em parte. A nêmesis dos delicados Eloi crescia cada vez mais em poder. Muitas eras antes, milhares de gerações antes, os homens tinham exilado seus semelhantes para longe do bem-estar e da luz do sol, e agora esses semelhantes retornavam, e com que modificações! Os Eloi estavam reaprendendo uma antiga lição. Estavam conhecendo de novo o Medo. E de súbito me veio à memória a carne vermelha que eu havia avistado no Mundo Inferior. Estranho como aquilo me ocorreu de repente, não como algo sugerido pelo rumo de minhas meditações, mas quase como uma pergunta que alguém de fora me fizesse. Tentei lembrar-me do formato da peça de carne, que me era vagamente familiar, mas naquele momento a lembrança permanecia indistinta.

“No entanto, por mais que aquele povo minúsculo fosse indefeso diante de seu misterioso Medo, eu era de constituição diferente. Afinal, minha origem é este nosso tempo, o auge do amadurecimento da raça humana, quando o Medo não paralisa e o mistério não traz consigo terrores. Eu podia me defender, pelo menos. Tomei a decisão de fabricar armas para mim e um abrigo para dormir. Tendo esse refúgio como minha base, poderia enfrentar aquele mundo estranho com um pouco da autoconfiança que eu perdera ao perceber que estivera, noite após noite, exposto àquelas criaturas. Senti que não conseguiria mais dormir enquanto não tivesse certeza de que minha

cama estaria fora do alcance dos Morlocks. Estremeci de medo ao pensar que eles teriam, mais de uma vez, me examinado durante o sono.

“Passei a tarde vagando pelo vale do Tâmisa, mas não encontrei nenhum lugar que pudesse ser considerado inacessível àquelas criaturas. Todos os prédios e árvores me pareciam ao alcance fácil dos Morlocks, que, a julgar pelos poços de que se serviam, eram ágeis e habilidosos em escaladas. Então me vieram à memória os elevados pináculos e as paredes polidas do Palácio de Porcelana Verde, e à tarde, carregando Weena montada em meus ombros como uma criança, subi as colinas na direção sudoeste. A distância, pelo que eu lembrava, seria de onze ou doze quilômetros, mas acabou se revelando de quase trinta. Eu tinha avistado o local numa tarde úmida, quando as distâncias parecem enganosamente menores. Além disso, o salto de uma das minhas botinas tinha afrouxado, e havia um prego atravessando o solado — eu calçava um par de botinas velhas e confortáveis de se usar em casa —, de modo que eu mancava um pouco. Assim, já passava da hora do crepúsculo quando por fim avistei o Palácio, uma silhueta escura de encontro ao céu de um amarelo claro.

“Weena tinha se deliciado enormemente quando comecei a carregá-la, mas depois de algum tempo pediu-me para pousá-la de volta no chão e vinha correndo ao meu lado, desviando-se de vez em quando para colher flores e enfiá-las em meus bolsos. Estes sempre tinham sido uma fonte de perplexidade para ela, que acabou concluindo serem apenas um tipo excêntrico de vaso para decoração floral. Pelo menos era para este fim que ela os utilizava. Ah, a propósito …”

O Viajante no Tempo fez uma pausa, enfiou a mão no bolso e, em silêncio, pousou duas flores ressequidas, não muito diferentes de grandes malvas brancas, na mesinha. Em seguida, retomou a narrativa.

— Quando os murmúrios do anoitecer se espalharam pelo mundo e subimos a colina na direção de Wimbledon, Weena se cansou e manifestou o desejo de retornar para o edifício de pedras cinzentas, mas apontei para os pináculos distantes do Palácio de Porcelana Verde e consegui explicar que ali encontraríamos proteção contra aquilo que lhe causava medo. Sabem aquela longa pausa que perpassa todas as coisas antes do anoitecer? Até mesmo a brisa deixa de agitar as árvores. Sempre sinto uma atmosfera de expectativa nessa calma do crepúsculo. O céu estava claro, remoto e vazio, salvo por algumas faixas horizontais na direção em que o sol se punha. Bem, naquela noite, a expectativa acabou sendo colorida por meus terrores. Naquela calma crepuscular, meus sentidos pareciam sobrenaturalmente aguçados. Eu tinha a impressão de sentir a terra oca sob meus pés; quase podia avistar os Morlocks em seu imenso formigueiro, correndo de um lado para outro à espera das trevas da noite. Em minha agitação, fantasiei que teriam interpretado minha invasão a seus domínios como uma declaração de guerra. E por que teriam roubado minha Máquina do Tempo?

"Assim prosseguimos pela quietude, enquanto o crepúsculo se adensava em noite. O azul-claro da distância sumia e as estrelas despontavam uma a uma. O chão tornou-se escuro, e as árvores, negras. O medo e o cansaço de Weena começaram a pesar sobre ela. Tomei-a nos braços e fiquei conversando, enquanto a acariciava. Então, quando a escuridão se tornou mais espessa, ela envolveu meu pescoço e, cerrando os olhos, afundou o rosto em meu ombro. E assim descemos uma encosta suave que conduzia ao vale, onde, no lusco-fusco, quase caí dentro de um riacho. Segui pela parte mais rasa e subi pelo lado oposto, passando diante de algumas casas-dormitório e de uma estátua — um fauno, ou uma figura semelhante — *sem* a cabeça. Ali também existiam acácias. Até então, eu não vira nenhum sinal dos Morlocks, mas ainda era o começo da noite, ainda estavam por vir as horas mais escuras antes de a lua se erguer.

"Do alto da colina seguinte avistei um bosque cerrado que se alongava à minha frente, vasto e escuro. Hesitei. Não conseguia enxergar onde

terminava, nem à esquerda nem à direita. Cansado — meus pés, principalmente, estavam muito machucados —, pousei Weena no chão relvado e me sentei junto dela. Já não avistava mais o Palácio de Porcelana Verde e receava ter perdido a direção. Olhei para a mata fechada à minha frente e pensei o que poderia haver em seu interior. Sob aquela densa ramaria de galhos, seria impossível ver as estrelas. E, mesmo que não houvesse nenhum perigo à espreita ali dentro — um perigo sobre o qual eu não permitia que minha imaginação se estendesse —, poderíamos tropeçar em raízes e encontrar troncos de árvore caídos como obstáculos. Muito fatigado por todos os acontecimentos do dia, decidi não encarar o bosque e passar a noite na colina, a céu aberto.

"Felizmente, Weena já caíra em sono profundo. Cobri-a com cuidado em meu casaco e fiquei sentado ao seu lado, esperando o nascer da lua. A encosta estava silenciosa e deserta, mas no interior do bosque ouvia-se, de vez em quando, o movimentar-se de seres vivos. As estrelas cintilavam no alto, pois a noite era muito clara. Seu brilho me dava uma sensação amistosa de conforto. As antigas constelações, contudo, já tinham desaparecido do céu; seu lento deslocamento, imperceptível aos olhos humanos mesmo ao longo de cem gerações, já as levara a reagrupar-se em novas combinações, mas pareceu-me que a Via Láctea era ainda a mesma faixa esgarçada de poeira estelar. Ao sul (pelo que calculei) havia uma estrela rubra, muito brilhante, que era nova para mim; era ainda mais esplêndida do que o brilho verde da nossa Sírius. E entre esses pontos cintilantes reluzia um planeta, um brilho suave e constante, como o rosto de um velho amigo.

"A contemplação desses astros teve o poder de minimizar meus problemas e todos os percalços da vida terrena. Pensei na incalculável distância que nos separava, no movimento vagaroso e inevitável de seu percurso desde o passado desconhecido até o futuro desconhecido. Pensei no grande ciclo de precessão que os polos terrestres descrevem.[10] Quarenta vezes, apenas, essa revolução tinha ocorrido durante os anos que eu atravessara em minha jornada. E, durante essas poucas revoluções, todas as atividades, todas as tradições, as organizações complexas, nações, línguas, literaturas, aspirações,

a própria memória da humanidade como eu a conhecera, tudo isso tinha sido varrido da existência. Em seu lugar estavam aquelas criaturinhas frágeis, sem recordações de seus nobres ancestrais; e as Criaturas esbranquiçadas que me causavam terror. Pensei então no Grande Medo que vigorava entre aquelas duas espécies e pela primeira vez, com um súbito calafrio, tive a visão clara do que seria aquela peça de carne que eu tinha avistado. Não, era horrível demais! Olhei a pequenina Weena adormecida ao meu lado, com seu rosto branco e pálido à luz das estrelas, e afastei a ideia.

"Durante toda a longa noite mantive os Morlocks afastados de minha mente tanto quanto pude e fiz passar o tempo tentando descobrir sinais das então antigas constelações naquele céu confuso, que se manteve bastante claro, com exceção de alguma nuvem ocasional. Sem dúvida cochilei de vez em quando. Após muito tempo de vigília, foi surgindo uma luminosidade débil ao leste, como o reflexo de um fogo sem cor, e então a velha lua se ergueu, esguia, pontuda e branca. E logo em seguida, envolvendo-a por completo, veio a aurora, pálida a princípio e depois rosada e quente. Nenhum Morlock se aproximou de nós. Na verdade, não avistei nem um sequer a noite inteira. E, com a confiança renovada pelo nascer de um novo dia, cheguei a pensar que meu medo tinha sido sem motivo. Quando me levantei, descobri que meu pé em que o salto estava frouxo tinha inchado bastante à altura do tornozelo e que tinha o calcanhar ferido; sentei-me de novo, arranquei as botinas e as arremessei longe.

"Acordei Weena e descemos na direção do bosque, que agora se apresentava verde e agradável, em vez de negro e ameaçador. Achamos algumas frutas que nos serviram para quebrar o jejum. Logo encontramos alguns Eloi, rindo e dançando ao sol, como se em toda a natureza não existisse uma coisa chamada noite. Pensei mais uma vez na carne vermelha que vira no subsolo. Agora tinha certeza do que se tratava, e, do fundo do coração, compadeci-me daquele último pequeno córrego que era tudo que restava do grande dilúvio da humanidade. Era óbvio que a certa altura do passado distante, durante a decadência da espécie humana, a comida dos Morlocks tinha escasseado. Talvez, antes, se alimentassem de ratos e outros

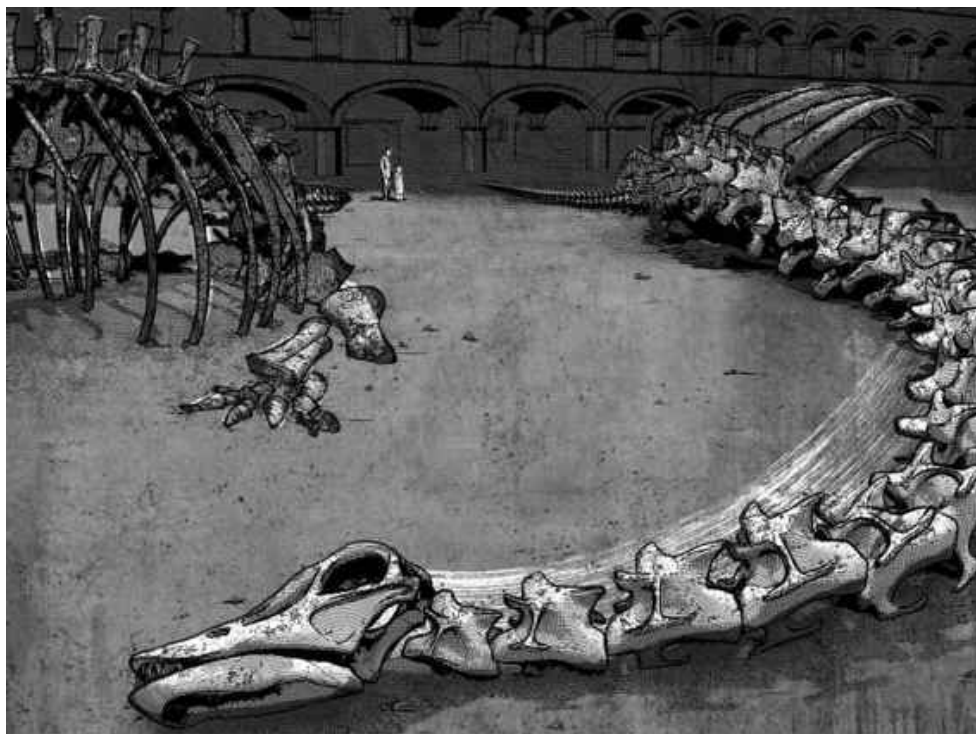
animais inferiores. Mesmo hoje o homem é menos exigente e seletivo com sua alimentação do que já foi um dia; menos ainda que um macaco. Seu preconceito contra a carne humana não é um instinto profundamente arraigado. E quanto àqueles descendentes do homem, tão inumanos… Tentei encarar as coisas com espírito científico. Afinal de contas, eles eram menos humanos e mais remotos que nossos ancestrais antropófagos de três ou quatro mil anos atrás. E a inteligência que poderia ter considerado um tormento aquele estado de coisas havia desaparecido. Por que motivo eu deveria me atormentar? Os Eloi não passavam de um gado de engorda, que os Morlocks, como formigas, preservavam e devoravam, além de, provavelmente, administrar sua reprodução. E ali ao meu lado estava Weena, dançando!

"Na tentativa de poupar-me da sensação de horror que tomava conta de mim, procurei encarar tudo aquilo como um castigo pelo egoísmo humano em se dispor a levar uma vida de tranquilidade e deleite explorando o trabalho duro de seus semelhantes. O homem usou o conceito de Necessidade como seu lema e sua desculpa, e agora a Necessidade se voltara contra ele. Tentei mesmo adotar uma atitude de escárnio, como a de Carlyle, diante daquela aristocracia em declínio, mas uma tal atitude mental me era impossível. Por maior que fosse sua degeneração intelectual, os Eloi tinham conservado uma forma humana que não podia deixar de atrair minha empatia e identificação e de me fazer sentir-me parte de sua degradação e compartilhar seu Medo.

"Àquela altura, eu tinha apenas uma vaga ideia do que fazer em seguida. Meu objetivo primordial era encontrar algum lugar seguro que pudesse transformar em refúgio e encontrar qualquer metal ou pedra para fabricar algum tipo de arma. Essas eram minhas tarefas mais imediatas. Depois, eu pensava em descobrir alguma maneira de produzir fogo, para ter à mão uma tocha como arma, porque nenhuma outra coisa, eu sabia, seria mais eficaz contra os Morlocks. Em seguida, eu precisava descobrir uma maneira de arrombar as portas de bronze no pedestal da Esfinge Branca. Pensei em algum tipo de aríete. Minha ideia era de que, se eu conseguisse transpor

aquelas portas conduzindo algum tipo de archote aceso, encontraria a Máquina do Tempo e escaparia. Não achava que os Morlocks tivessem força para levá-la até muito longe. Eu já tomara a resolução de trazer Weena comigo para nossa época. E foi com todos esses planos turbilhonando em minha mente que percorri o caminho para aquele prédio que decidira transformar em minha moradia.”

8

— ENCONTREI O PALÁCIO DE PORCELANA VERDE, aonde chegamos por volta do meio-dia, abandonado e parcialmente em ruínas. Nas janelas restavam apenas cacos irregulares de vidro, e enormes placas do revestimento verde tinham se desprendido dos suportes de metal corroídos. O palácio se elevava num solo turfoso, e, olhando na direção nordeste ao me aproximar, fiquei surpreso ao ver um grande estuário, ou mesmo uma enseada, onde eu supunha que estivessem situados Wandsworth e Battersea. Pensei então — embora não tenha chegado a explorar melhor essa ideia — no que teria acontecido, ou estaria acontecendo, aos seres que habitam o oceano.

“Examinando melhor o material das paredes, percebi que era de fato porcelana, e na fachada vi uma inscrição em caracteres desconhecidos. Imaginei, ingenuamente, que talvez Weena pudesse me ajudar a interpretá-los, mas constatei que a mera concepção do ato de escrever jamais lhe passara pela cabeça. Ela sempre me pareceu, acho, mais humana do que de fato era, talvez porque seus sentimentos fossem tão humanos.

“Cruzei a entrada principal — cujas portas estavam abertas e despedaçadas — e ali encontramos, em vez do salão que seria de se esperar, uma longa galeria iluminada por numerosas janelas laterais. À primeira vista, aquilo me lembrou um museu. O piso ladrilhado estava coberto por uma espessa camada de poeira, e via-se em volta uma grande variedade de objetos sepultados sob o mesmo lençol de pó acinzentado. Então avistei, de pé, descarnado, no centro daquele espaço, o que era claramente a parte inferior de um gigantesco esqueleto. Reconheci, pelas patas oblíquas, que era alguma criatura extinta, semelhante a um megatério. O crânio e os ossos da parte superior estavam caídos ao lado, na poeira, e o esqueleto estava corroído num ponto em que a água da chuva caíra por uma fenda no teto. Mais adiante na galeria, via-se o esqueleto bojudo de um brontossauro. Minha ideia de que aquilo fosse um museu estava se confirmando. Caminhando para um dos lados, encontrei o que pareciam ser prateleiras inclinadas e, limpando a poeira, me deparei com vitrines transparentes, análogas às dos museus de hoje. Deviam ser hermeticamente fechadas, a julgar pelo bom estado de conservação de algumas das peças que continham.

“Era evidente que estávamos nas ruínas de um descendente remoto do Museu de South Kensington! Aquela devia ser a seção de paleontologia, e devia ter existido ali uma esplêndida coleção de fósseis, embora o inevitável processo de decomposição (que tinha sido detido por algum tempo, uma vez que, pela extinção das bactérias e dos fungos, perdera noventa e nove por cento de sua força) ainda agisse lentamente sobre aqueles tesouros. Aqui e ali encontrei sinais dos Eloi, sob a forma de raros fósseis despedaçados ou amarrados com barbantes. Algumas das vitrines tinham sido levadas dali, imaginei que pelos Morlocks. O lugar era muito silencioso. A poeira

abafava nossos passos. Weena, que tinha ficado brincando de rolar um ouriço-do-mar pela rampa de vidro de uma das vitrines, veio finalmente postar-se ao meu lado, enquanto eu examinava o ambiente; tomou minha mão e não se afastou mais.

"De início, eu estava tão surpreso de encontrar aquele antigo monumento de uma era intelectual que não liguei muito para o que ele me sugeria. Até mesmo a preocupação com a Máquina do Tempo passou para segundo plano em minha mente.

"A julgar pelo tamanho, o Palácio de Porcelana Verde tinha muito mais que uma galeria paleontológica; talvez contivesse galerias históricas, quem sabe mesmo uma biblioteca! Para mim, pelos menos naquelas circunstâncias, isso seria muito mais interessante do que aquele espetáculo de antiga geologia em decadência. Continuando minha exploração, fui dar numa galeria menor, que cruzava transversalmente a primeira e parecia ser dedicada aos minerais. A visão de um bloco de enxofre fez minha mente considerar a possibilidade de fabricar alguma pólvora, mas não avistei nenhuma quantidade de salitre e, na verdade, nenhum nitrato de qualquer espécie. Sem dúvida tinham se decomposto havia muitas eras. Ainda assim, o enxofre não saía de minha mente e me sugeriu uma série de ideias. Quanto aos demais conteúdos daquela galeria, embora no cômputo geral fossem os mais bem preservados entre os que encontrei, não me despertaram maior interesse. Não sou especialista em mineralogia e, assim, segui para uma ala bem arruinada, paralela à primeira que encontrara. Aparentemente, aquela seção tinha sido dedicada à História Natural, mas tudo ali ficara irreconhecível. Uns poucos resíduos ressequidos e negros do que um dia haviam sido animais empalhados, múmias desidratadas dentro de vasos que um dia contiveram álcool, montes de poeira escura que um dia foram plantas: nada além disso. Lamentei esse fato, porque gostaria de poder reconstituir as lentas adaptações através das quais o homem conseguira conquistar a natureza viva. Depois disso, chegamos a outra galeria, de proporções colossais, mas estranhamente mal-iluminada, e cujo piso tinha uma leve inclinação para baixo em relação ao lado pelo qual

entráramos. A intervalos regulares viam-se globos brancos pendurados no teto — muitos deles rachados e espatifados —, o que sugeria que, originalmente, aquele lugar fora iluminado artificialmente. Ali eu estava mais em meu elemento, porque de um lado e do outro erguiam-se máquinas enormes, muitas delas bastante enferrujadas e algumas em pedaços, mas ainda havia algumas bem conservadas. Vocês sabem que tenho um fraco por mecanismos, e senti-me tentado a demorar-me ali. Tanto mais que, em sua maior parte, elas me propunham um enigma, e eu podia apenas fazer as mais vagas conjeturas quanto a sua utilidade e função. Pensei também que, se conseguisse entender para que serviam, talvez pudessem ser empregadas contra os Morlocks.

"De repente, Weena chegou mais perto, ficando colada ao meu corpo, de modo tão repentino que me sobressaltou. Se não fosse por ela, talvez eu não tivesse percebido que o piso daquele salão era inclinado.* O lado pelo qual eu entrara situava-se acima do solo e era iluminado por janelas altas e estreitas. À medida que avançávamos no salão, o chão ia descendo em relação a essas janelas, até que diante de cada uma delas havia um poço, como o pátio interno de uma casa londrina, e apenas uma faixa estreita de luz do dia no alto. Fui caminhando, ainda pensando nas máquinas, tão concentrado nelas que não percebi a gradual diminuição da luz, até que o receio demonstrado por Weena me chamou a atenção. Só então notei que o final da galeria estava mergulhado em treva total. Hesitei. Olhando ao redor, vi que ali a poeira era menos abundante e a superfície do chão, menos regular. Adiante, na direção da parte mais escura, parecia haver numerosas marcas de pés pequenos. Tive, de imediato, a sensação da presença de Morlocks. Concluí que estava perdendo meu tempo examinando com olhos acadêmicos aquela maquinaria. Forcei-me a reconhecer que a tarde já ia avançada e que eu ainda não dispunha de armas, nem de refúgio, nem de meios para produzir fogo. Então escutei, na parte mais remota e mais escura da galeria, um ruído de passos, os mesmos ruídos estranhos que tinha escutado na minha expedição ao fundo do poço.

“Tomei a mão de Weena, mas logo em seguida, levado por uma ideia súbita, larguei-a e fui na direção de uma máquina da qual se projetava uma alavanca não muito diferente das que se usam na sinalização ferroviária. Subindo na plataforma e tomando essa alavanca com ambas as mãos, empurrei-a para o lado com toda a minha força. Nesse instante, Weena, que eu tinha deixado sozinha na passagem central, começou a choramingar. Eu tinha avaliado corretamente a resistência da alavanca, porque depois de um minuto de esforço ela se partiu, e voltei a descer empunhando uma maça que julguei mais que ameaçadora para o crânio de qualquer Morlock que aparecesse. E eu tinha uma ânsia de matar um ou dois deles. Vocês vão pensar que não é muito humano alguém querer matar seus próprios descendentes! Mas era impossível, de certa maneira, ver algum traço de humanidade naqueles seres. A única coisa que conteve meu desejo de descer a galeria e massacrá-los foi meu receio de abandonar Weena e a suposição de que, se eu começasse ali um morticínio, minha Máquina do Tempo sofreria as consequências.

“Bem, com minha clava numa das mãos e conduzindo Weena com a outra, saí daquela galeria para uma outra ainda maior, que à primeira vista me lembrou uma capela militar enfeitada com bandeiras em farrapos, mas logo reconheci, nos trapos escuros e chamuscados que pendiam das prateleiras, os restos de livros em decomposição. Havia muito tempo tinham se desfeito em pedaços, e qualquer vestígio de texto impresso desaparecera. Aqui e ali viam-se ainda encadernações amassadas e fechos metálicos partidos, que por si sós já diziam tudo. Se eu fosse um homem de tendência literária, poderia, talvez, ter filosofado um pouco sobre a futilidade de toda ambição, mas o que mais me impressionou foi o enorme desperdício de trabalho comprovado por aquela sombria floresta de volumes em decomposição. Confesso que pensei, naquele momento, nas *Transações Filosóficas*[11] e em meus dezessete artigos sobre óptica.

“Então, subindo uma larga escadaria, chegamos ao que parecia ter sido uma galeria de experiências químicas. Ali eu esperava ter boas chances de encontrar algo que me fosse útil. Com exceção de uma extremidade em que

o teto desabara, a galeria estava bem preservada. Comecei a examinar as vitrines ainda inteiras, e por fim, dentro de um daqueles mostruários hermeticamente fechados, encontrei uma caixa de fósforos. Experimentei-os, ansioso, e vi que estavam em perfeitas condições. Não estavam sequer úmidos. Virei-me para Weena. 'Dance!' falei, em sua língua. Porque agora eu dispunha de uma arma contra as horríveis criaturas que nos ameaçavam. E assim, naquele museu dilapidado, sobre um tapete espesso de pó, para o deleite de Weena, executei solenemente uma mistura de passos de várias danças, assobiando "The Land o' the Leal"[12] com toda a alegria de que fui capaz. Em parte era um modesto cancã, em parte um sapateado, em parte uma dança de saiote (até onde meu casaco me permitia), e em parte algo original. Porque, como sabem, sou um sujeito naturalmente inventivo.

"Ainda acho muito estranho que aquela caixa de fósforos tenha escapado à ação do tempo por anos imemoriais, mas para mim não podia haver nada mais afortunado. E também acabei encontrando ali uma substância ainda mais improvável: um pouco de cânfora. Encontrei-a num vidro fechado, que por sorte tinha sido de fato fechado hermeticamente. Julguei a princípio que era cera de parafina, mas quando quebrei o frasco, o odor de cânfora foi inconfundível. No meio da decadência universal, aquela substância volátil tivera a sorte de sobreviver, talvez por milhares de séculos. Lembrei-me de uma pintura que vi certa vez, feita com a tinta sépia de um belemnite[13] que devia ter morrido e sido fossilizado milhões de anos antes. Estive a ponto de jogá-la fora quando lembrei que é bastante inflamável e que queima produzindo uma chama forte e brilhante — daria, na verdade, uma excelente vela —, então a guardei no bolso. Não encontrei explosivos, no entanto, nem nada que me servisse para arrombar as portas de bronze. Até ali, a barra de ferro da alavanca era o instrumento mais útil que eu tinha encontrado, e mesmo assim saí da galeria com um estado de espírito mais otimista.

"Não há meios de eu lhes contar tudo que ocorreu naquela longa tarde, pois seria preciso um enorme esforço de memória para reconstituir todas as minhas explorações na ordem correta. Lembro-me de entrar numa galeria

comprida com estandes de armas enferrujadas e de hesitar entre a barra de ferro e opções como uma espada ou um machado; mas eu não podia carregar duas armas, e acabei concluindo que a barra seria mais útil contra as portas de bronze. Havia um bom número de revólveres, pistolas e fuzis. A maioria já tinha se desmanchado em ferrugem, mas alguns pareciam ser de uma nova liga metálica e estavam em boas condições. O problema era que todos os cartuchos que talvez houvera ali já tinham virado poeira. Um recanto da galeria estava queimado e reduzido a pedaços; imaginei que algum tipo de munição tivesse explodido. Em outro ponto, encontrei uma vasta coleção de imagens de adoração — polinésios, mexicanos, gregos, fenícios, de qualquer lugar da Terra que me viesse à memória. Ali, cedendo a um impulso irresistível, rabisquei meu nome no nariz de um monstro de esteatita da América do Sul, que me chamou a atenção.

"A tarde foi passando, e meu interesse, diminuindo. Percorri galeria após galeria, todas empoeiradas, silenciosas, muitas em ruínas, suas amostras às vezes reduzidas a montes de poeira e de linhito, outras vezes em relativo bom estado. A certa altura encontrei um cenário reproduzindo as instalações de uma mina de estanho, e descobri, por mero acaso, num compartimento hermeticamente selado, duas bananas de dinamite! Gritei 'Eureca!' e arrebentei o vidro, cheio de entusiasmo. Então me veio a dúvida. Escolhendo uma pequena galeria lateral, fiz o teste. Nunca experimentei tamanho desapontamento quanto o daquela espera de cinco, dez, quinze minutos por uma explosão que nunca aconteceu. Claro que a dinamite era de imitação, como eu deveria ter deduzido por sua presença naquele cenário. Acho que, se não tivesse sido assim, eu teria partido imediatamente dali e explodido Esfinge, portas de bronze e, junto com elas (como vim a perceber depois), minhas chances de recuperar a Máquina do Tempo.

“Foi depois disso, acho, que Weena e eu chegamos a um pequeno pátio interno. Era um recanto coberto de grama, com algumas árvores frutíferas. Ali descansamos e fizemos um lanche. O pôr do sol se aproximava, e comecei a avaliar nossa situação. A noite começava a cair, e eu ainda não tinha encontrado um bom esconderijo, mas isso me preocupava menos agora. Tinha em meu poder algo que era, talvez, a melhor defesa contra os Morlocks: fósforos! Tinha também o pedaço de cânfora no bolso, se fosse necessário produzir uma chama maior. Achei que o melhor a fazer seria passarmos a noite a céu aberto, protegidos por uma fogueira, e pela manhã eu iria em busca da Máquina do Tempo. Para isso, tudo de que eu dispunha por ora era a maça de ferro, mas agora que me via mais bem informado sobre aquele mundo, eu me sentia mais confiante em relação às portas de bronze. Até então, evitara forçá-las, em grande parte pelo mistério quanto ao que existia do outro lado. Elas nunca me pareceram muito resistentes, e agora eu achava que aquela barra de metal não seria totalmente inadequada para o que eu tinha em mente.”

---

* Pode ser, é claro, que o piso em si não fosse inclinado, mas o museu tivesse sido construído na encosta de uma colina.

9

— Abandonamos o palácio quando o sol ainda estava parcialmente sobre a linha do horizonte. Eu estava decidido a chegar à Esfinge Branca na manhã seguinte, e antes de a noite cair tomei a resolução de atravessar o bosque que havia me detido na viagem de vinda. Meu plano era avançar naquela noite o mais longe que pudesse e acender uma fogueira para nos proteger durante o sono. Com isso em mente, enquanto caminhávamos, fui recolhendo todos os gravetos secos que encontrei, e em breve tinha os braços cheios deles. Carregado assim, acabamos avançando mais lentamente do que eu pretendia, e, além do mais, Weena estava cansada. Por fim, comecei a me sentir muito sonolento, de modo que já era noite alta quando chegamos ao bosque. Na colina que o bordeava, coberta de arbustos, Weena fez menção de se deter, temendo a escuridão à nossa frente; mas um singular pressentimento de uma calamidade próxima, que deveria ter me servido de alerta, me fez continuar avançando. Eu estava sem dormir havia dois dias e uma noite, estava inquieto e irritadiço. Sentia que o sono se abateria sobre mim, e, com ele, os Morlocks.

"Enquanto hesitávamos, avistei, por entre os arbustos sombrios às nossas costas, pouco distintas de encontro à escuridão, três silhuetas agachadas. Por toda a nossa volta havia moitas e uma relva bastante alta, e eu não me sentia seguro contra aquela aproximação solerte. Calculei que a floresta tinha menos de um quilômetro de largura. Se conseguíssemos atravessá-la, chegaríamos à colina oposta, coberta de mato rasteiro, que seria um lugar mais seguro para descansarmos; achei que com meus fósforos e minha cânfora eu poderia manter o caminho iluminado através do bosque. No

entanto, me parecia evidente que, se eu precisasse ficar agitando fósforos acesos, teria que soltar os gravetos que carregava, de modo que, com relutância, acabei largando-os ali no chão. Ocorreu-me então que eu poderia assustar nossos amigos lá atrás se incendiasse os gravetos. Eu iria em breve perceber a enorme tolice dessa ideia, mas naquele momento me pareceu uma maneira engenhosa de cobrir nossa fuga.

"Não sei se já lhes ocorreu que coisa extraordinária pode ser um fogo na ausência do ser humano e num clima temperado. O calor do sol raramente é forte o bastante para incendiar algo, mesmo quando seus raios são focados através de gotas de orvalho, como ocorre às vezes em paisagens tropicais. Raios podem queimar e carbonizar, mas raramente desencadeiam incêndios. O mato em decomposição pode às vezes fumegar devido ao calor da fermentação, mas isso raramente resulta na produção de chamas. E naquela época de decadência, a arte de fazer fogo tinha sido totalmente esquecida sobre a Terra. As línguas vermelhas que começaram a se elevar do meu pequeno monte de gravetos eram, portanto, uma coisa completamente nova e estranha aos olhos de Weena.

"Ela correu para junto do fogo, pois queria brincar com ele. Acho que teria se atirado nas chamas, mas agarrei-a e, mesmo com ela esperneando, entrei na floresta. Até certa distância, o brilho do fogo lá atrás nos iluminava o caminho. Virei-me a certa altura e vi, através dos ramos entrelaçados, que da minha pequena fogueira de gravetos o fogo tinha se alastrado para algumas moitas próximas, e uma linha curva de chamas começava a subir a encosta da colina. Ri daquilo e voltei a mergulhar nas árvores sombrias à minha frente. Estava muito escuro ali, e Weena agarrava-se convulsivamente a mim, mas ainda havia, quando meus olhos se acostumaram à treva, luminosidade bastante para que eu conseguisse evitar os troncos e a ramaria. No alto, tudo era de um negror total, exceto quando a nesga de um céu azul e remoto brilhava lá em cima. Não risquei nenhum fósforo, porque minhas mãos estavam ocupadas. Carregava Weena com o braço esquerdo, e na mão direita empunhava a barra de ferro.

“Durante algum tempo não percebi nada senão o estralar dos ramos secos sob meus pés, o farfalhar suave da brisa acima, minha própria respiração e o zumbido do sangue nos ouvidos. Então, comecei a ouvir algo como um ruído de passos à minha volta. Aumentei o ritmo, caminhando com firmeza. O ruído foi aumentando, e comecei a ouvir os sons esquisitos e as vozes que tinha escutado no Mundo Inferior. Eram vários Morlocks, que estavam fechando o cerco. E no instante seguinte senti um puxão no casaco. Weena estremeceu violentamente, mas logo depois voltou a ficar quieta.

“Estava na hora de acender um fósforo, mas, para isso, eu tinha que colocá-la no chão. Foi o que fiz, e, enquanto remexia nos bolsos, percebi uma luta na escuridão, à altura dos meus joelhos, uma luta em que ela estava totalmente em silêncio, mas eu ouvia aqueles sons peculiares dos Morlocks. Mãos pequenas e macias também deslizavam sobre meu casaco e minhas costas e tocavam meu pescoço. Então o fósforo inflamou-se e crepitou. Peguei às pressas um pedaço de cânfora no bolso e me preparei para inflamá-lo assim que o fósforo começasse a enfraquecer. Baixei os olhos para Weena. Ela estava deitada, agarrada aos meus pés e completamente imóvel, com o rosto no chão. Tomado de receio, abaixei-me para abraçá-la. Ela mal conseguia respirar. Acendi o bloco de cânfora e o joguei no chão; quando ele ardeu, seu clarão fez os Morlocks recuarem para as sombras. Peguei Weena no colo. Tudo à minha volta parecia ressoar com a agitação e os murmúrios surdos de uma verdadeira multidão!

“Ela parecia desmaiada. Coloquei-a delicadamente no ombro e me levantei para prosseguir. Só então percebi algo terrível. Na minha agitação para acender os fósforos e socorrer Weena, eu tinha girado várias vezes e agora não tinha a mais remota ideia de para onde deveria seguir! Naquele instante eu podia estar virado para trás, na direção do Palácio de Porcelana Verde. Senti que suava frio. Precisava decidir rapidamente o que fazer. Resolvi preparar uma fogueira e acampar ali mesmo. Coloquei Weena, ainda imóvel, em um tufo de relva e, às pressas, enquanto meu primeiro pedaço de cânfora se consumia, comecei a recolher gravetos e folhas secas.

Aqui e ali, na escuridão à minha volta, os olhos dos Morlocks luziam como carbúnculos.

“Com um bruxulear, a cânfora se extinguiu. Acendi mais um fósforo, e, ao fazê-lo, dois vultos brancos que se aproximavam de Weena bateram em retirada. Um deles estava tão ofuscado pela luz que veio direto sobre mim, e senti seus ossos rangerem de encontro ao meu punho fechado. Ele soltou um ronco de susto, cambaleou e caiu por terra. Acendi outro pedaço de cânfora e continuei a preparar minha fogueira. Por fim, percebi como a folhagem acima estava ressequida, porque desde o dia da minha chegada, cerca de uma semana antes, não havia chovido. Assim, em vez de ficar vagueando entre as árvores à procura de galhos caídos, comecei a dar saltos e puxar os galhos ao meu alcance. Logo eu dispunha de uma pequena fogueira, bem fumacenta, feita com madeira verde e galhos secos, e pude economizar minha cânfora. Então me voltei para Weena, que jazia deitada ao lado da barra de ferro. Fiz o que pude para despertá-la, mas ela estava como morta. Não consegui sequer saber se continuava respirando.

“A fumaça começou a ser soprada na minha direção, deixando-me tonto de repente, sem falar no vapor de cânfora que ainda pairava no ar. Minha fogueira duraria uma hora ou mais antes de precisar ser realimentada. Depois de todo aquele esforço, eu me sentia exausto, e sentei no chão. O bosque, também, estava tomado por um murmúrio difuso e incompreensível. Pareceu-me que apenas fechei os olhos e os abri novamente, mas quando o fiz, tudo estava escuro, e os Morlocks estavam sobre mim. Desvencilhando-me dos dedos que me agarravam, apalpei o bolso em busca da caixa de fósforos — tinha sumido! Então eles caíram sobre mim de novo, e percebi o que acontecera. Eu tinha adormecido, e o fogo se apagara. Uma amargura mortal se abateu sobre minha alma. O cheiro de madeira queimando invadia a floresta. Fui agarrado pelo pescoço, pelos cabelos, pelos braços, e derrubado. Era um horror indescritível sentir, na escuridão, todas aquelas criaturas flácidas amontoadas sobre mim. Era como estar preso em uma monstruosa teia de aranha. Fui subjugado e desabei. Senti dentes minúsculos mordiscando meu pescoço. Rolei para o

lado, e minha mão tocou na barra de ferro. Isso me deu forças. Lutei até conseguir ficar de pé, jogando aqueles ratos humanos para longe de mim, e, agarrando firme a barra, golpeei na direção de onde seriam o rosto deles. Senti o impacto suculento afundando carne e osso, e logo me vi livre.

“Senti-me invadir pela estranha euforia que tantas vezes sucede a um combate violento. Sabia que tanto eu quanto Weena estávamos perdidos, mas decidi fazer os Morlocks pagarem caro pela sua refeição. Encostei-me a uma árvore, agitando a barra de ferro à minha frente. A agitação e os gritos deles ressoavam no bosque inteiro. Um minuto se passou. Suas vozes pareceram atingir um clímax de excitação, e eles se moviam mais depressa, mas nenhum se aproximou mais. Fiquei em guarda, na escuridão total. De súbito, veio-me uma esperança. E se eles estivessem amedrontados? Logo em seguida, surgiu algo estranho. A escuridão pareceu ganhar uma luminosidade vaga. Passei a perceber difusamente as silhuetas de Morlocks a correr. Três deles jaziam aos meus pés. E percebi, com uma surpresa incrédula, que os demais estavam correndo, num fluxo incessante, surgindo às minhas costas e desaparecendo na mata à minha frente. E suas costas não pareciam mais brancas, mas avermelhadas. Enquanto eu estava ali, boquiaberto, vi uma fagulha rubra esvoaçando por entre os galhos, numa brecha por onde brilhava o céu. Então entendi o cheiro de madeira queimada, o murmúrio contínuo que agora se elevava em clamor, a luz avermelhada e a fuga em pânico dos Morlocks.

“Afastando-me da árvore e olhando para trás, vi, através dos pilares escuros das árvores mais próximas, o clarão da floresta em chamas. O fogo que eu acendera estava em meu encalço. Olhei em volta à procura de Weena, mas ela tinha sumido. O chiado e o estralejar do fogo às minhas costas, além do ruído surdo das árvores que se inflamavam, não me deram tempo para mais reflexões. Ainda segurando a barra de ferro, corri acompanhando a fuga dos Morlocks. Era uma disputa acirrada. Em certo ponto, as chamas avançaram tão depressa pelo lado direito que me vi ultrapassado por elas e tive que desviar para a esquerda. Por fim, emergi numa pequena clareira, e, nesse momento, um Morlock veio aos

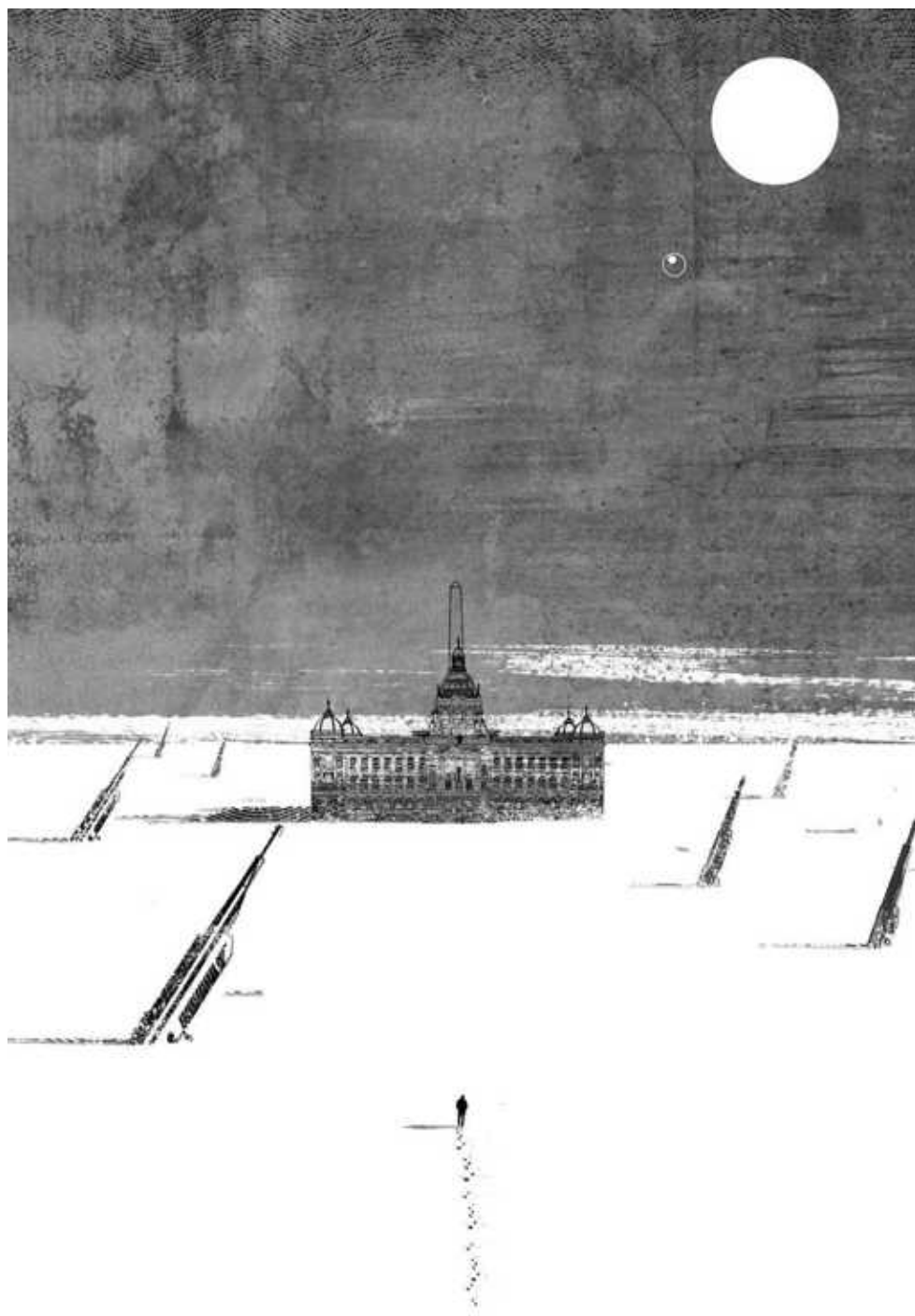
trambolhões na minha direção, ultrapassou-me e correu direto para dentro do fogo!

"Então tive a visão mais estranha e horrível de quantas com que me deparei naquela época futura. Todo aquele espaço estava claro como o dia, iluminado pelo clarão do incêndio. No centro havia uma elevação, ou *tumulus*, tendo alguns espinheiros chamuscados na parte superior. Para além, avançava outro trecho da floresta incendiada, com línguas amarelas de fogo já se elevando e cercando por completo aquele espaço como se fosse uma parede de fogo. Na encosta via-se o vulto de trinta ou quarenta Morlocks, ofuscados pela luz e pelo calor do fogo, cambaleando e esbarrando uns nos outros, completamente desorientados. A princípio não percebi que estavam cegos e ataquei-os com a clava, no frenesi de terror, quando se aproximavam, matando um deles e inutilizando vários outros, mas quando notei os gestos de um que tateava por entre o espinheiro e ouvi seus gemidos, percebi o quanto estavam indefesos e miseráveis naquela fornalha, e não os ataquei mais.

"Ainda assim, de vez em quando um deles vinha na minha direção. Eu não conseguia evitar um estremecimento de pavor e procurava esquivar-me depressa. A certa altura, quando as chamas pareceram arrefecer seu ímpeto, temi que aqueles monstros acabassem me avistando. Pensei em tomar a iniciativa e começar a abatê-los antes mesmo que isso acontecesse, mas em seguida o fogo recrudesceu, e me contive. Caminhei em torno da colina, evitando-os, procurando algum sinal de Weena, mas ela desaparecera.

"Por fim, sentei-me no cume da colina e fiquei observando aquela estranha, inacreditável multidão de criaturas cegas aos trancos e barrancos, fazendo ruídos estranhos uns para os outros, banhados pelo clarão do fogo. Turbilhões de fumaça desdobravam-se de encontro ao céu, e por entre as raras brechas daquela cúpula fervilhante e rubra brilhavam as estrelas, remotas como se pertencessem a outro universo. Dois ou três Morlocks, tropeçando, vieram diretamente sobre mim. Trêmulo, enxotei-os aos socos.

"Durante a maior parte daquela noite, eu me convenci de que estava vivendo um pesadelo. Mordi meu braço e gritei, num esforço demente para

despertar. Esmurrei o chão, levantei-me, sentei de novo, andei de um lado para o outro, voltei a sentar. Então esfregava os olhos e implorava a Deus que me despertasse. Por três vezes vi Morlocks abaixando a cabeça numa espécie de agonia e correndo direto para dentro do fogaréu, mas finalmente, por cima do clarão vermelho do fogo que começava a amainar, por cima das massas revoluteantes de fumaça negra, dos tocos de árvores esbranquiçados de cinza e da quantidade cada vez menor daquelas criaturas horrendas, foi surgindo a luz do dia.

“Voltei a procurar algum indício do que teria acontecido a Weena, mas nada encontrei. Tive certeza de que eles tinham abandonado seu pobre corpo na floresta. Não posso descrever o alívio que senti ao pensar que ela escapara ao destino horrível que parecia aguardá-la. Quando pensei nisso,

tive o ímpeto de promover um massacre entre as criaturas abomináveis que vagueavam em torno, mas me contive. Aquela colina, como já disse, era como uma espécie de ilha no meio da floresta. Do topo eu avistava, por entre o véu de fumaça, o Palácio de Porcelana Verde, e, tomando-o como ponto de referência, pude dirigir-me para a Esfinge Branca. Assim deixei para trás os remanescentes daqueles seres condenados, vagando sem rumo e gemendo. À medida que o dia clareava, amarrei punhados de grama aos meus pés e avancei mancando entre as cinzas fumegantes e os tocos enegrecidos, nos quais o fogo ainda bruxuleava, rumo a onde estava escondida minha Máquina do Tempo. Eu caminhava devagar, porque estava exaurido, além de machucado e cada vez mais deprimido pela morte horrível da pobre Weena. Para mim, era uma catástrofe esmagadora. Agora, de volta a esta minha sala que me é tão familiar, parece-me mais a tristeza que nos fica de um sonho do que uma perda real, mas, naquele amanhecer, deixou-me numa solidão absoluta — numa solidão terrível. Comecei a pensar nesta casa, em minha lareira, em alguns de vocês, e com essas lembranças veio-me uma ansiedade quase dolorosa.

"Enquanto caminhava sobre as cinzas fumegantes, à luz radiante da manhã, fiz uma descoberta: no bolso da minha calça havia ainda alguns palitos de fósforos. A caixa devia ter-se aberto antes que eu a perdesse."

10

— Seriam umas oito ou nove horas da manhã quando cheguei à mesma cadeira de metal amarelo da qual eu observara o mundo ao redor na primeira tarde após minha chegada. Pensei nas conclusões apressadas a que chegara naquele entardecer e não pude evitar uma gargalhada cheia de amargura diante do meu excesso de confiança. Agora, ali estava a mesma bela paisagem, a mesma vegetação abundante, os mesmos esplêndidos palácios e as magníficas ruínas, o mesmo rio prateado correndo entre as margens férteis. Viam-se as roupas de cores alegres dos Eloi se movimentando por entre as árvores. Alguns se banhavam no rio, no mesmo local em que eu tinha salvado Weena, e pensar nisso me provocou uma súbita pontada de dor. E, como manchas sobre aquele panorama, erguiam-se as cúpulas que protegiam as entradas para o Mundo Inferior. Eu entendia agora o que toda aquela beleza do mundo da superfície encobria. Seus dias de vida eram muito agradáveis, tão agradáveis quanto os dias do gado nas pastagens. Assim como o gado, eles não tinham inimigos e não precisavam trabalhar pela subsistência. E o fim de ambos era o mesmo.

"Fiquei abatido ao pensar em como o sonho do intelecto humano havia sido breve. Tinha cometido suicídio. Tinha se aplicado com toda energia à busca do conforto e do lazer, à busca de uma sociedade equilibrada cujas palavras de ordem eram segurança e estabilidade, e atingira o objetivo — daquele modo. Em algum momento, a vida e a propriedade deviam ter alcançado um estado de absoluta segurança. Os ricos tinham certeza de sua riqueza e seu conforto, os operários tinham a mesma certeza quanto a sua vida e seu trabalho. Sem dúvida, naquela sociedade perfeita deixara de haver

problemas como o desemprego, e nenhuma questão social deixava de ser resolvida. E uma grande paz se seguira.

"É uma lei da natureza, de que tantas vezes descuidamos: que a versatilidade intelectual é nossa compensação por enfrentar as mudanças, os perigos, os problemas. Um animal em perfeita harmonia com seu ambiente é um mecanismo perfeito. A natureza nunca apela para a inteligência senão quando o hábito e o instinto são incapazes de resolver um problema. Não existe inteligência onde não existe mudança ou a necessidade de mudança. Os únicos animais que demonstram inteligência são aqueles que precisaram enfrentar uma grande variedade de necessidades e perigos.

"Assim, conforme vejo as coisas, os homens do Mundo Superior tinham derivado na direção daquela beleza frágil, e os do Mundo Subterrâneo, para a mera habilidade mecânica. Mas esse estado de coisas ideal tinha se ressentido da falta de uma coisa necessária à perfeição mecânica: a permanência da estabilidade. Aparentemente, com o passar do tempo, a alimentação do povo do subsolo, fosse qual fosse o processo pelo qual era provida, tinha se desorganizado. A Mãe Necessidade, que fora aposentada por alguns milhares de anos, voltou a atuar, e começou pelo subsolo. Seus habitantes haviam permanecido em contato com as máquinas, as quais, por mais perfeitas que fossem, ainda assim exigiam hábitos mentais que iam além da mera rotina, e com isso eles conservaram maior senso de iniciativa que os habitantes da superfície, mesmo que em detrimento de outros traços humanos. E quando outros tipos de alimentação lhes faltaram, retornaram a antigos hábitos que lhes tinham sido proibidos. Foi essa minha última visão sobre o mundo do ano Oitocentos e Dois Mil, Setecentos e Um. Pode ser a explicação mais equivocada que a habilidade humana pode produzir, mas foi assim que a ideia tomou forma em minha mente, e é assim que a apresento a vocês.

"Depois de todo o cansaço, a agitação e os terrores daqueles últimos dias, e a despeito de minha tristeza, aquele assento, a vista pacífica e a cálida luz do sol me acalentaram. Exausto e sonolento, logo minhas elucubrações deram

lugar a um cochilo. Percebendo o que acontecia, resolvi obedecer ao pedido do corpo e, estirando-me na relva, mergulhei num sono longo e repousante.

“Acordei pouco antes do pôr do sol. Sentia-me seguro de que não seria surpreendido pelos Morlocks em pleno sono e, espreguiçando-me, desci a colina rumo à Esfinge Branca. Numa das mãos segurava a barra de ferro e com os dedos da outra brincava com os fósforos no bolso.

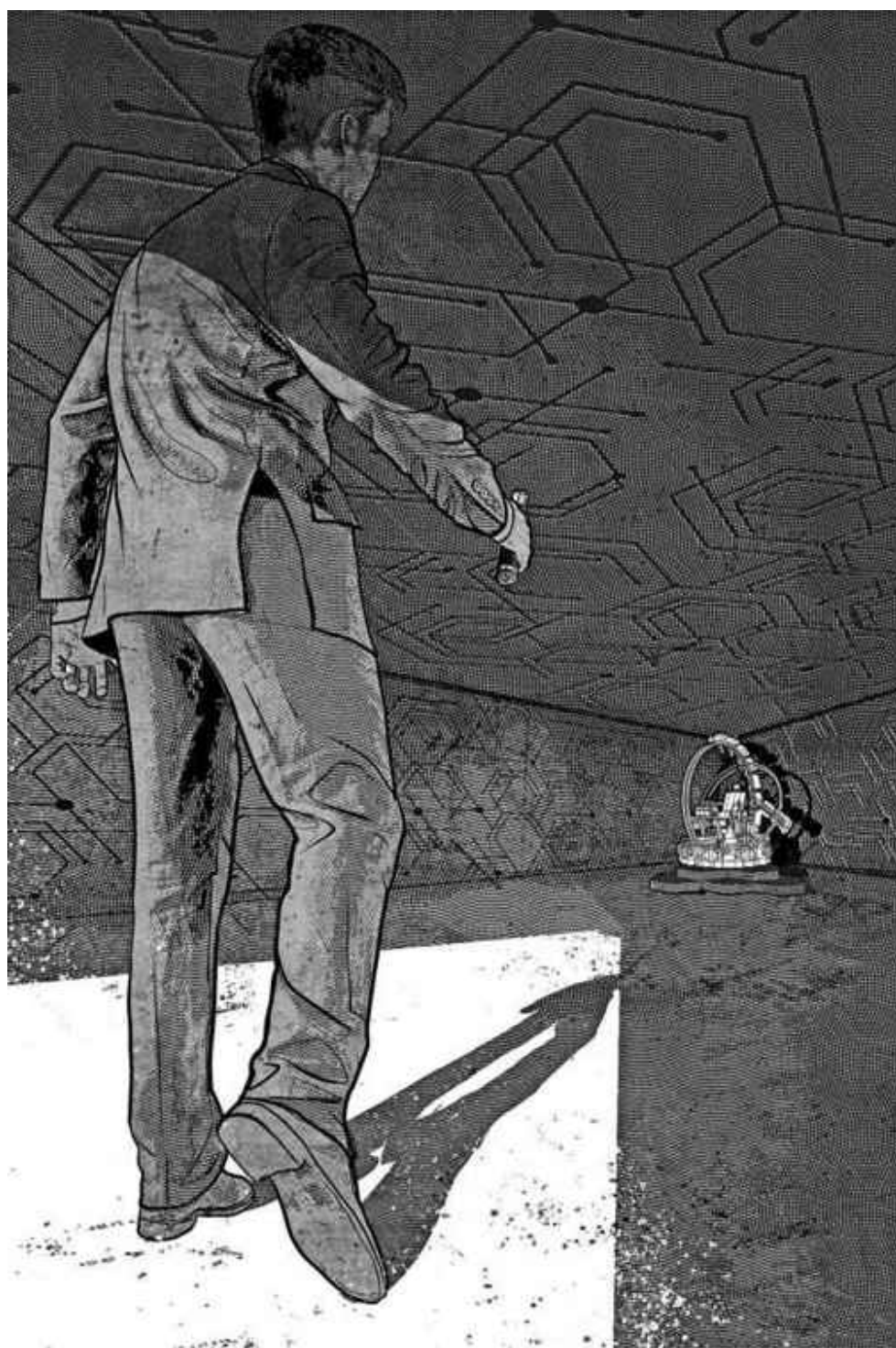
“Então ocorreu algo totalmente inesperado. Ao me aproximar do pedestal da Esfinge, vi que as placas de bronze estavam abertas! Tinham deslizado para dentro de sulcos no chão.

“Parei diante delas, hesitando em entrar.

“Lá dentro via-se um pequeno aposento, e numa parte elevada a um canto estava a Máquina do Tempo. Eu trazia no bolso as alavancas. Depois de meus elaborados preparativos para tomar de assalto a Esfinge Branca, eu me via diante de uma rendição abjeta. Joguei longe a barra de ferro, sentindo-me quase triste por não ter que usá-la.

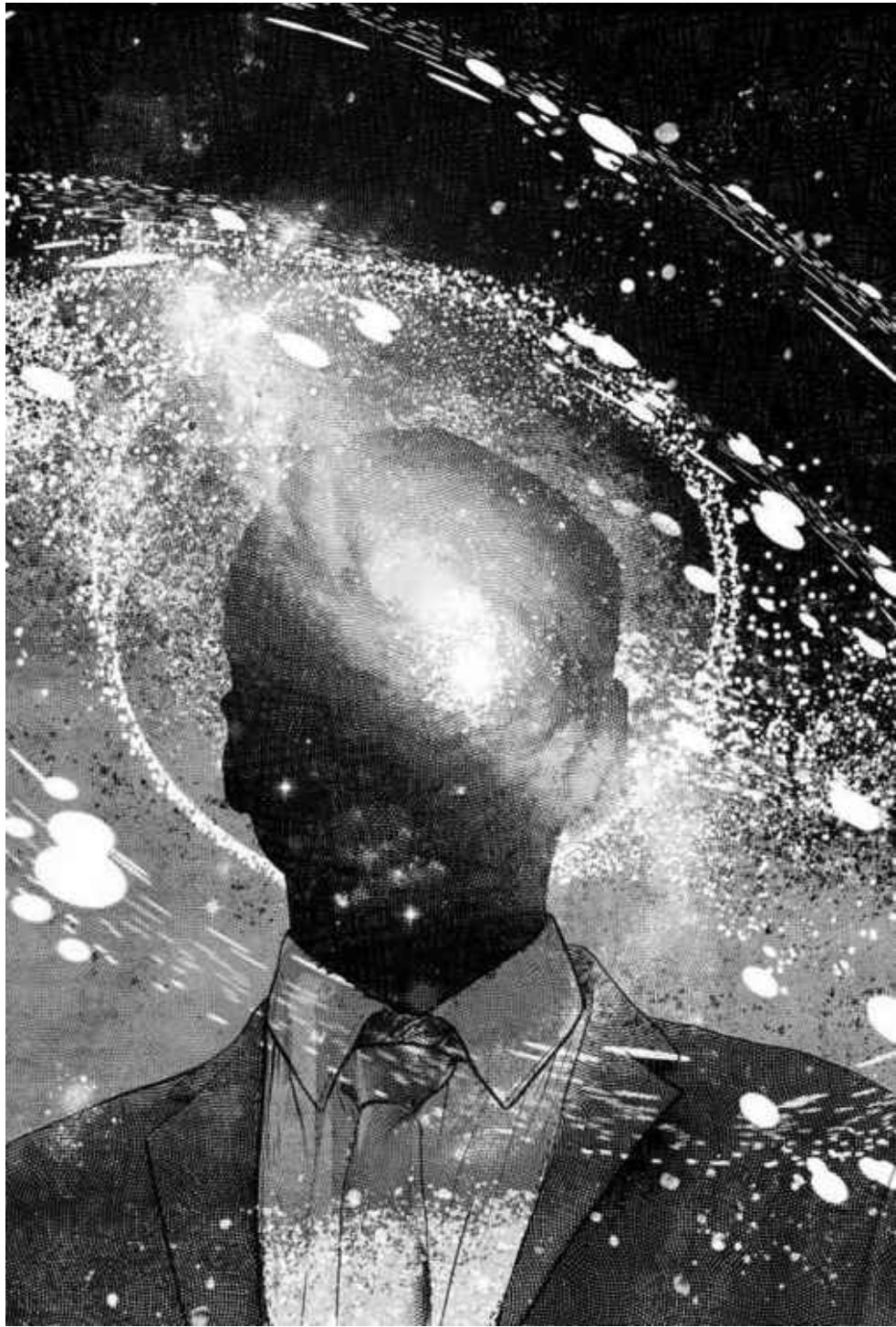
“Um pensamento súbito me ocorreu quando me abaixei para cruzar o portal. Pelo menos desta vez eu compreendia como raciocinavam os Morlocks. Contendo a vontade de rir, cruzei a abertura de bronze e subi até onde estava a Máquina do Tempo. Fiquei surpreso ao ver como tinha sido limpa e lubrificada com óleo. Desde então, suspeito que os Morlocks a tenham desmontado e remontado parcialmente, tentando entender, com sua mente confusa, sua finalidade.

“Quando parei ao lado dela e a examinei, sentindo prazer no mero fato de tocá-la, o que eu esperava aconteceu. Os painéis de bronze subiram até se chocarem, com um clangor, na parte superior do portal. Eu estava no escuro — aprisionado. Ou pelo menos era o que imaginavam os Morlocks. Dei uma risada.

“Eu já podia ouvir os risos murmurantes deles quando começaram a se aproximar de mim. Calmamente, tentei acender um fósforo. Precisava apenas afixar as alavancas e partir dali, sumindo como um fantasma, mas eu tinha esquecido um pequeno detalhe: eram daquele tipo abominável de fósforos que só podem ser acesos se riscados na caixa!

“Podem imaginar como toda a minha calma se evaporou. Os brutos estavam praticamente sobre mim. Um deles me tocou. Desferi um golpe largo à minha volta com as alavancas e comecei a me instalar no assento da máquina. Então outra mão caiu sobre mim, e depois mais outra. Logo eu estava lutando apenas para evitar que seus dedos incansáveis se apoderassem das alavancas, ao mesmo tempo que procurava, no escuro, as ranhuras em que se encaixavam. Uma delas quase me foi arrebatada. Quando senti que me fugia por entre os dedos, tive que dar uma cabeçada no escuro — ouvi o impacto no crânio do Morlock —, e consegui recuperá-la. Acho que essa derradeira escaramuça foi um perigo ainda maior que a batalha na floresta.

“Finalmente, as alavancas foram encaixadas e consegui acioná-la. As mãos que me agarravam deslizaram do meu corpo e sumiram. A escuridão ao meu redor desapareceu. Vi-me mergulhado naquela mesma luz acinzentada e no mesmo tumulto que já lhes descrevi.”

11

— JÁ LHES FALEI DA SENSAÇÃO DE DESORIENTAÇÃO E DE NÁUSEA produzida pela viagem no Tempo. E dessa vez eu não estava corretamente sentado, mas caído meio de lado, numa posição instável. Durante um tempo que não pude calcular, agarrei-me à máquina, que balançava e trepidava, sem ter noção de para onde estava indo, e quando tive condições de olhar os mostradores, fiquei espantado ao ver aonde chegara. Há um mostrador para registrar os dias, outro para os milhares de dias, outro para milhões, e outro para milhares de milhões. No momento da fuga, em vez de puxar as alavancas para trás, eu as empurrara para a frente, e, quando olhei os mostradores, vi que o ponteiro dos milhares girava à velocidade do ponteiro dos segundos de um relógio — rumo ao futuro.

“Enquanto eu avançava, uma mudança peculiar se processava no ambiente à minha volta. A luminosidade cinza foi se tornando mais escura; então, embora eu continuasse a viajar com uma velocidade prodigiosa, voltei a perceber a sucessão piscante do dia e da noite, o que indicava em geral uma diminuição da velocidade, e isso foi se acentuando cada vez mais. A alternância do dia e da noite ficou cada vez mais vagarosa, bem como o trajeto do sol através do céu, até que pareciam durar séculos. Por fim, um crepúsculo contínuo pareceu imperar sobre a terra, um crepúsculo cuja luminosidade se modificava apenas quando um cometa cortava a sombria abóbada celeste. A faixa luminosa que indicava o sol já desaparecera havia muito, porque tinha deixado de ir do nascente ao poente, limitando-se a se erguer e se pôr no oeste, e ficava cada vez maior e mais avermelhado. Não havia mais sinal da lua. O carrossel das estrelas, que tinha se tornado cada vez mais lento, deu lugar a pontos de luz que pareciam se arrastar. Por fim, pouco antes do momento em que detive a máquina, o sol, vermelho e enorme, estacionou no horizonte, como uma vasta redoma exalando um calor abafadiço, e de vez em quando sofrendo breves apagões. A certa altura, seu brilho pareceu reacender-se, mas logo se abateu e retornou ao mesmo clarão melancólico e rubro. Percebi, pela diminuição gradual do ciclo do amanhecer e entardecer, que o movimento de empuxo entre a Terra e a Lua tinha se extinguido. A Terra jazia agora com uma face perpetuamente voltada para o sol, assim como em nosso tempo está a lua em relação ao nosso planeta. Com muito cuidado, tendo na lembrança a capotagem ocorrida durante a primeira parada, comecei a reduzir a velocidade. Os ponteiros foram girando cada vez mais devagar, até que o dos milhares de anos pareceu imóvel e o dos dias não era mais um círculo enevoado sobre os números. Reduzi ainda mais, até que avistei os contornos indistintos de uma praia deserta.

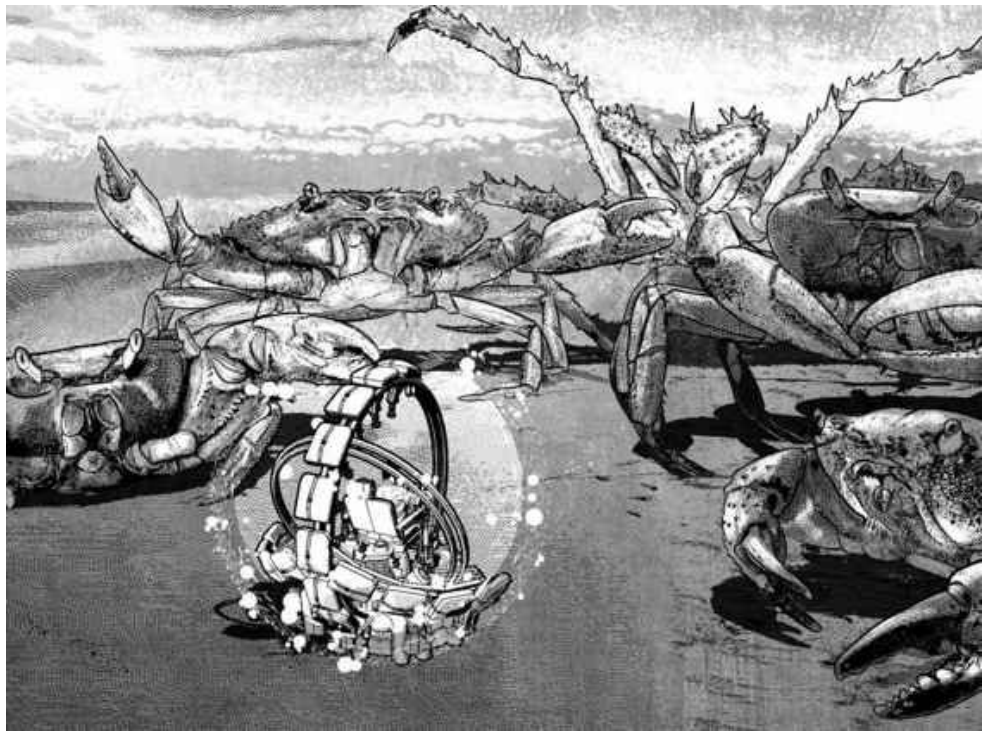
“Parei com todo o cuidado e continuei sentado, olhando em volta. O céu já não era azul. Na direção nordeste era de um negror retinto, e nessa escuridão cintilavam pálidas estrelas brancas. Acima de mim, era de um

vermelho profundo e sem astros, e no rumo sudoeste ia se tornando de um escarlate vívido, no qual, cortado pela linha do horizonte, se erguia a enorme cúpula do sol, rubro e imóvel. As rochas à minha volta eram de uma cor avermelhada, e os únicos traços de vida que percebi à primeira vista foram a vegetação de um verde vívido que cobria todas as elevações do lado sudeste. Era o mesmo verde que vemos nos musgos da floresta e nos liquens das cavernas: o das plantas que vicejam onde existe um crepúsculo eterno.

"A máquina havia pousado numa encosta suave que descia até a praia. O mar se estendia para sudoeste até a linha nítida do horizonte, de encontro a um céu esmaecido. Não havia ondas nem arrebentação, pois eu não sentia o menor sopro de vento. Percebia apenas um ondular viscoso quando o mar se elevava e se abaixava, como uma respiração tranquila, apenas mostrando que o velho oceano continuava vivo e em movimento. E ao longo da orla, onde a água às vezes produzia uma pequena arrebentação, via-se uma espessa camada de sal, a que o sol dava um tom rosado. Eu sentia na cabeça um peso opressivo, e percebi que estava respirando muito depressa. Lembrei-me de uma experiência de alpinismo que fiz certa vez, e avaliei que o ar daquele tempo era muito mais rarefeito que o de hoje.

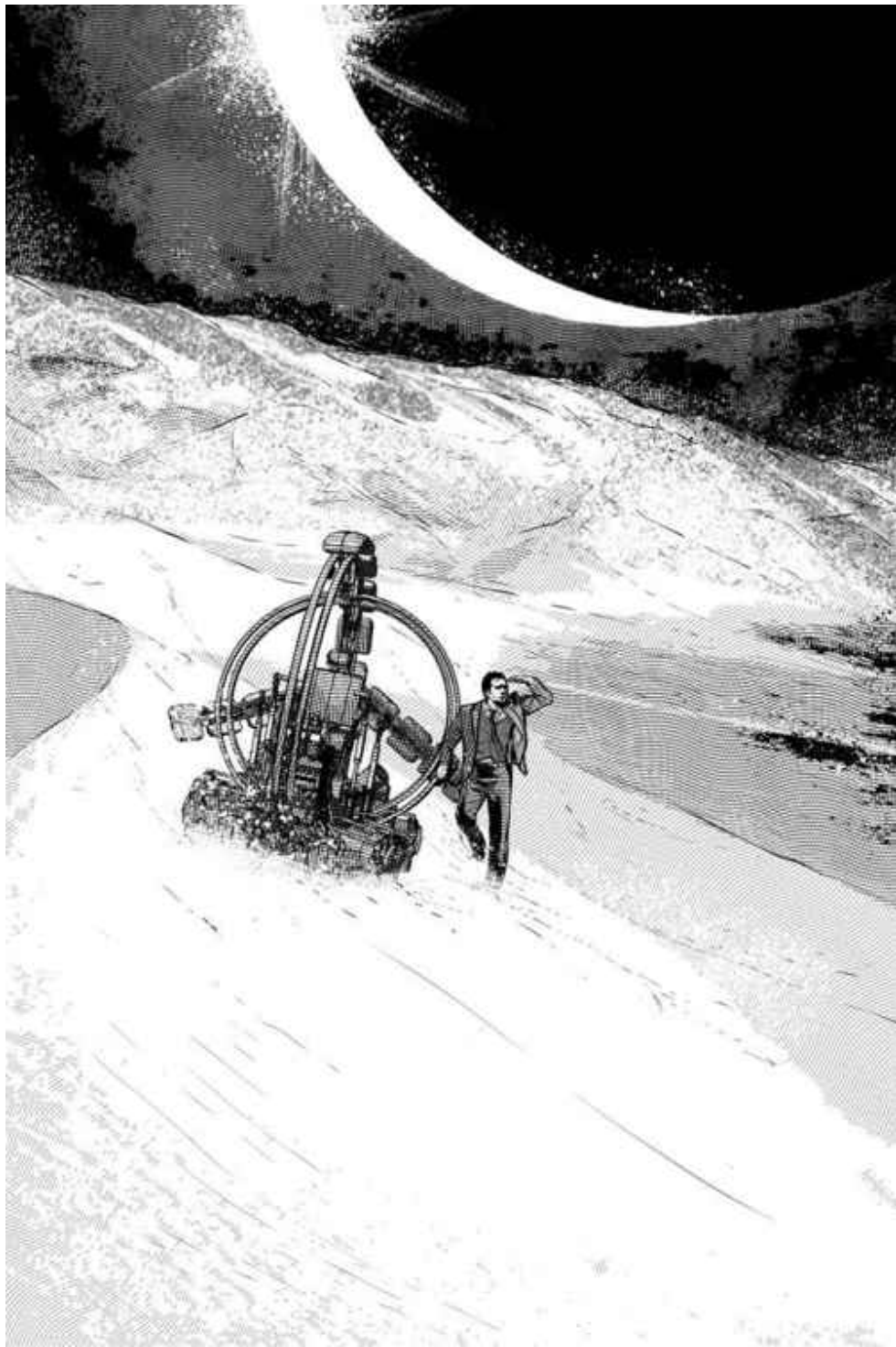
"Ouvi ao longe, além da encosta desolada onde eu me encontrava, um grito áspero. Vi uma criatura que lembrava uma grande borboleta branca esvoaçando em diagonal e, fazendo uma curva muito larga, desapareceu por trás de uns morrotes distantes. Sua voz soava tão lúgubre que estremeci, e me ajeitei com mais firmeza no assento. Voltando a olhar em torno, vi que, não muito longe de onde eu estava, o que a princípio eu tomara por um aglomerado de rochas avermelhadas se movia devagar na minha direção. Percebi então que se tratava de uma criatura enorme, semelhante a um caranguejo. Tentem imaginar um caranguejo tão grande quanto aquela mesa ali do canto, com suas numerosas pernas mexendo-se devagar e sem firmeza, suas enormes pinças balançando, suas longas antenas, parecendo chicotes de cocheiros, oscilando e esquadrinhando o ambiente, e seus olhos como longos pendões brilhando de cada lado daquela carapaça. Sua parte traseira, toda corrugada, exibia mossas irregulares e era manchada em vários

pontos por incrustações esverdeadas. Eu via os numerosos palpos de sua boca, movendo-se e experimentando o ar enquanto ele avançava.

“Enquanto observava essa sinistra aparição que se aproximava, senti uma cócega no rosto, como se uma mosca tivesse pousado ali. Tentei afugentá-la com a mão, mas ela voltou, e logo em seguida veio outra, até minha orelha. Dei-lhe um tapa e senti na mão algo semelhante a um filamento, que logo foi puxado de meus dedos. Com um calafrio de medo, virei-me e vi que o que eu tinha agarrado era a antena de outro monstro semelhante, que estava bem às minhas costas. Seus olhos malignos oscilavam na ponta dos pedúnculos, sua boca se abria cheia de apetite e suas enormes pinças desajeitadas, manchadas do lodo das algas, desciam sobre mim. Num instante minha mão acionou a alavanca. Consegui colocar um mês de distância entre mim e aquelas criaturas, mas fui parar na mesma praia e as avistei a distância logo que parei. Dúzias delas pareciam vaguear por todos os lados, naquela luz sombria, por entre as camadas de vegetação de um verde intenso.

“Não posso reproduzir a sensação de desolação abominável que pairava sobre aquele mundo. O céu avermelhado a leste, a escuridão ao norte, aquele Mar Morto rodeado de sal, a praia pedregosa onde rastejavam aqueles monstros vagarosos e repulsivos, o verde uniforme e de aparência venenosa dos liquens, o ar escasso que fazia doer os pulmões; tudo contribuía para produzir um efeito arrasador. Avancei cem anos, e ali estava o mesmo sol vermelho — um pouco maior, um pouco mais fosco —, o mesmo mar sem vida, o mesmo ar frio, a mesma multidão de crustáceos arrastando-se entre o verde do musgo e o vermelho das rochas. E a oeste, no céu, vi uma pálida linha curva como se fosse uma imensa lua nova.

“E assim continuei minha viagem, fazendo uma parada de vez em quando, em avanços de até mil anos ou mais, seduzido pelo mistério do destino final da Terra, e vendo, com uma estranha fascinação, o sol tornar-se maior e menos brilhante a oeste, e a vida na velha Terra extinguir-se aos poucos. Por fim, mais de trinta milhões de anos no futuro, a vasta cúpula rubra do sol já chegava a cobrir um décimo da abóbada celeste. Parei mais uma vez, pois a multidão de seres rastejantes já desaparecera, e a praia avermelhada parecia sem vida a não ser pela cobertura lívida e esverdeada dos liquens. Agora se viam manchas brancas. Um frio violento se apossou de mim. Flocos de neve esvoaçavam devagar até começarem a cair. A nordeste, avistava-se o reluzir da neve sob a luz das estrelas do céu negro, bem como a silhueta ondulada de uma serra onde a neve tinha um brilho róseo. Havia crostas de gelo ao longo da margem do oceano e blocos flutuando mais além, mas a massa oceânica principal, com um brilho sanguíneo sob o eterno crepúsculo, ainda não tinha se congelado.

“Procurei em volta algum indício remanescente de vida animal. Uma apreensão indefinível ainda me mantinha preso ao assento da máquina, mas nada vi que se movesse, fosse na terra, no céu ou no mar. Somente o musgo verde que cobria as rochas indicava que a vida não se extinguira por completo. Um banco raso de areia surgira no mar, e a água estava cada vez mais distante de onde fora a praia. Imaginei ter visto alguma coisa negra

rolando no banco de areia, mas estava imóvel quando o encarei diretamente; acabei achando que meus olhos tinham me enganado, pois não passava de uma rocha. As estrelas no céu tinham um brilho cada vez mais intenso e pareciam quase não piscar.

"De repente, notei que o círculo do sol no ocidente tinha se modificado: havia nele como que uma concavidade, uma baía. E parecia aumentar a olhos vistos. Por cerca de um minuto fiquei observando aquela escuridão que se alastrava sobre a luz do dia, e então percebi que era a fase inicial de um eclipse solar. A lua ou o planeta Mercúrio cruzava o disco solar. De início, naturalmente, imaginei ser a lua, mas agora estou inclinado a crer que era o trânsito de um dos planetas interiores, que agora orbitava muito próximo à Terra.

"A escuridão foi se alastrando, um vento frio começou a soprar em rajadas refrescantes, vindo do leste, e os flocos de neve que revoluteavam no ar foram ficando mais numerosos. Da orla do mar, chegou até meus ouvidos um marulho leve, quase um sussurro. Afora esses sons sem vida, reinava o silêncio no mundo. Silêncio? É difícil dar uma ideia da imobilidade naquele ambiente. Todos os sons humanos, os balidos de ovelhas, o canto dos pássaros, o zumbido dos insetos, toda a agitação que percebemos ao fundo durante nossa vida — tudo se extinguira. A escuridão foi se tornando mais densa, os flocos de neve mais abundantes, dançando diante dos meus olhos, e o ar, mais gelado. Por fim, de um em um, em rápida sucessão, os cumes brancos das colinas distantes foi sendo absorvido pelas trevas. A brisa se encorpou num vento lamentoso. Vi a sombra central do eclipse deslizando no solo em minha direção. Um instante depois, apenas as estrelas pálidas ficaram visíveis. Tudo o mais era uma obscuridade sem nenhum raio de luz. O céu era de um negror total.

"Apossou-se de mim um horror diante daquela enorme escuridão. Fui dominado pelo frio, que me gelava até a medula, e pela dor que a simples respiração me causava. Estremeci, tomado por uma náusea terrível. Então, como um arco flamejante, voltou a surgir no céu uma borda do sol. Levantei-me da máquina, tentando me recuperar. Sentia-me tonto e incapaz de enfrentar a viagem de volta. Quando fiquei de pé, zonzo e vacilante, vi novamente a coisa que se movia no banco de areia — agora tive certeza de que era algo se movendo —, destacando-se contra a água

avermelhada do mar. Era um ser arredondado, do tamanho de uma bola de futebol, talvez, ou um pouco maior, com tentáculos; parecia negro de encontro à água rubra que oscilava à sua volta e dava pequenos saltos bruscos. Nesse momento, senti que estava para desmaiar, mas me mantive consciente pelo medo absurdo de tombar indefeso naquele assustador crepúsculo remoto, e consegui me instalar de novo no assento.”

12

— E VIM EMBORA. DEVO TER FICADO MUITO TEMPO SEMIDESACORDADO na máquina. Percebi mais uma vez o pisca-pisca da sucessão de dias e noites, e logo o sol tornou-se dourado novamente e o céu recobrou seu tom azul. Minha respiração se estabilizou. Os contornos flutuantes do terreno iam e vinham. Nos mostradores, os ponteiros giravam velozes para trás. Enfim avistei silhuetas indistintas de casas, os sinais de uma humanidade decadente. Essas, também, modificaram-se e desapareceram, e outras vieram em seu lugar. Quando o ponteiro dos milhões atingiu o zero, comecei a reduzir a velocidade. Passei a reconhecer nossa arquitetura banal, o ponteiro dos milhares de anos voltou ao ponto zero, o dia e a noite sucediam-se cada vez mais devagar. Por fim, as paredes tão familiares do laboratório surgiram ao meu redor. Com todo o cuidado, reduzi ainda mais a velocidade.

“Vi então algo que me pareceu estranho. Acho que lhes falei que, no momento da minha partida, antes que a máquina atingisse as velocidades mais altas, eu vira a sra. Watchett atravessando o laboratório, com uma velocidade, segundo me pareceu, semelhante à de um foguete. No meu regresso pelo Tempo, cruzei de novo aquele minuto em que ela fizera esse percurso, mas agora seu movimento pareceu-me ser o contrário do anterior. A porta do jardim se abriu, ela entrou no aposento, andando de costas, e desapareceu pela porta por onde havia entrado na primeira vez que a vira. Um pouco antes disso, pensei ter visto Hillyer por um instante,[14] mas ele passou como um relâmpago.

“Então parei a máquina e me vi em meu velho e familiar laboratório, com meus instrumentos e meus projetos exatamente como os deixara. Ergui-me da máquina bastante abalado e sentei-me à mesa de trabalho. Por vários minutos fiquei ali, meu corpo sofrendo violentos tremores, até enfim sentir que começava a me recuperar. Devo ter cochilado um pouco ali, e quem sabe tudo não tenha passado de um sonho.

“Contudo… nada disso! Quando parti, a máquina estava em determinado ponto do laboratório, e na volta ela foi parar na outra extremidade, bem ali onde vocês a viram. Essa distância corresponde exatamente ao trecho que separava o pequeno relvado onde parei no Futuro e o pedestal da Esfinge Branca, para onde os Morlocks a carregaram.

“Durante algum tempo, minha mente ficou dormente, embrutecida, até que consegui me erguer e cruzei o corredor, mancando, porque meu calcanhar ferido ainda incomodava, e sentindo-me sujo dos pés à cabeça. Vi o *Pall Mall Gazette* na mesa junto à porta. Verifiquei que a data era a de hoje e, olhando o relógio, constatei que eram quase oito horas. Ouvi as vozes de vocês e o tilintar dos pratos. Hesitei, porque me sentia muito machucado e enfraquecido. Então senti o cheiro delicioso da carne e decidi vir ao encontro de vocês. Bem, o resto já sabem. Tomei banho, jantei e agora estou aqui, contando minha história.”

Ele fez uma pausa. Então continuou:

— Sei que tudo isso parecerá totalmente inacreditável para vocês. Para mim, porém, incrível é que eu esteja aqui, esta noite, nesta minha velha sala tão aconchegante, entre meus amigos, contando as estranhas aventuras que vivi.

Ele olhou para o Médico.

— Não, não espero que acreditem em mim. Recebam isso tudo como uma mentira, ou uma profecia. Digam que foi um sonho que tive no laboratório. Levem em conta que fiquei imaginando o destino futuro da nossa raça até conceber essa ficção. Considerem que minha afirmação de que tudo isso aconteceu não passa de um mero recurso da imaginação para lhes despertar

maior interesse. E, supondo que tudo isso não passe mesmo de uma história, o que me dizem dela?

Ele pegou seu cachimbo e, como era seu hábito, começou a batê-lo nervosamente nas grades da lareira. Por um instante ficamos todos imóveis. Depois, cadeiras foram movidas, pés se arrastaram no tapete. Meus olhos se desviaram do rosto do Viajante no Tempo para a plateia. Estavam todos na penumbra, e diante deles faíscas bailavam como que manchas coloridas de luz. O Médico parecia absorvido na contemplação do rosto de nosso anfitrião. O Editor fitava a extremidade de seu charuto — o sexto que fumava. O Jornalista brincava com seu relógio de algibeira. Os outros, pelo que me recordo, estavam imóveis.

O Editor ficou de pé, com um suspiro.

— Que pena que você não é escritor! — disse ele, pousando a mão no ombro do Viajante no Tempo.

— Então não acredita em mim?

— Bem…

— Eu sabia que não acreditariam.

O Viajante no Tempo virou-se para nós.

— Onde estão os fósforos? — perguntou. Riscou um deles e continuou, enquanto soltava algumas baforadas: — Para falar a verdade, eu mesmo mal posso crer no que aconteceu… E mesmo assim…

Seus olhos inquietos pousaram sobre as ressequidas flores brancas que deixara na mesinha. Então ele girou a mão que empunhava o cachimbo, e percebi que observava algumas feridas mal cicatrizadas nos nós dos dedos.

O Médico se levantou, aproximou-se da lamparina e examinou as flores.

— Têm um gineceu estranho — constatou ele.

O Psicólogo inclinou-se para a frente e apanhou outra flor.

— Nossa, já são quinze para a uma! — exclamou o Jornalista. — Como iremos para casa?

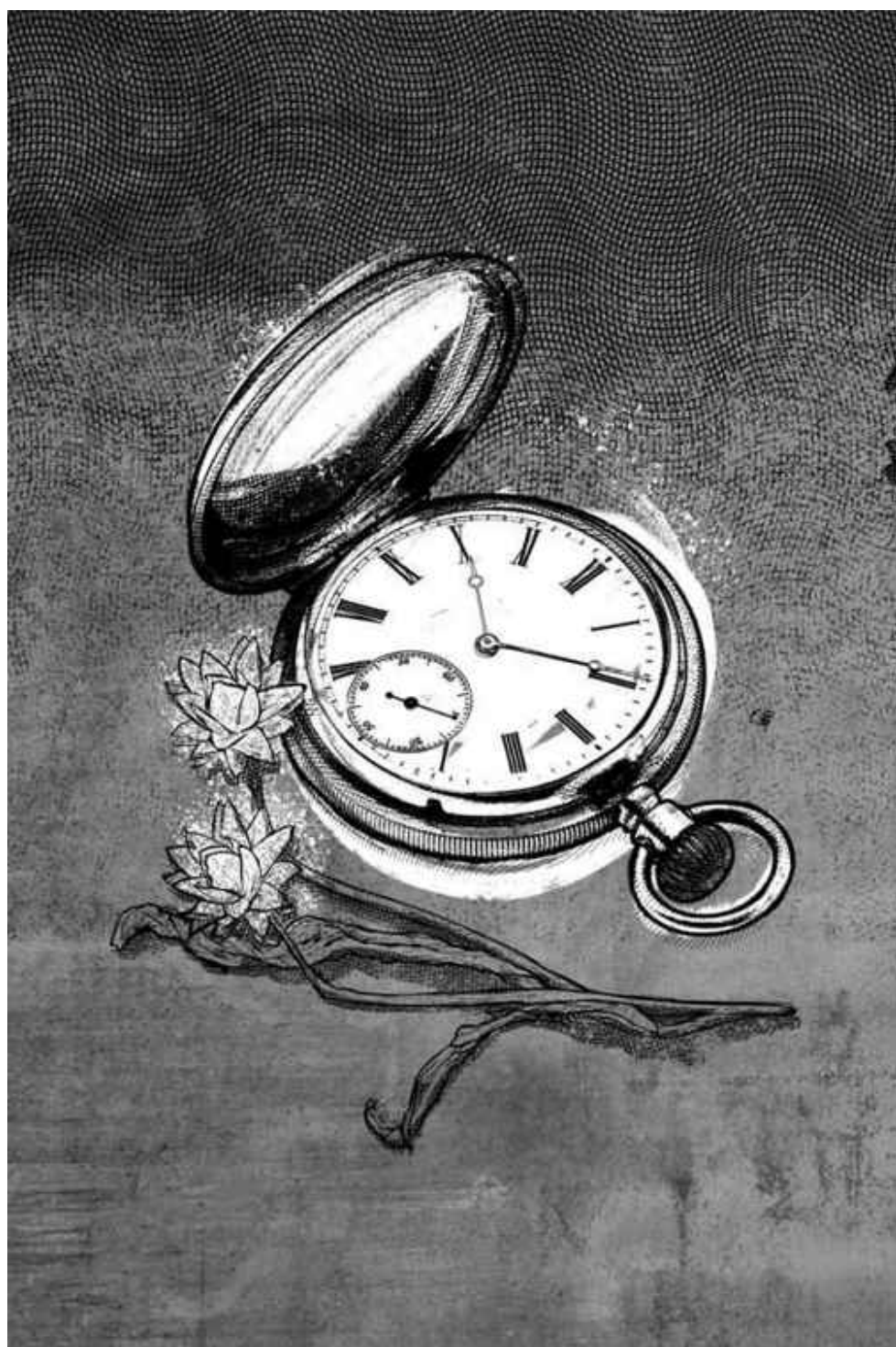
— Há muitos carros de aluguel na estação aqui perto — disse o Psicólogo.

— Curioso — disse o Médico. — Não consigo identificar a ordem natural destas flores. Posso levá-las comigo?

O Viajante no Tempo hesitou e então respondeu bruscamente:

— Claro que não.

— Onde as conseguiu, de fato? — perguntou o Médico.

O Viajante no Tempo apoiou a cabeça na mão e falou como alguém que tenta fixar uma ideia que lhe foge:

— Foram colocadas no meu bolso por Weena, quando viajei no Tempo — disse ele, e olhou em volta, observando o aposento. — Parece que tudo aquilo está sumindo. Esta sala, e a presença de vocês, e esta atmosfera familiar… Tudo é intenso demais para minha memória. Será que construí mesmo uma Máquina do Tempo, ou mesmo um modelo de uma Máquina do Tempo? Ou terá sido tudo um sonho? Dizem que a vida é um sonho, e até bem pobre, às vezes… mas não posso suportar um sonho que não faça sentido. É loucura. A propósito, de onde terá vindo esse sonho? Preciso dar uma olhada na minha máquina. Se é que ela existe!

Ele ergueu a lamparina, decidido, e a levou consigo, um halo de luz avermelhada o acompanhando até a porta do corredor. Nós o seguimos. Ali, à luz vacilante da lamparina, estava de fato a Máquina — feia, atarracada, posta em diagonal; uma coisa feita de latão, ébano, marfim e quartzo translúcido e cintilante. Firme ao toque — porque a toquei e a senti sólida —, coberta de manchas marrons nas partes de marfim, suja de relva e de musgo na base e amassada em uma das barras.

O Viajante no Tempo pousou a lamparina na mesa de trabalho e correu os dedos pela barra amassada.

— Agora está tudo certo — disse. — O que lhes contei aconteceu de fato. Lamento tê-los trazido até este local tão frio.

Ele voltou a erguer a lamparina, e, em completo silêncio, voltamos ao salão de fumar.

O Viajante no Tempo nos acompanhou até o saguão e ajudou o Editor a vestir o sobretudo. O Médico o encarou de frente e, com alguma hesitação, disse que talvez o excesso de trabalho o tivesse deixado com estafa — o que só lhe provocou uma gargalhada. Lembro-me de sua imagem à porta, acenando em despedida e nos desejando boa-noite.

Entrei num carro com o Editor, que declarou considerar tudo aquilo “uma formidável invenção”. De minha parte, não pude chegar a uma conclusão. A história toda era fantástica e inacreditável, mas o modo de contá-la fora tão verossímil e tão sóbrio! Passei grande parte daquela noite em claro,

revolvendo tudo na memória. Tomei a decisão de voltar lá no dia seguinte e reencontrá-lo.

Ao ser recebido, disseram-me que ele estava no laboratório, e, tendo intimidade suficiente naquela casa, me encaminhei até lá. O aposento, contudo, estava vazio. Fiquei olhando a Máquina do Tempo por cerca de um minuto, até que toquei a alavanca. Nesse instante, aquela coisa pesadona e maciça oscilou como um ramo de árvore agitado pelo vento. Sua instabilidade me surpreendeu enormemente, e tive um rápido vislumbre de meus tempos de criança, quando me proibiam de mexer nos objetos dos adultos. Voltei pelo corredor e encontrei o Viajante no Tempo no salão de fumar. Vinha da parte principal da casa. Tinha uma câmara fotográfica embaixo de um braço e uma mochila embaixo do outro. Deu uma risada ao deparar comigo e estendeu o cotovelo para me cumprimentar.

— Estou ocupadíssimo com aquela coisa lá atrás — disse ele.

— Então não se trata de um embuste? — perguntei. — Você viajou mesmo através do Tempo?

— Real e verdadeiramente. — Ele me encarou com toda a franqueza. Hesitou por um instante, e depois seus olhos vaguearam pelo aposento. — Preciso de apenas meia hora. Sei por que você veio, e fico feliz que o tenha feito. Há algumas revistas ali. Se quiser ficar um pouco, até o almoço, vou lhe dar provas irrefutáveis da viagem no Tempo, inclusive trazendo amostras. Agora, dê-me licença.

Concordei, mal podendo assimilar a importância do que acabara de ouvir; ele fez um aceno e sumiu pelo corredor. Ouvi a porta do laboratório bater. Sentei numa cadeira e abri um dos jornais do dia. O que ele estaria planejando fazer antes do almoço? Nesse momento vi um anúncio e lembrei, de repente, que tinha combinado de me encontrar com o editor Richardson às duas horas. Olhei o relógio e vi que mal teria tempo de comparecer ao encontro. Levantei-me e entrei pelo corredor, para avisar o Viajante no Tempo.

Quando peguei na maçaneta, ouvi lá dentro uma exclamação bruscamente interrompida, um estalido e, depois, um baque surdo. Uma rajada de vento

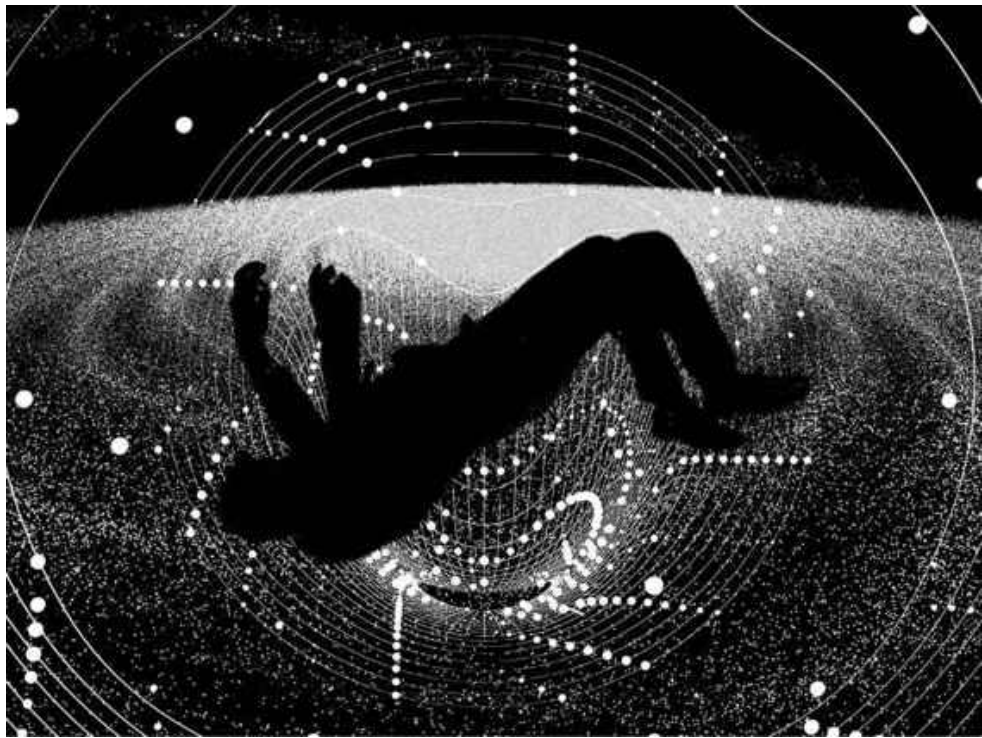
me envolveu quando abri a porta, e do interior do laboratório veio o som de vidro estilhaçando-se ao cair no chão. O Viajante no Tempo não estava lá. Tive a impressão de ver por um momento a imagem fantasmagórica de uma figura sentada no centro de uma massa turbilhonante, escura e com reflexos de bronze — uma figura tão transparente que a mesa de trabalho atrás era plenamente visível, coberta de papéis com diagramas; mas o fantasma se desvaneceu assim que esfreguei os olhos. A Máquina do Tempo sumira. A não ser por um pouco de poeira em suspensão, nada havia na outra ponta do aposento. Uma das vidraças da claraboia tinha, aparentemente, se espatifado no chão.

Senti um espanto despropositado. Sabia que algo estranho acabara de ocorrer, e por um momento não pude conceber o que seria. Enquanto estava ali parado, a porta do jardim se abriu e surgiu um criado.

Olhamos um para o outro. Então, minhas ideias voltaram a se pôr em movimento.

— Por acaso o sr… saiu por essa porta? — perguntei.

— Não, senhor. Ninguém saiu por aqui. Pensei que ele estivesse aqui dentro.

Naquele momento, compreendi. Mesmo correndo o risco de aborrecer Richardson com meu atraso, permaneci ali, aguardando o Viajante no Tempo; esperando por sua segunda narrativa, que talvez viesse a ser mais estranha que a primeira, e pelos espécimes e fotografias que ele certamente traria. Agora, começo a temer que precisarei esperar pelo resto da vida. Já faz três anos que o Viajante no Tempo desapareceu. E, até onde qualquer um de nós saiba, nunca mais voltou.

EPÍLOGO

NÃO NOS RESTA ESCOLHA SENÃO IMAGINAR. VOLTARÁ ELE ALGUM DIA? Talvez tenha partido rumo ao passado e perecido entre os selvagens cabeludos e bebedores de sangue da Idade da Pedra; ou nos abismos dos mares do Cretáceo; ou entre os sáurios grotescos, os gigantescos répteis dos tempos jurássicos. Talvez esteja agora mesmo — se é que posso usar esta expressão — vagando entre recifes de coral infestados de plesiossauros, ou ao lado dos lagos salgados e desertos do Triássico. Ou talvez tenha partido rumo ao futuro, para alguma das épocas mais próximas, na qual os homens ainda sejam homens mas em que os enigmas de nossa época tenham sido decifrados e nossos cansativos problemas, resolvidos? Talvez tenha ido em busca da fase mais madura de nossa raça; porque, de minha parte, não posso crer que estes tempos mais recentes, com experiências banais, teorias incompletas e discórdia recíproca, sejam o apogeu de nossa era. É o que penso. Pois ele, sei muito bem — esta é uma questão que discutimos muitas vezes, antes mesmo da Máquina do Tempo —, tinha uma fé limitada no progresso da humanidade e via o crescimento de nossa civilização apenas como um amontoado de insensatez, que no final acabaria inevitavelmente desmoronando sobre a espécie humana, levando a sua destruição. Se assim for, cabe a nós levar nossa vida adiante como se não fosse verdade. Para mim, porém, o futuro é ainda obscuro e por escrever — uma vasta ignorância, aqui e acolá iluminada pela lembrança da história que ele nos contou. E tenho ainda comigo, para meu consolo, duas estranhas flores brancas — agora escurecidas e secas, esfarelando-se — como testemunhas

de que, mesmo quando a inteligência e a força tiverem desaparecido, a gratidão e a ternura mútuas ainda encontrarão espaço no coração humano.

APÊNDICE

PREFÁCIO DA EDIÇÃO DE 1931

A máquina do tempo foi publicado em 1895. É, evidentemente, obra de um escritor sem muita experiência, mas certos aspectos originais a salvaram da extinção, de tal modo que ainda hoje, após um terço de século, existem editores (quem sabe até leitores) que se interessam por ela. Sua versão final, a não ser por algumas pequenas correções, foi escrita numa pousada na cidade inglesa de Sevenoaks, em Kent. Na época, seu autor ganhava a vida, mal e mal, como jornalista. A certa altura, deparou-se com um mês de vacas magras, quando praticamente nenhum de seus artigos foi publicado ou pago nos jornais de que era colaborador habitual; e, uma vez que todas as redações londrinas que o viam com bons olhos já estavam de posse de um amplo acervo de artigos seus ainda inéditos, pareceu-lhe inviável produzir outros antes que a fila andasse. Desse modo, em vez de queixar-se do momento pouco propício, escreveu a presente história, com a esperança de encontrar-lhe um mercado em alguma área editorial pouco explorada. Ele guarda lembranças de escrevê-la a altas horas de uma noite de verão, junto a uma janela aberta, enquanto uma senhoria mal-humorada resmungava na escuridão contra o uso excessivo de sua lamparina, comunicando a toda a vizinhança sua decisão de não ir deitar-se enquanto a tal luz continuasse acesa. Ele escrevia ao som dessas reclamações. Também se lembra de discutir essa história e suas ideias principais durante caminhadas em Knole Park, com a querida companheira que lhe dava apoio muito firme durante aqueles aventurosos anos de poucas posses e de incerteza, ainda que repletos de esperanças.

Naquele momento, a ideia central desta narrativa parecia-lhe ser sua única ideia. Ele a vinha poupando havia algum tempo, confiando que um dia lhe renderia um livro muito mais substancial do que foi *A máquina do tempo*, mas a necessidade o obrigou a explorá-la sem mais delongas. Como o leitor mais atento poderá perceber, trata-se de um livro bastante desigual: a discussão inicial é planejada e redigida de modo muito mais eficaz que os capítulos seguintes. É uma pequena história que brota de raízes profundas. O primeiro capítulo, em que é explicada a ideia central, já viera à luz em 1893, no *National Observer*, editado por Henley. Foi a segunda metade que acabou sendo escrita com tamanha urgência em Sevenoaks, em 1894.

Aquela ideia única é, hoje, uma ideia de domínio público. Nunca chegou a ser especial para seu próprio autor. Outras pessoas acabavam de descobri-la. Ela brotou na mente do autor em discussões com outros estudantes nos laboratórios e nos debates do Royal College of Science, na década de 1880, e já fora experimentada por ele de diferentes maneiras antes de prestar-se a esse uso específico. A ideia a que me refiro é a noção de que o Tempo é uma quarta dimensão e de que nosso presente é uma secção tridimensional em um universo quadridimensional. A única diferença entre a dimensão do Tempo e as demais, segundo tal teoria, jaz no movimento de nossa consciência ao longo dele, o que acaba produzindo nossa impressão de um presente que avança. Evidentemente, pode haver vários "presentes", de acordo com a direção em que se faça o corte dessa secção móvel — um método de estabelecer o conceito de relatividade que não entraria em uso corrente na linguagem científica senão muito tempo depois —, e, como também é óbvio, desde que essa secção chamada "presente" é real e não uma mera abstração matemática, ela possuiria certa profundidade que pode variar de caso para caso. O "agora", portanto, não é instantâneo, é uma grandeza de tempo maior ou menor, um ponto que ainda precisa ser examinado com mais atenção pelo pensamento contemporâneo.

Minha história, contudo, não se dedica a examinar essas ou outras possibilidades; eu não tinha então a menor noção de como explorá-las. Não tinha conhecimento suficiente nessa área, e decerto uma simples história

não seria o veículo adequado para investigações mais profundas. Assim, minhas teorias expostas no início da narrativa se transformam, paradoxalmente, num romance imaginativo marcado pelas características do período em que foi escrito, em que predominavam um Stevenson ou um Kipling em princípio de carreira. O autor já fizera uma experiência prévia, num estilo pseudogermânico, ao modo de Nathaniel Hawthorne, num texto publicado no *Science Schools Journal* (1888-1889) e que agora, felizmente, se tornou inacessível. Nem todo o dinheiro de um colecionador de livros como o sr. Gabriel Wells poderia adquirir um exemplar dessa versão. Havia também outro registro da mesma ideia, destinado à publicação na *Fortnightly Review* em 1891, mas que permaneceu inédito. Intitulava-se "O universo rígido". Também este texto está irremediavelmente perdido, embora um predecessor seu tivesse vindo à luz no número de julho daquele mesmo ano; este, chamado "A redescoberta do único", era mais ortodoxo, insistindo na individualidade dos átomos. Foi então que o editor, o sr. Frank Harris, despertando para o fato de que estava publicando certos assuntos com vinte anos de antecipação, passou uma tremenda descompostura no autor e mandou retirar o texto antes que o imprimissem. Se alguma prova dele sobreviveu, deve estar nos arquivos da *Fortnightly Review*, mas duvido disso. Durante anos imaginei ter uma cópia em meu poder, mas, quando a procurei, tinha desaparecido.

Ao contrário de sua ideia, a história de *A máquina do tempo* encontra-se datada, não apenas em seu tratamento como também em sua concepção. Parece uma performance bastante amadora aos olhos do escritor agora amadurecido, quando ele a relê, mas vai tão longe quanto ia naqueles dias sua visão filosófica sobre a evolução da humanidade. A ideia de uma diferenciação social dos seres humanos em Eloi e Morlocks parece-lhe agora pouco mais que grosseira. Uma das grandes influências em sua adolescência foi a leitura de Swift, e o pessimismo ingênuo de seu retrato do futuro humano é, tal como outra história que se lhe assemelha, *A ilha do dr. Moreau*, um tributo canhestro a um mestre ao qual ele muito deve. Além do mais, os geólogos e astrônomos daquela época nos diziam mentiras terríveis

sobre o inevitável “resfriamento” do mundo — bem como dos humanos e de todos os seres vivos. Não parecia haver escapatória. O jogo da vida chegaria ao fim dentro de um milhão de anos ou menos. Eles nos impuseram essa ideia com todo o peso de sua autoridade, sendo que agora Sir James Jeans, em seu sorridente *Universo ao nosso redor*, nos acena com milhões e milhões de anos pela frente. Com uma tal dianteira, o homem será capaz de realizar qualquer coisa e de ir a qualquer parte, e o único traço de pessimismo que ainda colore hoje suas perspectivas futuras é um leve amargor de que talvez tenha nascido cedo demais. E mesmo esse dissabor pode ser contornado com o auxílio da moderna filosofia psicológica e biológica.

Temos que errar se queremos evoluir, e este autor não se arrepende desta sua obra da juventude. Na verdade, às vezes sua vaidade se sente agradavelmente recompensada quando ele vê sua velha e querida Máquina do Tempo voltar a ser referida em ensaios e conferências, ainda uma maneira prática e conveniente de fazer retrospectos ou profecias. *A viagem no tempo do dr. Barton*, com data de 1929, está aberta sobre sua mesa enquanto ele escreve — contendo inúmeros elementos com os quais ele não seria capaz de sonhar trinta e seis anos atrás. Assim, *A máquina do tempo* provou ter a mesma longevidade da bicicleta de segurança, que surgiu por volta da data de sua primeira publicação. Agora, está para ser editada e impressa de um modo tão admirável que o autor tem certeza de que ela virá a lhe sobreviver. Há muito ele abandonou o hábito de escrever prefácios para livros, mas esta é uma ocasião excepcional, e ele se sente orgulhoso e feliz em poder dizer uma ou duas palavras de reminiscência e de elogio fraterno sobre aquele seu homônimo pobretão e feliz, que viveu num ponto remoto da dimensão do Tempo, trinta e seis anos atrás.

H. G. WELLS

NOTAS

1. Wells se refere, provavelmente, a uma conferência real do astrônomo e matemático Simon Newcomb (1835-1909), em dezembro de 1893, sobre a possibilidade de construção de uma geometria quadridimensional. A palestra foi transcrita na edição da revista *Nature* de fevereiro de 1894. Newcomb escreveu também um romance de ficção científica, *His Wisdom, the Defender* (1900).

2. A Linnaean (ou Linnean) Society of London, fundada em 1788, é uma entidade voltada para o estudo das ciências biológicas, da história natural, da taxonomia etc.

3. Archibald Primrose, conde de Rosebery (1847-1929), tornou-se primeiro-ministro britânico em 1894.

4. Até hoje os estudiosos da obra de Wells debatem sobre quem terá sido essa pessoa, aparentemente bem popular na época em que o livro foi escrito. É possível que se trate de uma atriz de teatro ou music-hall que depois passou para o cinema, pois há menção a uma atriz chamada "Hetty Potter" nos filmes *Prehistoric Peeps* (1905) e *The Tramp's Dream* (1906).

5. A Esfinge Branca imaginada por Wells dá uma impressão inicial de exotismo futurista, mas a escritora Marina Warner, prefaciando uma edição de *A máquina do tempo*, lembra que o parque de Kew Gardens abriu ao público seu pagode japonês nos anos 1870, e a Agulha de Cleópatra (na verdade, um obelisco sem relação direta com a rainha) foi instalada em 1878 no Victoria Embankment, ladeado por esfinges. Tanto a Esfinge Branca quanto o Palácio de Porcelana Verde, que aparece mais adiante, são imagens muito próximas da época de Wells.

6. Grant Allen (1848-99), amigo de Wells, escreveu numerosos livros sobre ciência (grande parte deles sobre evolucionismo), além de romances policiais e de ficção científica. No mesmo ano de *A máquina do tempo*, 1895, ele lançou *The British Barbarians*, em que um historiador do futuro visita a Inglaterra vitoriana. A ideia da Terra superpovoada pelos fantasmas das gerações já mortas aparece em seu conto "Pallinghurst Barrow" (1892).

7. O jovem é George Howard Darwin (1845-1912), filho do autor de *A origem das espécies*. Ele propôs a teoria de que a distância entre a Terra e a Lua era afetada pela "fricção das marés", responsável pela velocidade da rotação da Terra. Para ele, a Lua se originara da Terra e, com o tempo, voltaria a se fundir a ela.

8. O metrô de Londres, que entrou em funcionamento em 1863, foi a primeira ferrovia subterrânea do mundo e também, em 1890, o primeiro a empregar trens elétricos.

9. A primeira câmera fotográfica portátil da Kodak entrou no mercado em 1890.

10. O ciclo referido é a rotação do polo terrestre, que descreve um cone invertido a cada 26 mil anos, aproximadamente. Na época futura a que chegou o Viajante no Tempo, no entanto, isso só teria

acontecido trinta e uma vezes, e não quarenta.

11. *Philosophical Transactions* é a publicação oficial da Royal Society britânica; foi criada em 1665.

12. Canção escocesa escrita por Caroline Oliphant, Lady Nairne (1766-1845).

13. Espécie extinta de molusco.

14. Esta é a única vez, em todo o livro, que surge o nome deste personagem; há um consenso de que se trata do próprio narrador. O instante em que o Viajante no Tempo acredita tê-lo avistado seria, logicamente, o momento em que ele abre a porta do laboratório e avista "… *a imagem fantasmagórica de uma figura sentada no centro de uma massa turbilhonante, escura, com reflexos de bronze…*".

SOBRE O AUTOR

H. G. Wells nasceu em 21 de setembro de 1866, em Bromley, Kent, e morreu em Londres, em 1946. Filho de um pequeno comerciante, trabalhou desde cedo para ganhar a vida. Em 1883, tornou-se aluno e professor-assistente na Midhurst Grammar School e, em seguida, obteve uma bolsa para estudar com o cientista e humanista Thomas Huxley. Chegou a dar aulas de biologia antes de se tornar jornalista e escritor profissional.

Wells escreveu mais de uma centena de livros, entre romances, coletâneas de contos, ensaios e textos educacionais. Nos últimos anos do século XIX, publicou quatro obras que se tornariam marcos da ficção científica: *A máquina do tempo* (1895), *A ilha do dr. Moreau* (1896), *O homem invisível* (1897) e *A guerra dos mundos* (1898).

A GUERRA DOS MUNDOS

H. G. WELLS

SUMA

O LIVRO DO JUÍZO FINAL

CONNIE WILLIS

SUMA

MOJANG

MINECRAFT
O ACIDENTE

SUMA

MOJANG
OFFICIAL PRODUCT

TRACEY
BAPTISTE

Minecraft: O acidente

Baptiste, Tracey
9788554512033
250 páginas

Compre agora e leia

O segundo livro oficial de Minecraft é cheio de ação e reviravoltas! Quando uma nova versão do jogo é inaugurada, nossa jogadora se vê cara a cara com seus maiores sonhos... e seus maiores medos.Bianca nunca foi muito boa em seguir regras... Sempre impulsiva e descuidada, ela aprende do jeito mais difícil que toda ação tem uma consequência, quando junto com Lonnie, seu melhor amigo, sofre um terrível acidente de carro.Ao acordar no hospital, paralisada pelas lesões, Bianca se vê em uma realidade com a qual não está preparada para lidar. Por isso, escolhe participar da nova versão de Minecraft e mergulhar em um mundo virtual onde todos os seus desejos estão ao alcance. Ao explorar aquele universo, ela se depara com um avatar mudo e defeituoso que acredita ser Lonnie. Então Bianca se une a Esme e Anton, outros dois jovens que jogam no servidor do hospital, para salvar seu amigo.Mas essa jornada também tem seus perigos, e eles são perseguidos por mobs que parecem gerados por seus próprios medos e inseguranças. Agora Bianca precisa lidar com todas as incertezas que a consomem: será que Lonnie está mesmo no jogo? E será possível levá-lo de volta à vida real?

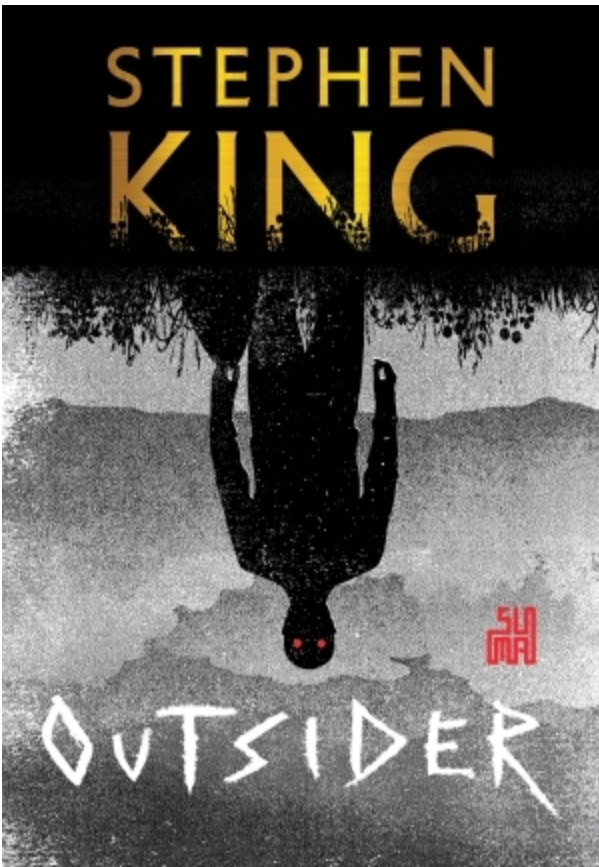
"A rebeldia cúmplice de dois adolescentes transformada pouco a pouco numa indomável história de amor." – *La Repubblica*

Paola Predicatori

MEU INVERNO EM ZEROLÂNDIA

SUMA

Compre agora e leia

STEPHEN
KING

OUTSIDER

Outsider

King, Stephen
9788554511708
528 páginas

Compre agora e leia

Um crime indescritível. Uma investigação inexplicável. Uma das histórias mais perturbadoras de Stephen King dos últimos tempos.O corpo de um menino de onze anos é encontrado abandonado no parque de Flint City, brutalmente assassinado. Testemunhas e impressões digitais apontam o criminoso como uma das figuras mais conhecidas da cidade — Terry Maitland, treinador da Liga Infantil de beisebol, professor de inglês, casado e pai de duas filhas.O detetive Ralph Anderson não hesita em ordenar uma prisão rápida e bastante pública, fazendo com que em pouco tempo toda a cidade saiba que o Treinador T é o principal suspeito do crime. Maitland tem um álibi, mas Anderson e o promotor público logo têm amostras de DNA para corroborar a acusação. O caso parece resolvido.Mas conforme a investigação se desenrola, a história se transforma em uma montanha-russa, cheia de tensão e suspense. Terry Maitland parece ser uma boa pessoa, mas será que isso não passa de uma máscara? A aterrorizante resposta é o que faz desta uma das histórias mais perturbadoras de Stephen King."Uma história envolvente que mexe com todos os nossos medos… Para os fãs dos livros antigos de King, como It: a Coisa." — Kirkus Reviews